

J. A. PIRES DE LIMA

L. 35014P.

**QUESTÕES
DE LINGUAGEM
CIENTÍFICA**

1942

DOMINGOS BARREIRA / EDITOR
Livraria SIMÕES LOPES " RUA DO ALMADA, 119 " PÓRTO

No
370142

**QUESTÕES DE LINGUAGEM
CIENTÍFICA**

J. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia da Faculdade
de Medicina do Porto — Sócio correspondente
da Academia das Ciências de Lisboa

L. 35014 P.

QUESTÕES DE LINGUAGEM CIENTÍFICA

A NOMENCLATURA ANATÓMICA PORTUGUESA

A.153006

"Saiu depois o proveitoso relatório do
Prof. Pires de Lima ao Congresso
Anatômico do Porto".

Ricardo Jorge — «Clínica, Higiene
e Hidrologia» — Fevereiro de 1939.



1942

DOMINGOS BARREIRA / EDITOR
LIVRARIA SIMÕES LOPES :: RUA DO ALMADA, 119 :: PORTO

DO MESMO AUTOR:

- As anomalias dos membros nos Portugueses* — 1 vol. de 180 pág., com 85 fig. — Pôrto, 1927.
- Fora da aula* (artigos de vulgarização científica) — 1 vol. de 334 pág. — Pôrto, 1929.
- Vícios de conformação do sistema uro-genital* — 1 vol. de 212 pág., com 115 fig. — Pôrto, 1930.
- D. Afonso VI* (a sua doença e a anulação do seu casamento) — 1 vol. de 74 pág., profusamente ilustrado. De colaboração com António Augusto Pires de Lima. — Pôrto, 1937.
- Ares do campo* (Impressões do Minho) — 1 vol. de 149 pág. — Barcelos, 1937.
- Memórias* — 1 vol. de 136 pág. — Pôrto, 1938.
- Os povos do Império Português* (Estudos antropológicos) — 1 vol. de 208 pág. — Pôrto, 1938.
- Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho* (de colaboração com Fernando de Castro Pires de Lima) — 1 vol. de 236 pág. — Barcelos, 1938.
- Mouros, Judeus e Negros na História de Portugal* — 1 vol. de 184 pág. — Pôrto, 1940.
- Lavras de um médico* (Noções de medicina preventiva) — 1 vol. de 176 pág. — Cova-da-Iria, 1940.

DEDICO ÊSTE LIVRO AO
"INSTITUTO PARA A ALTA
CULTURA", QUE, EQUI-
PARANDO-ME A SEU BOL-
SEIRO, TORNOU POSSÍVEL
A CONTINUAÇÃO DA
MINHA ACTIVIDADE.

J. A. Pires de Lima.

Prefácio

Na V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa (Coimbra, Fevereiro de 1937), propôs o Prof. Maximino Correia que fôsse nomeada uma comissão encarregada de elaborar um vocabulário tendente a unificar a nomenclatura anatómica portuguesa.

Para justificar a sua proposta, aquêle professor (15) baseou-se no que eu dissera em 1919 (9) : «É de-veras estranhável que a literatura anatómica portuguesa não empregue uma linguagem científica uniforme. Muitos são, com efeito, os vocábulos anatómicos que se escrevem e pronunciam de diferentes maneiras...»

O professor conimbricense muito bem salientou que, nas três cidades universitárias portuguesas, é diferente o modo como se escrevem e se pronunciam muitas palavras e que, às vezes, na mesma cidade, há quem as pronuncie e escreva de maneiras diversas. O caos que eu denunciava há dezóito anos agravou-se desde então e é forçoso dizer-se que, para isso, concorreu a intervenção dos filó-

logos, nem sempre sensatos, nem sempre da mesma opinião, nem sempre conhecedores de noções das ciências morfológicas e médicas e da sua evolução.

Como se compreende, por exemplo, que se diga *anemia* e, pelo contrário, *urémia*, *hiperémia*, *glicémia*, *calcémia*?

Terá razão quem pronuncia *mastoide*, *coroide*, ou *mastoideu*, *mastoideia*, *coroideu*, *coroideia*, ou ainda *mastoídeo* ou *mastóideo*?

Em 1910, Cândido de Figueiredo, aliás com a melhor das intenções, publicou o seu volume «Vícios da linguagem médica», que foi largamente discutido. Numa pequena notícia crítica, dizia eu (1):

«Há palavras que se pronunciam pelo menos de três modos diversos, conforme se trata de um médico saído da Escola de Lisboa, da de Coimbra ou da do Pôrto, não falando já dos brasileiros. E quantas vezes nenhum dêles se exprimirá bem...»

Cândido de Figueiredo e, da mesma forma, Gonçalves Viana (3), aconselhavam a dizer *mastoídeo*, em vez de *mastoideu*, como diziam os anatómicos portugueses do século XIX (Soares Franco, Serano), como aprendi, e como ensinei durante cerca de trinta anos.

Parecendo-me que António Barradas (4) perfiitava a doutrina daqueles filólogos, assim expus o meu parecer (5):

«O latim foi a língua geralmente usada nas

obras de Anatomia, desde Vesálio até meados do século XVIII. Foi nessa língua que se fixou a nomenclatura anatómica.

Albinus, por exemplo (*Historia musculorum hominis*), dizia:

Sternò-mastoideus, Sterno-thyroideus.....
e os modernos «*Nomina Anatomica*», aprovados no célebre Congresso de Basileia, e que foram adoptados em países de línguas alemã, russa e italiana, estando também muito divulgados em países de língua inglesa, aceitavam grande número de palavras com a mesma terminação, como *Sesamoideus, Stylo-mastoideus*...

Em italiano (Chiarugi etc.) traduziram assim: *Stilojoideo, Sternotiroideo*... e em espanhol diz-se: *Estilo-hioideo, Esterno-tiroideo*... (Calleja y Sánchez etc.).

Os anatómicos portugueses do século XIX sempre disseram *Pterygoideo, Sterno-hyoideo*... (Soares Franco, Serrano).

As formas propostas por Cândido de Figueiredo vão de encontro a uma tradição secular e afastam-se dos primitivos termos latinos e das suas versões em línguas mais próximas da nossa. Se Albinus e os seus contemporâneos escreviam *Stylo-hyoideus*, se os anatómicos portugueses clássicos escreveram *Stylo-hyoideo*, os espanhóis dizem *Estilo-hioideo* e os italianos *Stilojoideo*, por que motivo havemos

nós de pronunciar hoje *Estilo-hioide* e não *Estilo-hioideu*?

As razões que apresentei não tiveram eco, e os estudantes e os médicos, ao lado da prosódia, por assim dizer oficial, começaram a adoptar as formas aconselhadas pelos filólogos, nem sempre uniformes, o que veio aumentar a confusão.

Cláudio Basto (12) apresenta razões plausíveis a defender que se empregue o substantivo *mastoide* e o adjectivo *mastóidico*, em vez de *mastoideu*, *mas-toídeo* e *mastóideo*...

José Inês Louro (14) também se ocupa do assunto, apoiando a opinião dos filólogos.

Vê-se, pois, que são extraordinariamente divergentes as opiniões dos anatómicos e dos filólogos; e, por isso, que será extremamente difícil chegar a um acôrdo para a uniformização da linguagem anatómica portuguesa.

Mas, perante a dificuldade, não devemos desanimar. Para ir tentando estabelecer uma certa ordem nesta matéria, parece-me que devemos começar organizando vocabulários anatómicos, ouvindo o povo e consultando os clássicos.

Há perto de vinte anos que me ocupo da colheita de termos anatómicos populares, no Pôrto e nos concelhos de Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão.

Em 1919 publiquei um esbôço de vocabulário

anatômico popular (9), que foi aproveitado na 3.^a edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo, e, daí em diante, continuei a registrar termos ouvidos por mim.

A minha coleção, que vai a seguir, quási dobrou a que publiquei em 1919. Salvo excepções muito raras, que vão marcadas com *, tôdas estas palavras foram por mim ouvidas.

Muitas delas vão abonadas por clássicos e cumpo o dever de apresentar os meus agradecimentos, pelo auxilio que me prestaram, aos Srs. Dr. Alverto Saavedra, Dr. Augusto C. Pires de Lima e Dr. Alexandre Lima Carneiro.

Podia ter ampliado o meu vocabulário, se aproveitasse muitos termos recolhidos por outros.

Mas, como desejo apresentar apenas a minha contribuição pessoal, limitar-me-ei a citar outros trabalhos da mesma índole, de que tenho conhecimento.

Nem todos os meus vocábulos são de Anatomia humana, pois também recolhi os de Anatomia comparativa dos animais domésticos, de Anatomia Patológica, de Teratologia, bem como alguns de Fisiologia, de Obstetria e ciências afins.

Não registei termos obscenos, e fiz por enjeitar os de calão.

A minha modesta obra pode ser confrontada e ampliada com as seguintes:

Em 1910, António Barradas (2) traduziu para

português a parte osteológica dos *Nomina Anatomica* de Basileia, guiando-se principalmente por Serrano. Afirmava no seu «Vocabulário» que o anatómico lisbonense pronunciava *mastoiden*, *mastoidéia*, assim como os médicos das três escolas portuguesas, que não tinham aceitado a sugestão de Gonçalves Viana e de Cândido de Figueiredo.

Em artigos publicados posteriormente, António Barradas (4), citando diversos trabalhos anteriores de portugueses e brasileiros, faz a crítica do citado livro de Cândido de Figueiredo.

Em 1915 publicou Alberto Saavedra (5, 6) dois valiosos trabalhos, onde arquivou muitos vocábulos, ainda desconhecidos dos dicionários, vocábulos por ele colhidos, quer directamente do povo, quer nas obras de Fialho de Almeida.

No mesmo ano, António Barradas (8) defendia, na Faculdade de Medicina do Porto, uma tese notável sobre a linguagem médica de Portugal e Brasil. Consta esse trabalho de um extenso vocabulário, onde se encontram muitos termos anatómicos. Tinha António Barradas, de colaboração com João Saavedra, planeado a edição de um «Dicionário de termos técnicos de medicina». Infelizmente, apenas foram publicados os primeiros fascículos desse dicionário.

Indo no encalço de Barradas, defendeu, em 1919, a sua também valiosa tese sobre a linguagem

médica popular Alberto Saavedra (10), que arquiva numerosos vocábulos do povo, com freqüentes abonações de clássicos.

Pêna foi que Barradas e Saavedra parassem, há perto de vinte anos, nas suas tão frutuosas investigações sôbre a terminologia científica popular!

Em 1926 publicaram os irmãos Ferreira Soares (11) uma ampla colheita de termos anatómicos ouvidos na região da Feira.

No ano seguinte, Cláudio Basto (12), que tanto se tem distinguido pelos seus trabalhos de etnografia e filologia, publicava o seu opulento vocabulário camiliano, onde não se esqueceu de fazer judiciosas considerações sôbre a terminologia anatómica.

Pouco depois (1928) Luís de Pina (13) editava o vocabulário anatómico popular colhido em Guimarães.

Mencionarei, por último, os artigos de José Inês Louro (14) sôbre questões de linguagem médica, publicados desde 1934.

Os trabalhos a que aludo citam ainda outros, que omito por brevidade ou por não me ser possível consultá-los, e que devem completar a bibliografia portuguesa do assunto (1938).

Da bibliografia brasileira não deverei esquecer o vocabulário médico popular coligido por Afrânio Peixoto, no seu livro «Missangas», S. Paulo, 1931.

*

* *

Como conseqüência da proposta do Prof. Maximino Correia, feita na V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa (Coimbra, 1937), o Prof. Henrique de Vilhena, ampliando aquela ideia, propoz na VI Reunião (Pôrto 1938) que a Sociedade Anatómica organizasse a nomenclatura de tôdas as ciências morfológicas, distribuindo a tarefa por diferentes sócios.

A mim coube a secção teratológica, e comecei logo a preparar o respectivo vocabulário, para apresentar na VII Reunião.

Como se vê, desde há longos anos me preocupo com questões de linguagem científica, e, neste volume, coligirei os diversos trabalhos que, sobre tal assunto, tenho elaborado, a saber:

- *Vocabulário anatómico popular*, publicado em 1919 e reeditado, com grande ampliação, em 1938. (*Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*).
- *Bernardo Santucci e a nomenclatura anatómica portuguesa*, conferência pronunciada na Universidade do Pôrto, sob os auspícios do Instituto de Cultura Ita-

liana em Portugal, a 2 de Março de 1940 e publicada nos «Estudos Italianos em Portugal» I, 2 - 1940.

- *A linguagem anatómica de Fernão Lopes*, comunicação lida na Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, em sessão de 24 de Novembro de 1938, repetida nos «Estudos Portugueses», da Câmara Municipal do Pôrto, a 13 de Dezembro do mesmo ano (*Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, (Classe de Letras, Tômoo III).
- *A linguagem anatómica de Gil Vicente*, conferência pronunciada nos «Estudos Portugueses» da Câmara Municipal do Pôrto, a 18 de Fevereiro de 1938. («Biblos», vol. XII — Coimbra, 1938).
- *Vocabulário teratológico*, comunicação apresentada à VII Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- 1) PIRES DE LIMA: «*Vícios da linguagem médica*», por Cândido de Figueiredo. «Gazeta dos Hospitais do Pôrto», 1910.
- 2) ANTÓNIO BARRADAS: «*Nomenclatura anatómica portuguesa*». «Gazeta dos Hospitais do Pôrto», 1910.
- 3) GONÇALVES VIANA: «*Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa*». Lisboa, 1912.
- 4) ANTÓNIO BARRADAS: «*Erros correntes da linguagem médica*». «Vida Médica e Científica». Pôrto, 1914.
- 5) J. A. PIRES DE LIMA: «*Terminologia médica: coróide, cute*». «Portugal Médico». Pôrto, 1915.
- 6) ALBERTO SAAVEDRA: «*Linguagem médica popular*», idem.
- 7) ALBERTO SAAVEDRA: «*A linguagem médica popular de Fialho*», idem.
- 8) ANTÓNIO BARRADAS: «*A linguagem médica de Portugal e Brasil*». «Tese do Pôrto», 1915.
- 9) J. A. PIRES DE LIMA: «*A linguagem anatómica popular*». «Portugal Médico», 1919.
- 10) ALBERTO SAAVEDRA: «*A linguagem médica popular*». «Tese do Pôrto», 1919.
- 11) ANTÓNIO FERREIRA SOARES e ARMANDO FERREIRA SOARES: «*Tradições médicas populares da região da Feira*». «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia». Pôrto, 1926.
- 12) CLÁUDIO BASTO: «*A linguagem de Camilo*». Pôrto, 1927.
- 13) LUÍS DE PINA: «*Terminologia popular anatómica (Guimarães)*». «Portugal Médico», 1928.
- 14) JOSÉ INÊS LOURO: «*Questões de linguagem médica*». «Portugal Médico», 1934-1936.
- 15) MAXIMINO CORREIA: «*A margem da linguagem anatómica*». «Clínica, Higiene e Hidrologia», Lisboa, Agosto de 1937.

I

Vocabulário Anatômico Popular

I

VOCABULÁRIO ANATÓMICO POPULAR

A

Achegar — levar ao macho — diz-se das fêmeas dos animais domésticos (vacas, éguas, jumentas, cabras, porcas).

Afouto — sadio, valente.

Aguadilha — linfa.

Águas — urina; líquido amniótico.

Verter águas — urinar; romper-se a bolsa-de-águas.

Cf. o passo de Camões (*Auto de El-Rei Seleuco*):

«Os Physicos vem e vão,
Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharão;
E se o querem ver nas águas,
As dos olhos lh'o dirão».

(Pela inspecção da urina, os antigos médicos faziam diagnósticos).

Agulha — dente canino da primeira dentição.

«O menino está a deitar as agulhas».

Alcançar — gravidar.

Aleijado — paralítico.

O povo chama aleijados aos paraplégicos, que andam de rastos. É a única tradução que acho para o francês «cul-de-jatte».

Aliviar-se — parir.

Às vezes aludem à saída da placenta (dequitadura).
«Não estou prenha nem parida» — dizem as puerperas
que já expeliram o feto, mas não a placenta.

Altazar-o-febre — o contrário de avagar. Elevar-se
a temperatura.

Alto-da-cabeça -- vertex.

Amiüdar — emmagrecer.

Anaínho } anão.

Anáo }

Anazado — atrofiado. Diz-se das crianças fracas.

Anca — primeiro segmento do membro inferior.

O povo, às vezes, diz *arca*.

Andar ao mancli-mancli — coxear, mancar, claudicar.

Andar-de-gatinhas — diz-se das crianças que
ainda não adquiriram a atitude erecta.

Andar-de-mês — i. e. no mês consecutivo ao parto.

Anjinho — cadáver de criança.

Apertadoiro — faixa que usavam as crianças recém-nascidas.

Apojadura-do-leite — afluência do leite nos mamilos.

Camilo, «Serões».

Ar — fisionomia arrogante. «F. tem certo ar».

Us. por *Gil Vicente* (Flor. de Enganos).

Arcabouço — tórax.

Arca-do-peito — parede ântero-lateral do tórax,
Caixa torácica.

Camilo, « Bras. de Prazins »; « Ret. de Ricardina »;
« Bruxa de Monte-Córdova ».

Alencar (Iracema) diz « arcas-do-peito ».

Arco — clavículas da Galinha e do Perú.

Artelho — maléolo.

Us. por *Camilo*, « Estrêlas propícias ».

Id. por *Gil Vicente* (Tragicom. past. da Serra da Estr.,
Clérigo da Beira, Nau de Amores).

Assento — ânus e partes vizinhas das regiões
glúteas.

Assistência — menstruação.

Avagar-o-febre — declinar a temperatura.

Azambrado — com os membros tortos.

Cfr. *Gil Vicente* (O Clérigo da Beira):

« Casarás polo natal
Com mulher sem tua perda;
Seu corpo como cristal,
E achar-lhe-ás um signal
No meio da coxa esquerda.
E tem na teta direita
Hum luar com tres cabellos;
Pola cinta muito estreita,
De hua nadega contreira,
E *xambra* dos cotovelos ».

B

Bafo — ar expirado.

Bagadas — lágrimas.

Camilo « Mist. de Fafe ».

Bandó — madeixa espessa de cabelo lançado sôbre
a testa. O mesmo que *poupa*.

Barba — mento, queixo.

Us. por *Camilo* «Bruxa de Monte Córdova», «Cenas da Foz», «A viúva do enforcado».

Barbela — mento, queixo.

Barriga — abdomen.

Gil Vicente (Comed. de Rubena, Farsa dos Físicos).

Camilo, «A filha do Arced.», «A viúva do enforc.».

Com a significação de útero «A filha do arced.».

No Brasil: «Apanhar barriga» — ficar pejada (*Afrânio Peixoto*, «Missangas»).

Barrigada — gravidez.

F. traz uma barrigada, anda com a barriga grande, traz a barriga à boca — está grávida.

Barriga-da-perna — região sural, r. tibial posterior.

Empregado por *Santucci* (Anatomia, 1739) e por *Sá Matos* (Biblioteca elem. Cirúrgico-Anatómica, 1788).

Barriga-de-água — ascite.

Bazulaque — mulher muito gorda.

Camilo «A Corja».

Beiça }
Beiço } lábio.

Sá Matos — (Bibl. elem. cir.-anat.) emprega este vocábulo no género masculino.

Santucci (Anatomia) chama *beiços* aos grandes lábios da vulva.

Camilo fala em *beiço superior* (Morg. de Romariz).

Gil Vicente emprega os termos *beijo*, *beijã* e também *beijo de baixo*.

«Item mais me prometi
Nua à pedra da estrema,
Quando eu tive a postema
No beijo de baixo aqui»

— diz a Maria Parda no seu Testamento.

Beijo-rachado — lábio leporino.

Bexiga-do-fel — vesícula biliar.

Êste vocábulo encontra-se nos antigos anatómicos portugueses.

Bichinho — recto de criança.

«Êste menino tem o bichinho de fora» — tem prolapso do recto.

Cf. Mal-do-bicho — rectite epidémica dos países tropicais.

Bicho-do-ouvido — diz-se que um indivíduo nos mata o «bicho do ouvido» quando insiste demasiadamente no mesmo assunto. Será referência ao caracol?

(V. *Serrano* — Osteologia, 1).

«Cada ouvido he um caracol, de materia que tem sua dureza» (*Vieira* — Sermões, IV, 330).

Bico-do-pé — extremidade distal do pé.

«Pôr-se em bicos-de-pés».

Bitto-do-peito } mamilo.
Bico-do-seio }

Camilo — «Grac. que matam».

«Ó bicos de minha mama!» — é o grito desesperado da Maria Parda, de *Gil Vicente*.

Bigode — conjunto dos pêlos implantados na face cutânea do lábio superior.

Bôca-do-corpo — vulva.

Us. por *Fialho de Almeida* (Os Gatos).

Bôca-do-estômago — epigastro.

Bochecha — região genal.

Boches — pulmões do Porco etc.

Bofe — pulmão.

Empreg. por *José Manuel Chaves* «Febriologia», *Sá Matos* «Bibl. Elem.», e *Santucci*. Idem por *Camilo* «A Filha do Arced.», «Eusébio Macário».

Bogalha-do-ôlho — globo ocular.

Diogo Fernandes Ferreira — «Arte da caça de altaneira», Séc. xvii, chamava *bugalho* ao globo ocular dos falcões e outras aves. No Brasil diz-se *boteco* (*Afrânio Peixoto*, «Missangas»).

Fialho de Almeida (Mad. do Campo Santo) diz *bogalhos* e *Eça de Queirós* (O Mandarim) diz *bugalho d'olho*.

Bolada — gestação.

«Tive 12 boladas — tive 12 partos ou abortos».

Bòlinhas — testículos. Ouvido na Póvoa-de-Varzim.

Bom-sucesso — parto normal.

Braço — braço, cotovelo e antebraço.

Branco-do-ôlho — esclerótica.

Camilo — «O Santo da Mont.».

Brinco — o mesmo que *conta*.

***Bucha-do-braço** — região anterior do braço.

Camilo — «Bruxa de Monte Córd.».

* **Bucha-da-perna** — V. *Barriga-da-perna*.

Camilo — «O Santo da Mont.».

Bucho — estômago do Porco.

Camilo — Morg. de Rom., «Maria Moisés», «Bruxa de Monte Córdova», designa assim o estômago humano.

«Meter-a-fala no bucho» — fazer calar.

Camilo — «O que fazem mulheres».

Buço — bigode incipiente.

Buraco-do-ouvido — canal auditivo externo.

C

Cabeça-do-dedo — extremidade distal do dedo.

Cabeça-do-membro — glande.

Cabeleiro — um cabelo.

Cachaceira — nuca.

Cachaço — nuca.

Usado por *Santucci e António de Almeida* «Med. oper.», 1825.

Idem por *Camilo* («Filha do Arced.», «Viúva do Enforc.»).

Caco

Caco-da-cabeça } abóbada craniana.

V. *Casco*.

* **Cadeiras** — ancas.

António de Almeida chama «junta-das-cadeiras» à articulação coxo-femural.

Térmo us. por *Fialho de Almeida* (Mad. do Campo Santo).

Cf. vocábulo espanhol.

Calcanhar — parte posterior do colo-do-pé.

Us. por *Gil Vicente* (Nau de Amores).

Caluga — nuca. Tecidos moles da nuca e pescoço (do Porco).

No sentido de *nuca*, us. *Camilo* «Morg. de Romariz». Id. «Santo da Montanha».

Cambado — com as pernas tortas.

Campaínha — úvula.

Empreg. por *Sá Matos*.

Id. por *Camilo* «Morg. de Romariz», «Ela bocejava nos entreactos até mostrar as campainhas».

Cana-do-nariz — ossos nasais.

«Os *nasais* são pares, unidos na linha média, lamelares, trapesóides, formam a parte saliente da *cana do nariz*», (*Serrano* — Trat. de Osteologia humana, 1, Lisboa. 1895).

Canas-do-braço — cúbito e rádio.

Garrett (Romanceiro-Bernal francês).

António de Almeida (Mét. de curar as feridas das armas de fogo, 1717) chama *faca-de-entrecanas* à *faca interóssea*.

De uma pessoa forte diz-se: «é *duma cana só*».

V. *Pulso*.

Canela-da-perna — bôrdo anterior da tíbia, região tibial anterior.

Santucci usa o termo *canela*.

Idem *Camilo* «Filha do Arced.», «Cenas da Foz» e
Fialho de Almeida «O país das uvas».

Id. *Gil Vicente* «Auto da Hist. de Deus».

Canhoto — que trabalha com a mão esquerda.

Canto-da-bôca — commissura labial.

Cantos-dos-olhos — ângulos dos olhos.

Emp. por *Santucci*.

Capado — castrado.

Capador — perito na castração dos porcos.

Capação — castração.

Capão — galo castrado.

Capar — castrar.

Capelas-dos-olhos — pálpebras.

Santucci usa o termo «capela».

Cara — face.

Usado por *Santucci* e *Sá Matos*.

Id. por *Gil Vicente*.

Caracóis — madeixas de cabelo anelado.

Carcassa — esqueleto. Pessoa velha e alquebrada.

Careca — calvo.

Carne-viva — região superficial, a que falta a pele
 ou a mucosa.

Carçoço — adenite.

Afrânio Peixoto (Missangas) e *Luis de Pinu* (Terminol. pop. anatómica) traduzem carçoço por cartilagens da laringe (carçoço-do-pescoço).

Casco — couro cabeludo; crânio; unha do Boi ou do Cavalo.

«Puxar pelo caco» — pensar.

Camilo — «Am. de Perdição», *Serrano* (Osteologia 1), *Bernardes*, «Ex. espirituais» designam por casco o crânio humano.

Id. *cascos* (*Camilo* — «Maria Moisés»).

Id. *casarias* (*Camilo* — «Cavar em ruínas», XIII).

V. *Caco-da-cabeça*.

Catracego — estrábico,

«É catracego, olha contra o govêrno».

Caveira — crânio ósseo,

Cera-do-ouvido — cerúmen.

Cerno

Cêssego } recto

Cêso

Êste último usado por *Santucci* e por *António Ferreyra* «Cirurgia», 1705.

O povo também chama *cerno* à parte inferior da coluna vertebral.

Fialho diz *sessô*.

Também há quem escreva *sêssego*.

Céu-da-bôca — abóbada e véu palatinos.

Camilo, «Cenas Contemporâneas», «O Esqueleto», «Fialho Nat.», «Amor de Salvação».

Chave-da-mão — largura da região palmar ao nível da comissura do polegar.

Ângulo formado pelo polegar e indicador estendidos.

Cheia, adj. — grávida (diz-se das vacas).

Chicha — carne.

Chucha — mamilo das mulheres que amamentam.

Cinta — circunferência do tronco, acima das cristas ilíacas.

Us. por *Gil Vicente*, «O Clér. da Beira», V, o termo AZAMBRADO.

Coado — pálido.

Us. por *Camilo* «Anátema». (V. *Cláudio Basto* — A linguagem de Camilo).

Coelhos — músculos soas (do Porco).

Coiro-cabeludo — partes moles da região epicraniana.

Colada — vísceras torácicas, com a traqueia, a laringue e a língua (no Boi, Carneiro etc.).

Camilo «O esqueleto», «Cenas da Foz».

Colo — pescoço.

«F. trás o menino ao colo».

Cf. *Gil Vicente*:

«O meu triste e avesso fado
Desde o colo da parteira
Me quis mal de tal maneira
Que não sei por que pecado
Sempre me vi estrangeira».

(*Com. de Rubena*).

Contas — apêndices piriformes que as cabras e os porcos possuem, algumas vezes, no pescoço (cabras conteleiras).

J. A. Pires de Lima — Agenesia do canal audit. ext. e atrofia da orelha «An. C. Fac. Med. Pôrto», II.

Corcunda — cifótico. Cifose.

Cordoveias-do-pescoço — músculos esterno-cleido-mastoideus salientes em indivíduos magros.

Camilo — «O Santo da Mont.», «Retrato de Ricard.», *Cruz e Silva* — «Hissope» III.

Corlas — bilis expelida por vômito.

Também empreg. no Brasil (*Af. Peixoto* — «Missangas»).

Coroa — tonsura dos eclesiásticos.

Gil Vicente emprega já este vocábulo (Romagem de Agravados etc.).

Corpo — tronco.

Corropio — turbilhão de cabelos. O mesmo que *redemoínho*.

Costado — dorso.

Camilo «A filha do Arced.».

Costas-da-mão — região dorsal da mão.

Costela-mendinha — duodécima costela.

Cit. por Ricardo Jorge.

Dá-se este nome à região das falsas costelas do Boi. No Brasil diz-se costela-mindinha (*Af. Peixoto* «Missangas»).

Costelas — hipocôndrios.

Costura — cicatriz.

Cotovelo — região olecraniana.

Cotulo-da-cabeça — vertex.

Cova-da-mão — Poculum Diogenis.

Cova-do-dente — alvéolo dentário.

Cova-do-ladrão — fosseta da nuca.

Coxão — coxa da galinha.

Cravo — verruga cutânea.

Criança-de-peito — criança de mama, que ainda não foi apartada.

Cruzes — região lombar.

Camilo — «Cav. em Ruínas», XIII.

Cultivada — o mesmo que prenhe. Diz-se das vacas, quando estão grávidas.

Curva-do-braço — região da flexura do cotovelo, sangradouro.

Curva-da-perna — região poplíteia.

Cuspe — saliva.

Gil Vicente diz «cuspinhos» no *Auto das Fadas*.

D

Dar-de-corpo — defecar.

Debaixo-do-braço — cavidade axilar.

Dedo-grande — hallux.

Dedo-mendinho — 5.º dedo da mão, dedo auricular.

Camilo — «O bem e o mal»,

«O mendinho foi à caruma,
O vizinho foi à lenha,
O maior-de-todos achou um ovo,
O fura-bolos fritou-o.
O mata-piolhos lambeu-o.»

(Popular).

•Resta-me consignar, por porteguesíssima, a pitoresca e expressiva designação popular dos dedos da mão, do quinto para o primeiro: o *meminho* (corrupção de

mínimo), *seu vizinho* (anular), *pai de todos* (médio), *fura bolos* (indicador), *mata piolhos* (polegar).

(Serrano — «Trat. de Osteologia», II).

Defunto — cadáver de adulto.

Degajado — derreado, com dificuldade nos movimentos.

Deitar-a-barriga — abortar.

Dente-de-baixo — da maxila inferior.

Dente-de-cima — da maxila superior.

Dente-da-frente — incisivo.

Dente-do-siso — último grande molar.

Desandadela — abôrto.

Desfazer-o-porco — dividi-lo às postas, esquartejá-lo.

Desnocar — luxar uma articulação.

«Desnocara um joelho», *Camilo* «Am. de Perdição», «Mist. de Fafe».

Trocar-a-noca — andar desajeitadamente.

Desmancho — abôrto.

Us. também no Brasil (*Af. Peixoto* — Missangas).

Doairo — fisionomia.

«Esta menina tem um doairo triste». Também se diz doáiro.

Gil Vicente usa este vocábulo (Aut. past. português, Comédia de Rubena, Quem tem farelos).

E

Elo-da-espinha — vértebra.

«Viam-se-lhe os elinhos da espinha», diz-se de pessoa muito magra.

Embaraçada — grávida.

Embigo — região umbilical.

Empreg. por *Santucci, Sá Matos, J. Manuel Chaves* e também por *Filinto Elísio*.

Muito usado por *Gil Vicente* (Auto da B. do Purgatório etc.).

Embigueira (ou **imbigueira**) — cordão umbilical.

Termo colhido em Paredes por *A. Saavedra*.

Em-leitão — nú.

Empêquecido — atrofiado no desenvolvimento, atardado (*arrièré*).

Emprêgado — paralítico, entrêvado.

Em-pelote — nú.

Encarangado — paralítico.

Camilo (A engeitada).

Encomenda — pénis.

Encontros — ombros.

«F. é largo dos encontros» — com ampla distância biacromial.

Camilo emprega o termo em «Dôze casam, felizes». No seguinte passo, creio que designa por êsse termo a bacia: «a rapariga trás menino na gera. Repare-lhe para aqueles encontros...» (O Sangue).

Encorrilhas — rugas cutâneas.

Engatinhar — o mesmo que andar-de-gatinhas.

Engiva — gengiva.

Engulideiras — faringe e esófago.

«Passar às engulideiras» — engulir.

Enjêcido — atrofiado, atardado (*arrièré*).

Entranhas — vísceras.

Termo usado por *Santucci* e por *António de Almeida Gil Vicente* dá-lhe o significado de útero (Com. de Rubena, Nau de Am., Frágoa do Amor, Auto da B. da Glória, Com. do Viuvo, D. Duardos).

Entretêtos — faixa média da face ventral do corpo, que abrange as duas séries de glândulas mamárias (no Porco).

O povo pronuncia *antretetos*.

Envide — cordão umbilical.

Soares Franco «Elem. de Anatomia», 1818.

V. *invide*, *vide*.

Também já ouvi dizer *enguia*.

Enxúndia — tecido adiposo que envolve as vísceras da galinha.

Camilo «Cav. em ruínas», XIII.

Esbaforir — ter dispneia.

Esganifado — muito magro, esquelético.

Esguedelhado — com o cabelo desajeitado, por pentear.

Espinha — coluina vertebral.

Camilo — (A Bras. de Prazins, A queda dum Anjo),

(Vinte horas de liteira). A primeira porção do rachis chama espinha cervical (O degredado) e a tôda a coluna espinha dorsal (Filho N.).

V. *Elo-da-espinha*.

Espinhaço — coluna vertebral.

Empreg. por *Santucci e Soares Franco*.

Id. por *Camilo* «Amor de Salvação», «O Degredado».

Id. por *Gil Vicente* (Rom. de Agravados).

Espinhela — apêndice xifoideu.

Empreg. por *Santucci* e por *J. Manuel Chaves* «Febriologia», 1790, *Gomes Lourenço* «Cir. Clássica», e também por *Camilo* «A cav. da mártir».

A espinhela caída provoca, segundo o povo, a clorose e outros estados anémicos. A crença estende-se ao Brasil (*Afrânio Peixoto* — «Missangas»).

Estômago — estômago.

Us. por *Camilo* «O filho natural».

Também usado nos *Lusiadas*.

Estantio — espantado, pasmado.

Esquerdo — que trabalha com a mão esquerda.

Exbarrigar — parir.

Expedir — morrer. «Está a expedir...»

F

Fábrica-coberta — fimose.

Faltas — amenorreia.

Falta-de-ar — dispneia.

Fanado — com falta de uma das orelhas.

Fato — vísceras.

«Vomitei tanto, que me veio o fato à boca».

Empreg. por *Camilo* «Euséb. Macário».

Fazer-a-sua-vida — defecar.

Febrão ... língua saburrosa.

Febras — tecido muscular (do Porco).

Fecho — região sacro-coccígea.

Fel — bile; vesícula biliar com o seu conteúdo (no Porco).

Us. por *Gil Vicente* no «Auto da B. do Purgat.» e no «Auto das Fadas».

Figura — face. Ameaça de agressão: «Eu salto-te à figura!».

Us. por *Gil Vicente* (Auto da Hist. de Deus) e por *Sá Matos*.

Fio — tendão. Sobretudo os tendões do punho, do colo do pé, da mão e do pé.

Fio-da-espinha

Fio-das-costas } coluna vertebral.

Fio-do-lombo }

Flauta — perna. Cf. etimologia de tibia.

«Dar às flautas» — fugir.

Camilo «A Corja».

Focinho — face, nariz; maxila superior com as fossas nasais (no Porco).

O povo chama *fuças* às fossas nasais. Esse termo é sinónimo de focinho. No Brasil diz-se *fuças* ou *fussas* (*Af. Peixoto* «Missangas»).

Muito us. por *Gil Vicente* (Auto da B. do Inf., Nau de Amores, Auto das Fadas etc.).

Fole
Fole-das-migas } estômago.
Fôlego — pessoa.

«O rio Ave há-de comer um fôlego vivo por dia» — morrerá cada dia uma pessoa afogada.

Fonte — região temporal.

Camilo -- «Amor de Salvação», «A Caveira da Mártir», «Bruxa de Monte Córdova».

Fôrça — hérnia.

«Fiz uma fôrça» — adquiri uma hérnia.

Fortuna — mancha branca nas unhas.

Fralda — região da vitela, que fornece carne barata.

Fundo-das-costas — região sacro-coccígea.

Fura-bolos — dedo indicador.

G

Gadelhas — cabelo comprido.

Us. por *Gil Vicente* (Exhort. da Guerra).

Garganta — faringe, laringe, pescoço.

Camilo «A Filha do Arced.», «O Esqueleto», «A Morg. de Romariz», «Carl. Angela», «Viúva do Enforc.».

Fialho «Contos», «Cid. do vício», «O país das uvas», «Barbear, pentear».

Gargomilo — faringe.

Gasganete — pescoço.

Camilo diz *gasnete* «Cenas Contemp.»,
Id. *Fialho de Almeida* «O País das Uvas».

Gèradoiro — gravidez.

«F. anda com um gèradoiro» — F. está grávida.

Golas — garganta. Cf. vocábulo italiano.

Gorgomilo — O mesmo que gargomilo; pescoço.

Us. no pl. por *Camilo* «A Viúva do Enforc.», «A filha do Arced.», «O Santo da Mont.», «Eusébio Mac.», «Ret. de Ricardina».

Af. Peixoto (Missangas) diz *gorgomilho*.

Gil Vicente diz gorgomilo (Farsa dos Físicos) e gorgomileiras (Pranto de Maria Parda).

Gorje — traqueia e laringe do Porco.

Goto — endo-laringe.

«Engasguei-me, caíu-me uma migalha no goto».

Gozar — violar, desflorar.

Grão

Græiro } testículo

Greiro }

Grenha — cabelo comprido.

Gùelas — faringe.

Camilo diz «goelas» (O Comendador, Viúva do Enforc.)
e também «guelas», (Morg. de Romariz).

Gil Vicente diz também guelas:

«Triste desaventurada
Que tão alta está a canada
Para mi como as estrelas;
Oh, coitadas das guelas!
Oh, guelas das coitadas!»

— pranteia-se a bêbada Maria Parda.

I

Ilharga — região ilíaca; espinha ilíaca ântero-superior.

Termo usado por *Santucci*.

Gil Vicente diz «Ilhargadas» (Comédia de Rubena, Triunfo do Inverno).

Impossíveis — testículos.

«F. ainda estava na massa dos impossíveis» — muito antes de nascer.

Incómodo — menstruação.

Íngua — adenite.

Invide — cordão umbilical.

Us. por *Camilo* «Maria Moisés».

V. *Envide*, *vide*.

J

Jarrete — região poplítea.

Us. por *Camilo* «Am. de Perdição».

Joanete — 1.^a articulação metatarso-falângica, sobretudo no *hallux-valgus*.

Us. por *Camilo* (Doze casam. felizes, Cenas da Foz' O Comendador, «Viúva do Enforcado», «O que fazem mulheres»).

Jogadoiro — articulação.

Jugadoiro — o mesmo que jogadoiro.

Junta — articulação.

L

- Lagrimelar** — chorar.
- Levantada** — diz-se dos animais domésticos com cio.
- Levar-a-carrachucho** — conduzir uma criança às costas, com os membros inferiores aos lados do pescoço.
- ***Levianos** — pulmões do Porco.
Us. em Vairão (Vila do Conde).
- Limões** — seios de rapariga virgem.
Cf. *Camões* «Os Lusíadas», IX, 56.
«Os formosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tétas imitando».
- Lobinho** — quisto sebáceo do couro cabeludo.
- Lombos** — músculos das goteiras vertebrais (do Porco).

M

- Maçã-da-cara** — região malar.
Camilo diz «maçã-do-rosto» (Vingança, Morg. de Romariz).
- Madre** — útero.
«F. tem a madre caída» — tem prolapso do útero.
Empreg. por *Sá Matos*.
Também us. no Brasil (*Af. Peixoto* — Missangas).

Em *Gil Vicente*:

«Ó Senhora Biscaíña,
Fiai-me canada e meia,
Ou me dai uma candeia,
Que me vai esta alma minha.
Acudi-me dolorida,
Que trago a madre caída,
E çarra-se-me o gorgomilo.

(Pranto de Maria Parda).

— «E levar-me-heis ao ombro
Não me corte a madre o frio».

(Farsa de Inês Pereira).

Maior-de-todos — dedo médio.

Malota — com cifose raquítica.

Mama — região mamária.

Maneta — com ausência parcial ou total dum dos membros superiores.

Manco — com ausência total ou parcial dum dos membros inferiores.

Maneio — gordura do boi.

Mão-travessa — largura máxima dos quatro últimos dedos em adução.

Marranica — cifótico.

Marreca — com cifose raquítica.

Mata-piolhos — dedo polegar.

Meio — pele e tecido célula-adiposo das regiões compreendidas entre as pás e os presuntos (do Porco).

Membro — penis.

Sá Matos «Bibliot. Elem.» e Santucci.

Menina-do-olho — pupila.Cf. *Gil Vicente* (*Amadis de Gaula*).

«Y como digo, aunque pene,
Dissimula sus enojos,
Como á su estado conviene:
Pero dende niña os tiene
Em las miñas de sus ojos.»

Também usado por *Camilo*.**Mês** — menstruação.

Mijina }
Mijo } urina.

Mioleira — o mesmo que miolos.**Miolos** — encéfalo.

Santucci usa os termos «miollo grande» (cérebro) e miollos. *Fonseca Henriques* (*Anc. Medicinal*, 1731) diz *meolos*.

Camilo usa o termo em «A Cáv. da Mártir» e *Bernardes* nos «Exerc. Espirituais». No «Am. de Perdição», *Camilo* designa por miolo o cérebro e em «O Degredado» dá o nome de miolos aos hemisférios cerebrais.

Gil Vicente emprega o vocáb. «miolos» muitas vezes (*Exhort. da Guerra*, *Velho da Horta*, *Auto da Fama* etc.).

Mirolho — estrábico.**Miúdo** — de pequena corpulência.**Miúdos** — vísceras dos animais domésticos (galinha, etc.).**Mó** — dente molar.**Moela** — estômago da Galinha e outras aves.

Gil Vicente fala nas «muelas dos patos» (*Auto da Lusitânia*).

* **Mola-patella** — rótula. Ouvido em Marco-de-Canavezes.

V. *Serrano* «Osteologia» II.

Moleira — grande fontanela.

Santucci designa por «moleira» o vertex e por osso da moleira o parietal.

Muitas vezes empreg. por *Gil Vicente* (Farsa dos Físicos, Cortes de Júpiter, etc.).

Molejas — corpo tiroideu dos Mamíferos domésticos.

Moleirinha — grande fontanela.

Empreg. por *Soares Franco*.

Monco — muco nasal.

Empreg. por *J. Bento Lopes* «Anno Medico» 1796.

Mosca — conjunto dos pêlos implantados na face cutânea do lábio inferior.

Mouco — surdo.

Móvito -- abórto.

N

Namorada — desflorada.

V. *Camilo* «Mistérios de Fafe» e «Demónio do Ouro» (apud *Cláudio Basto* — A linguagem de Camilo): *filho-de-namôro* — filho bastardo.

Narizes — fossas nasais.

Empreg. por *Camilo* «Amor de Perdição» e *Rui de Pina* «Cr. de El-Rei D. Duarte», XIV.

Nascedouro — porção terminal do canal vulvo-vaginal.

«A criança já está no nascedouro.»

Natureza — órgãos sexuais masculinos.

Navio — esterno das Aves (Galinha, Perú).

Nervo — tendão, aponevrose (nos animais domésticos).

***Norsa** — articulação.

Ouv. em Castanheira-da-Pera.

Nós-dos-dedos — face dorsal das articulações metacarpo-falângicas e interfalângicas.

V. *Serrano* «Trat. de Osteologia humana», II.

Nuca — região occipital.



Obrar — defecar.

Ocupada — grávida.

«F. anda ocupada» — F. está grávida.

Ôlho

«Deitar o rabo do ôlho» — espreitar.

«Deitar mau olhado» — provocar a infelicidade a alguém. «Olhar contra o Governo» — ser estrábico.

V. Vista, Vesgo, Bogalha-do-ôlho, Menina-do-ôlho.

Olheiras — sulco correspondente ao bôrdo aderente das pálpebras inferiores.

Ombro — região deltoideia.

Camilo dá-o como sinónimo de braço (Am. de Perd.).

Operação-de-barriga-aberta — laparotomia.

Orelha — pavilhão auricular.

Orelheira — orelhas de Porco.

Ossada — esqueleto.

«Dar a ossada» — morrer.

Usada por *Camilo* (Retr. de Ricardina).

Osso-do-cerno — extremidade inferior da coluna vertebral.

Ossos-da-soã — coluna vertebral (do Porco).

Ouvido — canal auditivo externo.

Oveira — ovário e oviducto da Galinha.

Fialho diz *oveiro* (Os Gatos).

P

Pá — membro anterior, menos o segmento distal (do Porco).

Pá-do-ombro — espádua.

Palma-da-mão — região palmar.

Palmo — distância entre as polpas dos dedos polegar e auricular em abdução forçada.

Papada — tecidos moles da região ântero-lateral do pescoço (do Porco).

Papo — primeiro estômago das Aves.

João de Barros (Panegíricos) confunde a laringe do Rouxinol com o papo: «Plínio por outra tanta diversidade de palavras explicou, acharemos que todas as proporções da música estão marcadas no papo de um tão pequeno animal, como é este passarinho.»

Párias — secundinas.

Empreg. por *Fonseca Henriques* (Ancora Medic.). *Joam Vigier* (Thesouro Apollineo, 1745 diz «pareas».

Parida, s. f. — parturiente, puérpera.

Us. por *José M. Chaves e Fonseca Henriques*.

Paridura — parto.

«Morrer de paridura».

Partes

Partes-fracas

} órgãos genitais externos mascul.

Parto — lóquio.

Passar — morrer.

V. *Cl. Basto* — «Ling. de Camilo».

Cf. termo inglês *passed away*.

Passarinha — baço?, órgãos genitais femininos.

«Treme-lhe a passarinha».

Empreg. por *Aquilino Ribeiro* «Via Sinuosa».

Us. no Brasil (*Af. Peixoto* — Missangas).

O anatómico brasileiro *Silva Santos* diz que «passarinha» é o pâncreas.

Pé-aberto — com um entorse.

Pé-torto — pé bôto.

«Ponha aqui o seu pésinho,

Ponha aqui ao pé do meu:

Se êle é torto, enganchado,

O Senhor assim mo deu.»

(*Quadra popular*)

Pedro — cego (do Porco).

Pegar — conceber. Diz-se dos Mamíferos domésticos.

Peito — thorax: região mamária; região esternal do Porco.

Camilo emprega o termo *peitos* como sinónimo de mamas (O esqueleto), e usa o mesmo termo no singular como o significado de thorax (Vingança, O Santo da Montanha).

Com o mesmo significado o empregam *Júlio Dinis* (Pup. do senhor reitor) e *Fialho* (Contos, Pasquinadas).

Peito-do-pé — região dorsal do pé.

Pelado — com falta de cabelos ou pêlos; diz-se dos homens e dos animais domésticos.

«Este é de raça de cão pelado».

Peleiro — pélo.

Peludo — hirsuto.

Penca — nariz.

Pente — púbis.

Pera — conjunto de pelos implantados no mento.

Perdedela } abôrto.

Perigadela }

Perigar — abortar.

Perna — membro inferior, menos a anca e o pé.

Pernil — segmento distal de qualquer dos membros (do Porco).

Pés-de-galinha — rugas cutâneas divergentes junto dos ângulos externos dos olhos.

Pestanas — cílios.

Pissalho — pénis dos animais domésticos.

Polegada — comprimento da falangeta do polegar.

Ponta-do-nariz — extremidade do nariz.

Pontas-dos-dedos — extremidades livres dos dedos.

Posterior, s. m. — regiões glúteas.

Gil Vicente diz pousadeiro (Comédia de Rubena etc.).

Poupa — madeixa de cabelos salientes na região frontal.

«Não quero mulher de poupa
Nem de caracois na testa:
Eu não quero ser a árvore
Onde o cuco faz a festa...»

F. C. Pires de Lima «Cantares do Minho», 823.

Prenha. adj. — grávida.

Presunho — V. *pernil*.

1.º dedo das galinhas.

***Presuntinho-da-mão** — eminência thenar.

Reg. por *B. Sueiro* (Arcadas arteriais palmares, «Arq. de Anat. e Antropol.», III).

Presunto — membro posterior do Porco, menos o pé.

Pucho — cabelo da mulher amarrado no vertex ou na região occipital.

Pulso — punho.

Camilo fala em «Piramidal do pulso» (Bruxa de Monte Córd.) e em *pulsos de uma só canã* (Grac. que matam).

V. *Canas-do-braço*.

Punho-fechado — mão com os dedos flectidos.

Q

Quadril — anca: parte externa da região iliaca.

Camilo (Bruxa de Monte Córdova) emprega o termo *quadris*.

Id. (O Comendador e Maria Moisés).

No sing. us. por *Fialho de Almeida* (O País das uvas).

Gil Vicente emprega o termo no Auto da B. do Purgat. e na Com. Rubena. Naquele, diz o Diabo à regateira Marta Gil:

«Folgo eu bem porque viestes
Oufana e dando ó quadril»

Quebrado — com uma hérnia. O mesmo que *rendido*.

Queixada — mandíbula do Porco.

Queixadas — maxilas.

Us. por *Camilo* (Mist. de Fafe). *Gil Vicente* emprega muitas vezes o termo (Auto da B. do Purgat., Nau de Amores etc.).

Queixal — dente molar. O mesmo que *mó*.

Queixo — mento.

Santucci diz «queixo inferior» ou «barba».

Camilo diz queixo superior por maxila superior (Amor de Perdição) e queixo inferior por mandíbula (O Cego de Landim).

Queixos — maxilas.

Us. por *Camilo* (O filho nat.).

R

Rabada — extremidade caudal do bacalhau, pescada ou outro peixe.

Rabadilha — coccyx.

Us. por *Gil Vicente* (Farsa dos Almocreves).

«Nas obras clássicas de Cruz e Ferreira (Século xvii), esta parte do espinhaço recebe portuguesissimamente o nome de *rabadilha* — também termo castelhano usado por Martinez no século passado e ainda hoje por Calleja — que não merece o olvido dos modernos anatómicos.»

(*Serrano* — «Tratado de Osteologia humana» 1, Lisboa 1895).

Rabo — cauda; ânus e regiões glúteas no Homem.

Muito usado por *Gil Vicente* (Auto da Feira, Auto da B. do Inferno etc.).

Ranho — muco nasal.

Ratinhos — dentes da primeira dentição.

Redemoínho — turbilhão na implantação dos cabelos.

Redenho — mesentério e outras pregas peritoniaes (no Porco).

Us. por *Santucci, Camilo* (Cego de Landim) e *Ricardo Jorge* (Em verdade).

Reins s. f. — região lombar.

«Doi-me a reins».

Camilo emprega-o como sinónimo de rins (A Bruxa de Monte Córd.) (os réins).

Usa o mesmo termo na «Filha do Arced.» e «O Condenado».

Render — adquirir uma hérnia.

«F. rendeu» ou «é rendido» — tem uma hérnia.

Repas — madeixas raras de cabelo lançadas sobre a testa.

Rijões — músculos largos do dorso, thorax e abdómen (do Porco).

Ril — rim dos animais domésticos.

Rilada — tecido adiposo peri-renal (do Boi).

Rins — região lombar.

Us. por *Camilo* «O Comendador», «A viúva do enforc.».

Rosto — face.

Us. por *Santucci* e *José Manuel Chaves*. Id. por *Sá de Miranda*.

Empreg. por *Gil Vicente* (Auto da Alma, Rom. de Agravados, etc.).

Rugibó — borborismo.

Ruim — epiteloma cutâneo, cancroide.

Rutura — hérnia.

S

Sabugo — medula (do Porco).

Sabugo-da-unha — derme sub-unguial, madre da unha.

Us. por *Camilo* «Estrêlas prop.»

Sabugo-do-ósso — medula óssea.

Saingue — sangue.

Sangradouro — região da flexura do cotovelo.

Sanguidade — hereditariedade.

«Isto é de sanguidade» — é hereditário.

Saúde — menstruação.

Seio — mama.

Us. por *Camilo* (O Esqueleto), (A Corja). Promontório dos seios diz em (O degredado).

Semblante — fisionomia.

Us. por *Gil Vicente* (Com. de Rubena), que também diz sembrante (Auto da B. do Purgat.).

Setemesinhos — indivíduo que nasceu prematuramente, com sete meses de gestação.

Seu-vizinho — dedo anular (vizinho do dedo mindinho).

Singela adj. — animal doméstico fêmea (vaca, égua), quando não está grávida.

Sobrancelha } região supraciliar.

Sobreceño }

Sobre-cu — uropígio da Galinha.

Sobrôlho — região supraciliar.

Sobre olhos diz *Camilo* na «Neta do Arced.».

Sola-do-pé — região plantar.

Camilo diz *planta* «Viúva do Enforc.».

Sovaco — cavado axilar.

Us. por *José M. Chaves*.

Id. por *Camilo* «Bras. de Prazins».

Suiças — conjunto de pêlos implantados nas regiões massetélicas.

T

Tábua-do-peito — região esternal.

Us. por *Camilo* «Amor de perd.».

Tacões — suíças, quando os pêlos são aparados.

Tempo-mudado — menstruação.

Ter-barbos — ter fastio, anorexia.

Testa — região frontal.

Têta — região mamária.

Us. por *Gil Vicente* (Clér. da Beira, Frágua do Amor).

Tolhido — raquítico, enfezado.

Tornozelo — maléolo.

Us. por *Santucci e António de Almeida*.

Idem por *Camilo* «A viúva do enforc.».

Tortas — dores consecutivas ao parto.

Costumam durar três dias, diz o povo.

Touca — epiploons (do Porco).

Toucinho — pele e tecido celular sub-cutâneo (do Porco).

Toutiço — vertex.

Santucci chama toutiço ao occiput.

A confusão já vem do tempo de *Gil Vicente* (Auto da Mof. Mendes) :

«E a terceira
Que endoudeceu em gran maneira,
He o favor (livre-nos Deos)
Que faz do vento cimeira,
E do toutiço moleira,
E das ondas faz ilheos».

Trança — cabelo longo entrelaçado.

Us. por *Camilo* (Viúva do Enforc.).

Trás-da-orelha — região mastoideia.

Das pessoas e das coisas que possuem ótimas qualidades, diz o povo que são «de-trás-da-orelha».

Traseiro — regiões glúteas e períneo posterior.

Us. por *Camilo* (A Brasil. de Prazins).

Traste — pénis.

Trave — freio da língua exuberante.

«Queria que me cortasse a trave a êste menino, que o destravasse».

Tringalha — pénis da criança.

Tripa-de-engulir — esófago (do Porco).

Cf. vocábulo alemão *Speiseröhre*.

Tripa-fina — intestino delgado.

Tripa-grossa — intestino grosso.

Tripas — intestinos. Estômago do Boi.

Us. por *Gil Vicente* no primeiro sentido.

Trombas — fisionomia mal encarada.

Us. por *Camilo* «Am. de Perd.».

Tufano — medula espinhal; medula óssea.

Neste sentido us. por *Fonseca Henriques*.

U

Unto — gordura peri-renal (do Porco).

V

Vazio — flanco.

Ventas — fossas nasais; nariz.

«Dou-te um murro nas ventas».

Us. por *José M. Chaves*.

Id. por *Camilo* «Am. de Perd.», «Bruxa de Monte Córdova», «O Comendador».

Ventre — útero.

«Teve duas crianças dum ventre» — teve dois gêmeos.

Gil Vicente emprega constantemente este vocábulo

Vêr-a-raposa — enrouquecer.

Vesgo — estrábico.

Diz o povo que os vesgos olham contra o governo. Cf. o seguinte passo vicentino (Romagem de Agravados):

«E o meu é por meus pecados
Vesgo o mais que nunca vi,
Tem os olhos enfrestados,
Se lhe falares ou assí,
Não saberás se olha a ti,
Se olha para os telhados.»

Via-da-urina — uretra.

O povo quási sempre diz *veia*.

Via-de-diante — vagina.

Via-de-trás — recto.

Vide — cordão umbilical.

Us. em Bragança. Empreg. por antigos anatómicos e cirurgiões.

Virgo — hímen.

Us. por *Gil Vicente*. (Auto da B. do Inferno).

A alcoviteira Brizida Vaz levava na sua bagagem «Seiscentos virgos postiços».

Virilhas — regiões inguinais.

O povo pronuncia *brilhas* e José M. Chaves diz *verilha*.

Vista — olho.

Por um pudor injustificável, a palavra *ôlho* está a ser considerada obscena e o povo substitui-a por *vista*.

O mesmo sucede no Brasil, segundo informa *Afrânio Peixoto* (Missangas, S. Paulo, 1931):

Vista direita e esquerda — diz-se do olho correspondente.

Ôlho é feio, *sem criação*, diz a gente do povo.

Volta — parto.

«Espero a minha *volta* para o mês que vem», ouvi-se às mulheres grávidas.

Z**Zarolho** — estrábico.

II

Bernardo Santucci e a Nomenclatura Anatómica Portuguesa

BERNARDO SANTUCCI E A NOMEN-
CLATURA ANATÓMICA PORTUGUESA

Quando, há quarenta e tantos anos, fui estudante de Anatomia, caiu-me diante dos olhos a seguinte frase da introdução da obra monumental de Serrano «Tratado de Osteologia humana»:

«A mais lídima glória do ensino da anatomia, na escola de Lisboa, é Bernardo Santucci, italiano de nação — *o prudente e douto anatómico*, segundo o nomeia Sá Matos».

A minha curiosidade de bibliófilo incipiente e de incipiente estudante de anatomia foi excitada, e, logo que o ensejo se me ofereceu, adquiri num alfarrabista um exemplar do manual de Santucci. Mal imaginava que, duzentos anos depois daquele «italiano de nação», haveria eu de ensinar a mesma disciplina e na mesma língua portuguesa!

Aqueles que conhecem o carinho com que, em nossos dias, se professam as ciências morfológicas nas cidades universitárias de Lisboa, Pôrto e Coimbra, não podem calcular como foi penosa, como

foi lenta a iniciação do ensino anatómico em Portugal!

O prefaciador de uma das edições das obras do preclaro Malpighi emparelhava-nos com os russos e os castelhanos nas trevas em que mergulhávamos, no que respeitava a conhecimentos anatómicos.

O ensino anatómico em Portugal só adquiriu certo desenvolvimento em 1556, nos fins do reinado de D. João III, quando se instituiu, no Hospital de Todos os Santos, a aula de cirurgia e anatomia.

Mas, tirando Afonso Rodrigues de Guevara, anatómico de real valor, que, no século XVI, foi professor em Coimbra e em Lisboa, pode dizer-se que, até ao reinado de D. João V, eram de escassos méritos os homens a quem foi dado ensinar anatomia em Portugal.

Muitas vezes, esse encargo, assim como o de professor de cirurgia, competiu a estrangeiros que, por via de regra, não deixaram grande nome: um deles chegou a ser condenado à morte e enforcado (Isaac Elliot, cuja vida foi romanceada por Camilo na «Caveira da Mártir»); e o próprio Guevara, que acompanhou D. Sebastião à fatal jornada de Marrocos, não se livra da fama de ser politicamente desleal para a Nação que o acolheu tão benévola-mente.

É muito honrosa para a memória de Santucci a biografia que d'ele traçou José António Serrano.

«Moço, discreto, concertado e modesto», — diz o seu notável sucessor, — «Santucci versou a anatomia, mas com saber moderno, positivo e prático».

Nomeado por D. João V, por alvára de 23 de Maio de 1732, vencia o ordenado, opulento para a

época, de 480\$000 por ano e mais 120\$000 para renda de casa.

Dava três lições semanais, que duravam quatro horas, sendo a última destinada a resolver as dúvidas dos alunos. A sua primeira lição foi na 2.^a feira, 7 de Julho de 1732.

Por motivos que ainda não foram esclarecidos, a 6 de Fevereiro de 1739 foi proibido de realizar disseccções em cadáveres humanos, mas continuou o ensino teórico. Após 15 anos de exercício docente, obteve licença para se retirar para Itália, para onde foi na situação de reformado.

El-Rei D. José condecorou-o com o grau de cavaleiro da Ordem de S. Tiago, o que lhe dava direito a uma pensão de 30\$000 por ano.

Escreveria directamente em português o seu livro? A esta pergunta responde afirmativamente o Prof. Sabino Coelho. Mas o seu contemporâneo D. Tomás Caitano do Bem informou que a obra fôra escrita em italiano, traduzindo-a para a nossa língua um padre indo-português, Celestino Segueineau, filho de um francês, que foi médico da Rainha D. Maria Francisca de Saboia e físico-mor em Gôa.

Serrano é partidário dessa opinião e crê que realmente escreveria Santucci a sua obra em italiano, traduzindo-a Celestino Segueineau para português.

O grande anatómico faz uma desenvolvida crítica do livro de Santucci. As estampas não são desenhadas do natural, mas sim imitação de Valverde e de Vesálio. *Literariamente* — diz Serrano, — já lhe significamos o nosso aprêço, pela boa linguagem correcta e fácil, por vezes elegante e aprimorada, copiosa de termos de bom cunho português.

Trechos há que não iriam mal numa selecta de autores; por exemplo, a dedicatória podia ser subscrita por um verdadeiro mestre, tão distinta é pela dicção pura, singela e conceituosa».

Os italianismos são raros no texto, mas relativamente vulgares nas notas marginaes.

«*Cientificamente*», — continua o consagrado professor lisbonense, — «a *Anatomia do corpo humano* não mente aos intuitos, quando se anuncia como recopilação compendiosa e proficiente das melhores doutrinas ao tempo conhecidas».

São honestamente citados 26 autores anatómicos, além de Bluteau e Cícero. É defeituoso o método didáctico, pois Santucci deixou para o fim os capítulos da osteologia e da miologia. Mas outros autores coevos caíram no mesmo êrro.

Não é menos lisonjeira para a memória de Santucci o modo como é tratado por Maximiano Lemos (1).

«Em 1732», — diz o illustre historiador da medicina portugueza, — «era Monravá substituído por Bernardo Santucci, com certeza o mais distinto de todos os professores de anatomia do Hospital Real de Todos os Santos. Bernardo Santucci, filho de Carlos Santucci e de Maria Galleaze, nobre, segundo parece, nasceu num dos primeiros anos do século XVIII em Cortona, no Grão Ducado da Toscana.

Tendo obtido o grau de mestre em Artes, dou-

(1) *Maximiano Lemos* — História da medicina em Portugal, II — Lisboa, 1899.

torou-se na Universidade de Bolonha, passando em seguida a Florença, onde cultivou os estudos anatómicos, com especial atenção, no Hospital de Santa Maria Nova. Tais créditos grangeou, como médico e como anatómico, que, dentro em breve, era nomeado médico da Câmara da princesa Violante Beatriz da Baviera. Pelos anos de 1730, e com cartas de recomendação da princesa, appareceu em Lisboa e conseguiu obter de D. João v a nomeação para professor de anatomia no Hospital Real, em termos muito honrosos, e com grandes proventos».

Santucci deu ao ensino uma feição prática, pondo completamente de parte, diz Maximiano Lemos, as frívolas teorias e loucas discussões em que se embrenhava Monravá.

A biografia mais completa de Santucci deve-se a um seu compatriota, Emilio Enrico Franco (1), que foi professor em Lisboa dois séculos depois que por lá passou Bernardo Santucci, e que hoje é director do Instituto de Anatomia patológica da R. Universidade de Pisa. No prefácio da sua obra diz sentidamente Enrico Franco:

«Mi accingo, quindi, ad una rivendicazione del tutto contraria alle solite. Gli Italiani devono, moltissime volte, insegnare agli stranieri quanto essi abbiano fatto: io, invece, devo far conoscere agli

(1) *Emilio Enrico Franco* — Un anatomico italiano professore a Lisbona nel Secolo XVIII Bernardo Santucci da Cortona (1701-1764). Bio-Bibliografia documentata e illustrata da figure. Arezzo — MCMXXV.

Italiani uno dei nostri, chiaro ad altri ed a noi stessi quasi completamente sconosciuto. Non mai avrò compiuto fatica più grata».

Bernardo Santucci nasceu em Cortona, perto de Arezzo, a 4 de Setembro de 1701, sendo filho de Carlo Santucci e de Maria Rosata Galeazze e irmão mais novo do teólogo Pier Antonio Santucci, que foi pároco de S. Cristóvão, em Cortona.

Bernardo Santucci doutorou-se em Bolonha no dia 17 de Maio de 1727, mas parece que, antes de obter esse grau, já exercera a clínica em Florença.

Não se sabe ao certo a data em que Santucci veio para Lisboa; mas é positivo que o anatómico de Cortona foi chamado no dia 4 de Junho de 1729 para tratar o insigne pintor Francisco Vieira Lusitano, de ferimentos por arma de fogo, que o atingiram na face e numa espádua.

Três anos antes de morrer, Vieira Lusitano, que a Roma deveu a sua educação artística, escreveu uma auto-biografia em verso *O insigne Pintor e leal Espôso* — 1780, e em 1901 publicou Júlio de Castilho uma obra «Amôres de Vieira Lusitano», em que é versada a biografia do ilustre pintor (1), biografia decalcado no seu ingénuo poema.

Pedro Vitorino (2) descreveu recentemente uma estampa em que é representado um auto-retrato de Vieira Lusitano segurando um quadro que retrata

(1) Neste livro Júlio de Castilho relata minuciosamente a agressão de que Vieira Lusitano foi vítima.

(2) Pedro Vitorino — Vieira Lusitano e sua mulher (*Revista de Guimarães*, xxxviii — 1928).

sua mulher. É curioso verificar que ela, tendo morrido com perto de 80 anos, é representada pelo seu velho marido como se fôsse jovem, na época em que foi agredido a tiro, de cujas lesões fôra tratado por Santucci.

Lamentando a viuvez, o inconsolável Vieira Lusitano mandou gravar no fundo da estampa a sentida quadra:

*«Bella Ignez o teu Francisco
Sem ti não pode ter paz
Pede a Deos que elle contigo
Lá vá estar onde tu estás»*

Deus fez-lhe a vontade nove anos depois da morte da esposa.

Era católico praticante Bernardo Santucci, e o prof. Franco descobriu documentos que provam ter-se êle desobrigado do preceito pascal, na igreja do Loreto, todos os anos em que esteve em Lisboa, desde 1730.

Como a agressão a Vieira Lusitano foi no principio de Junho de 1729, é de crêr que êle tivesse vindo para a nossa capital pouco depois da Páscoa dêsse ano.

Também não se sabe se foi o Rei Magnânimo quem teve a iniciativa de nomear Santucci professor de Anatomia; mas deve ser fora de dúvida que a sua protectora, a princeza Beatriz Violante da Baviera o recomendaria com êxito à sua conterrânea D. Mariana de Áustria, rainha de Portugal.

Conta longamente Franco as polémicas tremen-

das que Santucci teve de suportar, os ataques que êle sofreu por parte do seu antecessor, o ridículo Monravà y Roca. Mas não vale a pena lembrar aqui o célebre «Destêrro crítico das falsas anatomias...»

Era deveras minucioso e sensato o Regulamento e o programa a que devia obedecer Santucci. Êsse Regulamento está incluído no Alvará de nomeação, de 23 de Maio de 1732.

O valor pedagógico e clínico de Santucci pode deduzir-se da leitura do seu livro e das apreciações que deixaram alguns dos seus discípulos, os cirurgiões Manuel José Leitão e Manuel de Sá Matos, e outros contemporâneos, como o insigne Pintor Vieira Lusitano, que se entregou aos seus cuidados logo após a sua chegada a Portugal. Como já disse, Vieira Lusitano, ao sair duma igreja com sua mulher, por instigação de parentes desta, foi agredido com um tiro, de cujas conseqüências foi tratado por Santucci e por um cirurgião alemão.

Bernardo Santucci casou em Lisboa com uma senhora de origem italiana, da qual teve duas filhas, uma das quais nasceu no mesmo ano em que foi publicada a «Anatomia do corpo humano».

Depois de ensinar quinze anos em Lisboa, voltou à terra natal com sua mulher. Mas, algum tempo depois, veio outra vez a Lisboa, onde o Rei D. José o agraciou com o grau de cavaleiro da ordem de S. Tiago.

Depois regressou de novo a Itália, morrendo em Florença a 3 de Maio de 1764.

Em 1860 foi dado o nome de Santucci a uma rua de Córtona, sua terra natal.

*

* *

Tinha Bernardo Santucci 38 anos quando «saíu à luz o primeiro parto do seu entendimento», como refere a sua bela dedicatória ao Rei Magnânimo.

Eis o título completo do primeiro manual de Anatomia humana publicado em português:

«Anatomia do corpo humano recopilada com doutrinas Médicas, Chímicas, Filosoficas, Mathematicas, com Indices, e Estampas, representantes todas as partes do corpo humano, Dividida em tres Livros, e dedicada ao muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal D. João v, Nosso Senhor, por Bernardo Santucci, natural de Cortona, Mestre em Artes, e Doutor em Medicina pela Universidade de Bolonha, Médico da Sereníssima Violante Beatriz da Baviera, Grão Princesa da Toscana, e Lente Regio da Cadeira de Anatomia no Hospital Real desta Cidade de Lisboa. — Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio Pedroso Galram. — M.DCC.XXXIX. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real».

Essa obra, publicada há duzentos anos, consta de 28 páginas inumeradas, com o frontispício, dedicatória, prólogo, privilégio e licenças, de 18 estampas gravadas por Miguel Le Bouteux, com as respectivas legendas, que ocupam 52 páginas inumeradas e, por fim, do texto e índices, que compreendem 471 páginas numeradas.

Esta obra ainda hoje não é muito rara, o que não admira, pois a sua tiragem foi de 2.000 exemplares.

Não se sabe ao certo se a Anatomia de Santucci foi escrita directamente em português pelo autor, ou se êle a escreveria no idioma pátrio, sendo depois traduzida para a nossa língua.

Como já vimos, Sabino Coelho era de opinião que Santucci a escrevera directamente em português. Porém, Serrano, baseando-se no testemunho de D. Tomás Caitano do Bem, contemporâneo de Santucci, informa que êste escrevera o livro em italiano, traduzindo-o para português o padre humanista Celestino Séguineau.

Longas discussões têm havido a êste propósito, e devo mencionar a opinião eclética de Maximiano Lemos, para o qual Santucci escreveria directamente em português, encarregando Séguineau de rever e de aperfeiçoar a linguagem.

Enrico Franco, não ligando grande importância ao assunto, opina todavia que Santucci, profundo conhecedor da nossa língua, nela tivesse escrito directamente a sua obra.

Para nós, portugueses, tem realmente grande interesse o saber-se a quem devemos a nossa terminologia anatómica: pois é notório que a obra de Santucci, escrita em português, foi a primeira a fixar uma rica nomenclatura de morfologia humana.

Só um século mais tarde é que essa nomenclatura foi ampliada por Soares Franco, e, só no fim do século XIX, é que o mais notável dos nossos anatómicos, José António Serrano, a desenvolveu e actualizou.

Segundo me parece, não pode negar-se que o Padre Séguineau traduziu ou aperfeiçoou a linguagem anatómica de Santucci, tanto mais que as notas marginaes do livro, que não teriam sido revistas por aquêle humanista, apresentam alguns italianismos, que não se encontram no texto.

Como quer que seja, directa ou indirectamente, devemos a Santucci a terminologia anatómica, que, em grande parte, ainda hoje usamos.

O que mais interessa, diz Enrico Franco, não é a maior ou menor pureza da língua e a beleza do estilo, mas sim o pensamento científico e a utilidade prática do livro.

Neste ponto não estou de acôrdo com o anátomo-patologista italiano, pois sou de parecer que a clara e pura exposição literária é indispensável numa obra didáctica.

Merece a memória de Bernardo Santucci a gratidão dos Portugueses, por, em agradecimento à mercê do Rei, se ter considerado, como diz, «obrigado a divulgar, em utilidade dos seus vassallos, os seus estudos, para não só os que o ouviam se aproveitassem dêles, mas ainda aqueles, que o não podiam ouvir, também se utilizem».

Não é êste o momento oportuno para fazer a análise do valor científico da «Anatomia do corpo humano», análise que, aliás, foi já traçada exaustivamente por José António Serrano e por Emílio Enrico Franco.

Também não quero referir-me à crítica malévola do seu invejoso rival Monravá y Roca. Aqueles dois illustres biógrafos reduziram ao seu limitado valor tais azedas críticas.

Em apêndice à sua memória bio-bibliográfica, fala Enrico Franco de um trabalho de Hermano Neves, ao tempo apenas anunciado, em que se iriam fazer grandes acusações a Bernardo Santucci.

O trabalho de Hermano Neves foi publicado dois anos depois do de Franco (1). Nele se demonstra que a maior parte das figuras do livro de Santucci foram copiadas, com mais ou menos fidelidade, das estampas da Anatomia de Verheyen, obra escrita em latim, que teve larga voga no século XVIII.

Mostrou ainda Hermano Neves que um grande número de trechos do livro de Santucci são simples resumos do compêndio de Verheyen.

Conclue Hermano Neves que Santucci é um mero plagiador, indigno da glória a que o alçaram.

Parece-me exagerada a acusação de Hermano Neves.

Santucci diz, claramente, no frontispício do seu livro, que êle é uma Anatomia *recopilada* e não um trabalho de investigação original.

É sabido que, muitas vezes, tanto as estampas, como passos do próprio texto, vão passando de autor para autor, mais ou menos modificados.

Quantas vezes, até um êrro de observação ou

(1) *Hermano Neves* — O livro de Bernardo Santucci e a «Anatomia corporis humani» de Verheyen — Contribuição para o estudo da obra do anatómico cortonense (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, x, Lisboa, 1927). *Barbosa Sueiro & Vitor Fontes* defendem as ideias de H. Neves (*Mémoire historique de l'enseignement de l'anatomie humaine à Lisbonne*, (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, xv, 1939).

de interpretação não passa de compêndio para compêndio!

Se fôssemos exigentes como Hermano Neves, talvez só um anatómico deixaria de ser considerado plagiador — o grande André Vesálio...

Devemos concordar que Santucci, conforme demonstrou o crítico lisbonense, se encostou demasiadamente ao texto de Verheyen, que, aliás, cita, como tantos outros mais, como uma das fontes da sua recopilação.

A acusação de Hermano Neves é mais inteligente que a de Monravá y Roca; mas é forçoso concordar que ambos são exagerados nas suas críticas.

Santucci está longe de ser um anatómico da categoria de Vesálio, de Eustáquio, de Albino e de tantos luminares dos séculos XVI a XVIII.

Mas, na sua modéstia, prestou grande serviço a Portugal, melhorando o ensino duma ciência que tanto custou a aclimatar-se no nosso País, e dando-nos o primeiro manual em que a linguagem anatómica é apresentada em português castiço.

Em trabalho recente, disse, justamente, o Professor Castaldi que a Itália foi o berço esplêndido da Morfologia descritiva, da qual foi Mestra do Mundo.

À «ocidental praia lusitana» chegaram, com atraso, as lições maravilhosas das obras de Mondino, Berengario da Carpi, Leonardo da Vinci e de Vesálio, bem como as de Falópio, Eustáquio, Varólio, Malpighi, Morgagni, Paccini, Golgi e de tantas outras grandes figuras das ciências morfológicas.

De categoria mais humilde é Santucci, que, no

século XVIII, trouxe até nós, pessoalmente, as suas proveitosas lições.

Podemos repetir dêle o que, nas primeiras páginas da «Anatomia do corpo humano», diz a «Aprovação» do Santo Ofício:

«Mas se pelo nascimento he de Paiz estranho, na propriedade dos termos, e fecundidade com que no nosso idioma escreveo, parece legitimo Portuguez. Pela naturalidade do fallar, facilmente persuadirá que desde o berço teve o exercicio da nossa locução».

III

A linguagem anatómica
de Fernão Lopes

III

A LINGUAGEM ANATÓMICA DE FERNÃO LOPES

Ao organizar o meu estudo sôbre a linguagem anatômica de Gil Vicente (1), logo me lembrei de recuar um século atrás e tentar investigação semelhante nas obras de Fernão Lopes.

Como vimos, a nomenclatura anatômica só em princípio do Século XVIII foi fixada em linguagem portuguesa, com a publicação do manual de Santucci (2).

Antes dessa época, os físicos e os cirurgiões, ou usavam a língua latina, em que eram escritas as obras científicas, ou empregavam a terminologia popular, que não variou muito desde o Século XV, e que derivou, em grande parte, da obra galénica (3).

Ao percorrer, minuciosamente, tôdas as páginas

(1) J. A. Pires de Lima — *A linguagem anatômica de Gil Vicente* (Biblos XII, Coimbra, 1938) e Cap. IV deste livro.

(2) Bernardo Santucci — *Anatomia do corpo humano*, Lisboa Ocidental, 1739. V. Cap. II deste livro.

(3) Cf. J. A. Pires de Lima — *Vocabulário anatómico popular* (*Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, XIII, 2, Coimbra, 1938) e Cap. I deste livro.

que restam das obras do pai genial da nossa história, não tive emoção menor do que a sentida ao estudar os autos de Gil Vicente.

Um nobre orgulho deve apoderar-se de qualquer Português que possa apreciar os monumentos imorredouros da nossa literatura, tão rica e tão variada como as das mais vastas e mais famosas nações do mundo.

A autoria da *Coronica do condestabre de portugal* é assunto controverso. Muitos consideram-na anónima e outros, entre os quais Braamcamp-Freire (1) e Aubrey Bell (2), atribuem-na a Fernão Lopes. Sem querer intrometer-me na discussão do problema, incluirei todavia aquela crónica entre as obras de Fernão Lopes. A linguagem é a mesma, da mesma época, idêntico é o estilo e há na *Crónica do Condestabre* muitos passos que são transcritos integralmente na *Crónica de D. João I*.

Foi esta, portanto, a bibliografia estudada por mim:

- I — Fernão Lopes — *Crónica de D. Pedro I*
— com uma introdução por Damião Peres, Professor da Universidade de Coimbra -- Portucalense Editora, L.^{da}, Barcelos, 1932.

(1) Primeira parte da *Crónica de D. João I por Fernão Lopes Vassalo del Rey e Guardador das escrituras do Tombo* — Edição do Arquivo Histórico Português — 1915.

(2) Aubrey Bell — *A literatura portuguesa (História e crítica)*, tradução do inglês por Agostinho de Campos e Barros e Cunha — Coimbra, 1931.

- II — Fernão Lopes — *Crónica de D. Fernando* — Volume I — Portucalense Editora, L.^{da}, Barcelos, 1933.
- III — Fernão Lopes — *Crónica de D. Fernando* — Volume II — Portucalense Editora, L.^{da}, Barcelos, 1935.
- IV — *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, com revisão, prefácio e notas por Mendes dos Remédios — Coimbra, 1911.
- V — Primeira parte da *Crónica de D. João I por Fernão Lopes Vassalo del Rey e Guardador das escrituras do Tombo* — Edição do Arquivo Histórico Português, 1915.
- VI — Biblioteca dos Clássicos Portugueses — Director litterario Conselheiro Luciano Cordeiro, Proprietário e fundador Mello d'Azevedo.
- *Chronica de El-Rei D. João I por Fernão Lopes* — Vol. IV a Vol. VII — Escriptorio 147 - Rua dos Retrozeiros 147 Lisboa 1897-1898 — *Chronica d'El-Rei D. João I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo* — segunda parte.
(Reprodução da edição de 1644).

É tal a freqüência com que Fernão Lopes se refere a assuntos relacionados com a medicina e tal a minúcia com que, por vezes, os trata, que será legítimo supor que tais questões o interessavam e que, sôbre elas, talvez tivesse tido largas

conversas com seu filho Martinho, que, na qualidade de médico, acompanhou a Marrocos a expedição do Infante Santo e lá morreu pouco após êle, cativo dos mouros.

É tão intenso o vigor narrativo de Fernão Lopes, tão vigoroso o seu poder evocativo, que, ao lermos certos passos da sua obra, parece que estamos assistindo aos sucessos que determinaram a gênese da Dinastia de Aviz.

Perpassam diante dos nossos olhos as cenas trágicas do Cêrco de Lisboa, em que

«ho Meestre por sobre todos tiinha espeçiall cuidado da guarda e governamça da çidade, damdo seu corpo a mui breve sono» (V, 196-197) (1).

! Como é minuciosa a descrição dos serviços sanitários do Cêrco!

No acampamento castelhano

«avia fisicos e çelurgiaães e buticairos, que nom soamente tiinhã prestes as cousas neçessarias pera comservar a saude do corpo mas desvairados modos de comfeitos e açucares e comservas, lhe achariees em muita fartura» (V, 193).

(1) Nas citações das obras de Fernão Lopes, a numeração romana refere-se à bibliografia e os algarismos às páginas do respectivo livro. Pena é que não tenha sido respeitada, em tôdas estas edições, a grafia original.

No acampamento português

«Açerca da porta de Santa Catherina da parte do arreal per homde mais acostumavom sahir aa escaramuça estava sempre huã casa prestes, com camas e ovos e estopas, e lençoões velhos pera rromper; e çellorgiam e triaga, e outras neçessarias cou-sas pera pemsamento dos feridos quando tornavam das escaramuças» (V, 197).

As raparigas lisbonenses auxiliavam os militares, recolhendo projecteis e animando-os com as suas canções belicosas:

«e as moças sem nenhuñ medo, apanhando pedra pellas herdades, cantando altas vozes dizemdo:

Esta he Lixboa prezada,
mirala e leixalla.
Se quiserdes carneiro,
Qual derom ao Amdeiro;
se quiserdes cabrito,
quall derom ao Bispo,

e outras rrazoões semelhantes» (V, 198).

É curiosa a descrição do combate entre Portugueses e o galego Fernand Afonso de Çamora em Santo Tisso de Riba d'Ave (V, 202) e emocionante o sermão de Rodrigo de Simtra, em acção de graças pelo levantamento do Cêrco (V, 279). Se as palavras do prêgador «nom eram ouvidas, sem grandes choros e sallucos e espargimento de muitas lagrimas», também nos comove ainda hoje a nar-

rativa do primeiro encontro do Mestre de Aviz com Nun'Álvares, após o Cêrco de Lisboa:

«Em esto disseromlhe como viinha Nun Alvarez, e o Meestre deçeo aas portas dum grande e espaçoso currall que se faz amtelles; e quando o vio, ouve com elle gram prazer e emvioussse rrijo a elle abraçandoo; e nom soomente o Meestre, mas os seus com os de Nuno Alvarez se abraçavom e beyjavom nas faces, que parecia que sse nom podiam fartar huũs dos outros.

Nuno Alvarez se ficou em joelhos amtelle por lhe beyjar as mãos, e o Meestre o nom quis cõs-
sentir» (V, 283).

Desejaria neste preâmbulo apontar alguns dos trechos mais emocionantes de Fernão Lopes; mas tantos êles são que me embaraça a escolha.

Não deverá esquecer-se o galardão às cidades de Lisboa e Pôrto pelos serviços prestados na guerra contra Castela:

«vendo el-rei como a cidade do Porto havia feitos ao reino grandes e estremados serviços, deu-lhe por termo todo o julgado de Bouças e da Maia e da Gaya, que conjunta com ella, e Penafiel de Sousa, e Villa Nova de par de Baião», (VI-IV, 21).

É curiosíssima a narração da visita de D. João I ao Pôrto, em cuja brilhante recepção tomaram lugar bandos de raparigas cantando (VI-IV, 37).

A feia traição de muitos portugueses é duramente verberada (VI-IV, 108) e o auxílio inglês não é tomado a sério:

«A ajuda de Inglaterra que dizeis que esperamos, digo que era mui bem se a sua vinda fosse a tempo que podesse aproveitar, mas entendo que já não pode vir senão ao atar das feridas» (VI-IV, 110).

O valor da Batalha de Aljubarrota é marcado na seguinte frase lapidar:

«se se acertar de vencerdes, sois os mais honrados homens que nunca no mundo houve, se fordes desbaratados sois os mais honrados vencidos que nunca no mundo foram» (VI-IV, 131).

O terror que se apoderou do rei de Castela após a derrota é assim explicado:

«Porque aos postos em desventura persegue o medo, mais que aos outros homens (VI-IV, 172).

O papa de Avignon dava ao derrotado êstes conselhos salutarés, recomendando-lhe resignado silêncio:

«ca a publicação da dôr ao commum povo faz aos amigos acrescentar pezar e nojo, e nos inimigos gera mui gram prazer e ledice,» (VI-V, 50).

Lêem-se com sumo gôsto as narrativas da entrevista de Ponte de Mouro, entre D. João I e o

Duque de Lencastre (VI-V, 112), a confirmação do tratado de casamento em Cella Nova (VI-V, 120) e as cerimónias do casamento do Mestre de Avís (VI-V, 122, 124).

As divergências entre portugueses e ingleses na infeliz campanha espanhola deram lugar a um episódio, em que D. João I, aceso em grande sanha, degolou por suas mãos um soldado (VI-V, 149). Nos terrenos em que se desenrolaram tais sucessos, menciona Fernão Lopes a existência dum monumento megalítico (VI-V, 141).

O Santo Condestável, como sucede a todos os homens superiores, foi vítima de invejas (VI-VI, 43) e chegou a pensar na sua saída do reino (VI-VI, 106).

Fernão Lopes refere-se à estada de D. Filipa de Lencastre em Monção, no mosteiro de Fiães e em Melgaço (VI-VI, 48), e à construção votiva de Santa Maria da Batalha e de Santa Maria do Carmo em Lisboa (VI-VI, 55).

Chama vivamente a nossa atenção o capítulo «Como el-rei casou algumas donzellas e mandou queimar um seu camareiro» (VI-VI, 55), bem como os que se referem às tréguas de Monção (VI-VI, 63), à tomada de Tuy (VI-VI, 60), à lealdade de D. João I para com o novo rei de Castela (VI-VI, 84, 85) e sobretudo as páginas em que relata o nascimento do Infante D. Henrique e de toda a ínclita geração (VI-VI, 84).

«haver homem um filho bom por doutrina ou natureza, diz o maior dos nossos historiadores,

bem é de louvar; mas não tanto como os muitos e todos bons».

São emocionantes as descrições da desastrosa travessia do Rio Minho a vau, perto de Monção, (VI-VII, 7, 8) e dos trabalhos para a celebração do tratado de paz (VI-VII, 77 e 113).

O carácter do Santo Condestável é traçado com mão de mestre (VI-VII, 122).

Não posso deixar de transcrever alguns parágrafos da curiosa carta escrita pelo Arcebispo de Braga, após a Batalha de Aljubarrota, onde foi ferido:

«aprouve a Deus e a Santa Maria sua madre que as ribeiradas do meu gilvaz sejam já vedadas,»

«nos disse eu que tivera outra vegada por estas partes, a cá cobrara o ouvir que por uma porrada se escandelecera» (VI-VII, 146, 147).

A cada passo se colhem nas obras de Fenão Lopes ditos expressivos e referências a costumes da época.

Por duas vezes (IV, 105 e VI-IV, 29), diz que *é terra de muitas bestas* a província de Entre Douro e Minho.

É claro que o cronista se queria referir à grande abundância de cavalos, que Nun'Álvares queria adquirir para as suas tropas.

Também por duas vezes (IV, 150 e VI-VI, 37) cita a desalentada frase do Condestável: «quẽ serue comuõ nom serue nenhuõ».

Assim explica Fernão Lopes a introdução da cruz de Aviz na heráldica portuguesa :

«Este foi o rei que ennadeu a cruz nas armas de Portugal, por a Ordem de que elle era Mestre; traz uma cruz verde em campo branco por armas,» (VI-IV, 7).

D. João I era madrugador e sempre vigilante. Quando o rei de Castela invadiu Portugal, foi o nosso ao encontro d'ele com o seu exército e, diz o cronista, certa manhã, perto de Santarém, «depois de *somno primeiro* foi el-rei andar pelo arraial,» (VI-IV, 91).

Confronte-se o dito com a quadra popular ainda hoje tão cantada pelas mãis :

Vai-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro;
Deixa dormir o menino,
Que está no sono primeiro!

As vantagens do Govêrno de um só traça-as vigorosamente o nosso cronista (VI-VI, 73), que muitas vezes se refere às pênas de enforcamento e degolação, tão freqüentemente attribuídas naquela época (VI-VI, 112; VI-VI, 118).

Quando se ocupa do tratado de paz com Castela, cita o ditado popular, ainda hoje comum, com outra forma :

«morte e 'casamento talhado é no céu» (VI-VII, 122).

Àcêrca do amor apaixonado de D. Fernando, diz com pitoresca verdade:

«todo homem namorado tem huumã especie de sandiçe» (II, 163).

Encontra-se em Fernão Lopes menção de epidemias que assolaram os exércitos portugueses e castelhanos e de doenças que atacaram personagens célebres daquela época.

Sumàriamente as vou apresentar.

Álvaro Pais, um dos conjurados contra o Conde Andeiro, sofria de gota; e se não esteve presente no acto do assassínio, é porque as dores articulares o embargavam. A-pesar-disso, depois da morte do valido de Leonor Teles, não pôde deixar de montar a cavalo, pondo-se à frente do povo amotinado (V-10, II, 21).

Fernão Lopes faz claramente o diagnóstico, nos termos seguintes:

«Este vivendo em casa del Rei e seemdo muito doente de gota, veo pedir a el Rei por mercee, que desse aquell offiço a quê sua mercee fosse, e o apousemtasse em Lixboa hu tiinha suas casas e assemtamento».

A peste atacou violentamente os arraiais do rei de Castela que sitiavam Lisboa, e foi por via da terrível moléstia que o cêrcõ teve de ser levantado, como se deduz do seguinte passo:

«Os Castellãos veemdosse assi afficados da pestellemça que sse cada vez mais ateava em elles,

bem emtemderom que sua estada nom podia alli seer muito, e que era per força de desçercar a çidade, e sse partir della çedo,» (V-249).

A dois passos das tropas castelhanas dizimadas pelo flagelo, segundo afirma Fernão Lopes, os portugueses não eram contagiados, ainda aquêles que os espanhóis selvaticamente deitavam na cama dos seus empestados.

«E era gram maravilha per juizo a nos nom conhecido, que em fervor de tamanha pestellemça, nehuũ dos fidalagos portugueeses que hi amdavom nem prisuneiros, ou doutra quallquer guisa, que nenhuũ nam morria de trama, nem era tocado de tall door. E os Castellaãos por vingança e memcoria que lhe nom prestava, lançavam os Portugueeses prisuneiros que tragiam com os que eram doemtes de tramas, por tall que morressem pestellemçados; e morriam os Castellaãos doemtes, e dos Portugueeses nehuũ pereçia,» (V, 273) (1).

Aos bubões pestosos chamavam *tramas*:

«Em esto derom duas tramas na Rainha, porẽ nom de grande aficamento, por cujo aazo elRei determinou de sse logo partir do çerco» (V, 275),

(1) Vieira de Meireles e Maximiano Lemos aventaram a hipótese de se tratar, não duma epidemia de peste bubónica, mas sim do tifo exantemático. João de Meira, porém, (*Arq. de História da Medicina Portuguesa*, 1911) parece-me ter demonstrado que se tratava, realmente, de peste.

mas também os designava por *naçemças* (1) (V, 276), *pestellemçiaaes postemas* (V, 280) e *lamdoas* (V, 274).

À *pestenemça*, que milagrosamente dizimou os castelhanos no Cêrco de Lisboa, também alude na Segunda parte da *Crónica de D. João I* (VI-IV, 193).

E também se refere à *pestclença* que affectou os soldados do Duque de Lencastre, na sua desastrosa campanha (VI-V, 134), e às *maleitas* (sezonismo) (VI-V, 74 e 134).

Mas onde o paludismo exerceu a sua acção mais eficaz foi no próprio D. João I de Castela, que tremia sezões em Aljubarrota:

«El-rei de Castella não era bem são, havendo já dias que tinha sação, e dizem que aquelle era o dia que a havia de ter e assim fraco como estava, tiraram-no das andas em que viera e jazia acostado a um cavalleiro;» (VI-IV, 132).

E, depois da espantosa derrota,

«el-rei entrou com o rosto encuberto como vinha, e assentou-se em um banco muito cançado, com gesto fóra de toda a lédice, e porque elle era doente de tremor e aquelle dia fôra o da sação, enadia a dôr a sua tristeza muito mais nojoso semblante,» (VI-IV, 169).

(1) Cf. o actual termo popular «nascida», cujo significado é abcesso, adenite supurada.

O maior aliado de Nun'Álvares foi, sem dúvida, o mosquito providencial que inoculou o agente do paludismo no próprio rei de Castela...

Fernão Lopes fala da «agua enxofrenta como de caldas», que há em Chaves (VI-V, 35) e refere-se dêste modo às gloriosas cicatrizes de guerra: «ca de guerras e batalhas onde foi, é o corpo tão calejado, que todo é cheio de signaes das feridas» (1) (VI-V, 59).

Aos vulgares abcessos chama «leicencos», como ainda hoje o povo os designa (VI-V, 60).

Não esquece os covardes, que simulam doenças para se escapar da guerra:

«Senhor, que fiuza podeis vós ter em taes homens para vos servir, nem fazer nenhum bem por suas mãos, quando não sendo elles doentes, fingem signaes de grande doença.» (VI-V, 78).

Os castelhanos costumavam envenenar as setas e eis os sintomas dos que eram «feridos d'herva»:

«Senhor, eu ouvi sempre dizer que aquelle que ferem com herva, que lhe formeguejam os beiços,

(1) Cf. *Lusiadas*, VI:

«Dest'arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Fórjou, e não virtude justa e dura.»

e a mim parece que quantas formigas no mundo há, que todas eu tenho em elles» (1) (VI-V, 160).

Vejamos agora a terapêutica aconselhada, e como, tão corajosamente, D. João I, com o próprio exemplo, incitava o ferido à repugnante prática:

«Pois assim é, disse el-rei, bebei logo da ourina, que é mui proveitosa pera esto.

Elle disse que não beberia por cousa que fosse; el-rei afincando-o todavia e, elle dizendo que não, como mavioso senhor, com desejo de sua saude, por lhe mostrar que não houvesse nojo, gostou a ourina e disse contra elle:

E como não bebereis vós do que eu bebo?» (VI-V, 160, 161).

Para terminar com as citações puramente médicas, falarei agora da «dor de quentura» (febre tifóide?), que o glorioso Rei de Boa Memória teve nos paços do Curval, entre o Pôrto e Coimbra, quando regressava da sua romaria votiva a Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, para onde se-guiu a pé, num trajecto de muitas léguas.

Mas eu não sou clínico; sou apenas um velho anatómico, que se lembrou de percorrer a obra de Fernão Lopes à pesquisa de termos de morfologia humana e comparativa.

Entremos, pois, pròpriamente no assunto.

(1) Talvez alusão a fenómenos paralíticos devidos à intoxicação pela cicuta (?)

Eu acusei Gil Vicente de saber pouca anatomia (1). Pois Fernão Lopes mostra ainda menos conhecimento dessa matéria. A sua terminologia é pobre e referente, quasi só, às regiões superficiais do corpo do homem e dos animais.

O nosso historiador máximo é espiritualista, segue estritamente a filosofia aristotélica e a crença cristã.

Uma pessoa é constituída de corpo e alma e, quando esta se evola, resta um cadáver. Veja-se a notícia da morte de el-rei D. Fernando:

«e lidando ho spritu com a carne naquella aspera hiora, por se partir della, em breve espaço desemprou o *corpo*, e el deu a alma a Deos,» (III, 205).

Note-se, também, a narrativa da morte desastrosa do rei de Castela:

«e correndo por elle o cavallo em que ia, no meio da carreira entrepeçou, de guisa que cahiu com elle uma tal queda, que lhe quebrou todo o *corpo*, tanto que logo morreu;»
 «e viram-no sem espirito, finado de todo.»
 «e assim foram acabados todos seus dias e todas suas cuidações» (VI-VI, 83, 84).

Morrer é sinónimo de «lançar o espírito», «dar o espírito».

(1) J. A. Pires de Lima — *A linguagem anatómica de Gil Vicente* (Biblos, XII, Coimbra, 1938) e Cap. IV deste livro.

«Jesu filho da Virgem, acurreme», clamou D. Maria Teles ao ser assassinada; «e esta foi sua postumeira pallavra, dando o sprito, e bofando muito sangue della» (III, 37).

«*Corpos sem almas*» eram os castelhanos mortos em Aljubarrota.

«e d'elles se occupavam em revolver corpos sem almas, se lhe achavam algumas cousas de que se aproveitar podessem, e muitos dos que jaziam mortos não tinham nenhuma ferida» (VI-IV, 181).

Fernão Lopes apreciava, às vezes, o hábito externo dos cadáveres:

«entre os quaes jazia morto e muito feio com feridas Ruy Dias de Rojas, um cavalleiro castellão, cuja mulher era cuvilheira d'el-rei de Castela» (VI-IV, 187).

Não lhe passou despercebido o cheiro cada-vérico:

«Digo, boa dona, que são das vossas defumaduras que punheis sob as faldas dos cavalleiros? mister havia agora vosso marido umas poucas d'ellas, que tão mal cheira alli onde jaz.» (VI-IV, 187).

E, noutros passos, se occupa também do «fedor dos mortos» (V, 26 e VI-IV, 185).

Aos cadáveres chama «corpos» ou «finados» e,

do cadáver do Conde Andeiro, diz que é «mui bem feito *corpo* dhomem» (V, 29).

Não é raro aludir à estatura e à constituição corporal dos soldados, exprimindo-se dêste modo:

«e morto huê boom escudeiro que chamauam Fernandez que era *ho mayor homem de corpo* que avia no reyno.» (IV, 108).

«todo este razoado era por Lourêço Estêz ser *muy pequeno de corpo.*» (IV, 193).

«E esta razão dizia el-rei, porque Lourenço Esteves era *muy pequeno de corpo, e não vistoso*» (VI-VII, 58).

«e veiu a elle por aquecimento Alvaro Gonçalves de Sandoval, bem mancebo e *de bom corpo*, ardido cavalleiro,» (VI-IV, 167).

«Ayres Gomes havia *formoso e bem parecente corpo*» (VI-IV, 41).

«e Mamborni era de *bom corpo*, e correrá já pontas muitas vezes, e monseur Ruby era *mais pequeno,*» (VI-V, 140).

Quando foi celebrado o tratado de paz, não se ajustou o casamento duma jovem princesa com recejo de que, mais tarde, apparecesse «algum cajão em seu *corpo*, assim como sandia, cega, ou parálitica ou gafa» (VI-VII, 121).

É bem expressivo o retrato que traçou de el-rei D. Fernando:

«Avia bem composto corpo e de razoada altura, fremoso em parecer e muito vistoso; tal que estando açerca de muitos homeens, posto que conhecido nom fosse, logo julgariam por Rei dos outros.» (II, 5).

São inúmeras as vezes que se fala no corpo humano em geral, vivo ou morto, e a cada passo se refere ao *Corpo de Deos consagrado*, em presença do qual se juravam os actos mais solenes.

Também faz referênciã ao corpo do cavallo, como neste passo, em que fala duma queda de Nun'Alvares:

«E porque ao cayr aveeo asy: que a espora se metera per antre o *corpo* e a çilha do cauuallo cortou-lhe a çilha e ouve se fora do cavallo» (IV, 31).

E, ao tratar da eleição do anti-papa, faz a seguinte curiosa comparação com um *monstro duplo bicéfalo*:

«e desta guisa, por nossos peccados, foi estomçe o corpo mystico da egreja feito em duas cabeças, assim como *corpo momstruu*, que era fea cousa de veer.» (III, 68).

No corpo humano havia a *carne* (partes moles), que às vezes considerava sinónimo do próprio corpo inteiro, os *ossos* (esqueleto) e o *sangue*.

Junto do corpo (*a carom da carne*) andava o cilício do rei no cêrco de Samaria (V, 278).

A-propósito da revolta popular em que foi assassinado o bispo de Lisboa, depois de o atirarem abaixo da tôrre da Sé, crivaram-no de feridas a ponto, diz Fernão Lopes, «que sua *carne* já pouco sentia» (V, 25).

Ao esqueleto chama *ossos* e não posso fugir à tentação de transcrever êste passo, referente ao embalsamamento e preparação dos ossos dos castelhanos que morriam da peste durante o cêrco de Lisboa:

«E quando alguũ cavalleiro ou tall escudeiro que o mereçia, açertava de sse finar, levavam-no os seus a Simtra ou a Allamquer ou a alguũ dos outros logares, que por Castella tiinham voz; e alli os abriam e salgavom e poinhom em ataudes ao aar, ou os coziam e guardavam os ossos, pera os depois levarem pera onde eram;» (V, 272).

Fala no «espargimento do sangue» em tantos combates e o próprio Nun'Álvares, rejeitando os conselhos de sua mãe, que o induzia a aderir ao partido de Castela, diz:

«q̃ Deos nom quixesse que por dadiuas e largas promesas elle fosse cõtra a terra q̃ o criara; mas q̃ ante despẽderia seus dias e espargeria seu *sangue* por emparo della» (IV, 47).

Nêste passo (IV, 1), «sangue» é sinónimo de estirpe: «Em Portugall otue huũ grande caualleyro muy fidallgo e de grande *sangue*».

No prólogo da *Primeira Parte da Cronica del Rei Dom Joham da boa memoria* lêem-se as considerações seguintes acêrca da importância da hereditariedade e do meio no desenvolvimento somático e psíquico dos indivíduos :

«Outra cousa geera ainda esta conformidade e naturall inclinação, segundo sentença dalguũs, dizendo que o pregoeiro da vida, que he a fame, recebendo rrefeiçom pera o corpo, o sangue e spiritus geerados de taaes viamdas, tem huũa tall semelhança amtre sii, que causa esta conformidade. Alguũs outros tenerom, que esto deçia na semente, no tempo da geeraçom; a quall despoõe per tall guisa aquello que della he geerado, que lhe fica esta conformidade tam bẽ açerca da terra, como de seus dividos. E assi parece que o sentio Tullio, quando veo a dizer :

Nos nom somos nados a nos mesmos, porque huũa parte de nos tem a terra, e outra os parentes.» (V, 1).

Traduzidas em linguagem moderna, estas ideas ainda hoje são aceitas pela biologia (a hereditariedade e o meio; os cromosomas e a educação).

Fernão Lopes refere-se à parte *dereita e seestra* do corpo e, quando traça os caracteres das suas personagens, acusa-as de certos defeitos, como *gargantom* (voraz, comilão), *gago* etc.

«Este Rei Dom Pedro era muito *gago*» (I, 9).

*

* *

Tendo tratado do corpo humano em geral, vou agora dividi-lo em segmentos, ao modo topográfico, e anotarei os vocábulos anatómicos usados por Fernão Lopes, a-propósito de cada um desses segmentos. Começarei pela *cabeça* (crânio, face, aparelhos sensoriais, fisionomia, retratos antropológicos).

Muitas vezes fala em *cabeça*, em geral para mencionar actos violentos; por exemplo:

«O Meestre que mais voomtade tiinha de o matar que destar com elle em rrazoões, tirou logo huũ cuitello comprido e envioulhe huũ gollpe na *cabeça*;» (Morte do Conde Andeiro — V, 19).

«veo huũ grande camto de cima, e deu a Fernam Pereira que lhe esmagou o baçinete e a *cabeça* toda, e foi logo morto;» (Morte dum irmão de Nun'Álvares — V, 322).

«e foi um villão rijamente, que chamavam d'al-cunha Caspirre, e cortou-lhe a *cabeça*, e assim morreu.» (VI-IV, 84).

«cortaram-lhe a *cabeça* e roubaram-lhe e destruíram-lhe o arrabalde e puzeram-lhe fogo,» (VI-V, 23).

«Maravilho-me de mim como vos não mando a todos cortar as *cabeças*.» (Indignação de Nun'Álvares, ao saber que era mal informado — VI-VI, 140).

Nova alusão a doenças simuladas :

«de guisa que mais eram já os doentes que os sãos, e taes desejavam de o ser, por ter azo de se partir da hoste; e outros fingiam que o eram atando pannos nas *cabeças*» (VI-V, 77).

Justiça feita por el-rei de Castela aos Portuguezes que o derrotaram :

Leixae-os aramá ca os portuguezes são bons e leaes, e não haveis porque lhes fazer mal, ca quantos foram em minha companhia, eu os vi todos morrer diante mi, e os meus me roubaram a corôa da minha *cabeça*.» (VI-IV, 174).

Fernão Lopes dá uma vez ao termo *cabeça* significado de sede de grandes acontecimentos e outra vez considerou-o sinónimo de chefe de partido :

«desi de Lixboa, çertos çidadãaos, pois ella foi madre e *cabeça* destes feitos» (V, 299).

«quẽ primçipallmente contradizia o Meestre nom aver de seer rei, seẽmdo *cabeça* desta oppiniom, era Martim Vaasquez da Cunha.» (V, 361).



Por duas vezes alude a cabeças de animais :

«sobre a quall teemdo seu çerco foi a fame tam grande em ella, que davom a *cabeça* do asno por oiteemta rreaaes de prata;» (V, 278).

«mataram-lhe o cavallo, e cahindo foi elle logo morto e á pressa a *cabeça* cortada, que depois trou-veram a Portugal» (VI-V, 17).

À região frontal chama, como hoje, *testa*:

«Em pellejando Rui Pereira, quanto huñ val-lente e ardido cavalleiro podia, pellejar, alçou a cara do baçinete que nom podia bem sofrer, e ouve hũa virotada pella *testa*, de que em pouco espaço lançou aquell fidalgo o spiritu, que tam çedo nom devera fazer fim» (V, 231).

«meteu a espada por entre as portas e deu na *testa* áquelle que as cerrava,» (VI-IV, 64).

À região frontal do cavallo chama também *testa* :

«e o cavallo de Gil Fernandez trazia já na *testa* hum ferro de lança» (II, 97).

«começaram os castellãos de lhe tirar aos viro-tões, dos quaes deu um com herva na *testa* do ca-vallo daquelle escudeiro» (VI-V, 26).

Já naquele tempo attribuía-se simbòlicamente excrescências frontais aos maridos enganados.

Vejam-se estas cruas referências:

«já o tiinha vingado da aleivosia de sua molher e do que lhe *poinha as cornas*,» (I, 30).

A vingança de D. Pedro I tinha consistido em mandar queimar a mulher adúltera e degolar o seu amante.

Antes de assassinar D. Maria Teles, soltou o marido as seguintes injuriosas palavras:

«e se vos minha molher sooes, por tanto merecees vos melhor a morte, por me *poerdes as cornas* dormimdo com outrem.» (III, 37).

E por três vezes se lê o insultante vocábulo *cornudo* (V, 329, 332; VI-IV, 173).

Nos *cabelos* fala muitas vezes, como neste passo da descrição da conquista de Melgaço:

«e em esse dia escaramuçaram duas mulheres bravas, uma da villa, e outra do arraial, andaram ambas aos *cabellos*, e venceu a do arraial» (1) (VI-VI, 47).

Em ocasiões de calamidade ou luto, os portugueses dessa época puxavam pelos cabelos:

«Foi a casa loguo chea de braados e choros

(1) Trata-se do episódio da «Inês Negra», tão brilhantemente exposto pelo Conde de Sabugosa — *Neves de Antanho*.

dhomeens e de molheres, *depenamdosse* sobrela, fazendo gramde e doorido planto» (Morte de D. Maria Teles — III, 38).

«e elles como pousarom, começaram de se *depenar* todos, e com altas vozes faziam gram doo.» (Derrota da armada de D. Fernando — III, 95).

Outro sinal de desventura consistia em sairem para a rua as mulheres desgrenhadas (*escabelladas*) (II, 57).

Os portuguezes cortavam o cabelo de forma especial e, por isso, os castelhanos tratavam-nos depreciativamente por *chamorros*:

«E forõ logo hy mortos huña gram cama de castellaõs, e asy bastos como som ós feixes no rrestolho do boõ trigo, e bem basto: especialmente morrerõ logo todos a mayor parte *chamoros* que entõ chamauã aos maõs portuguezes: que cõ elrey de Castella vijnham.» (IV, 124).

«e de que gentes fui eu vencido, — lamentava-se el rei de Castela — Fui-o de *chamorros* que ainda que me Deos tanta mercê fizesse que todos tivesse em cordas e os degolasse por minha mão, minha deshonra não seria vingada» (VI-IV, 172).

À côr ruiva dos cabelos se refere o bispo embaixador de el-rei D. Fernando a Castela:

«Ou vos todos estaaes bevedos ou samdeus, ou sooes treedores. Nom ja eu, senhor, disse o bispo,

ca nom som *ruivo*. Aa b̄ispo, disse elRei por mim dizees vos isso: porque elRei era bramco e *ruivo*.» (II, 180).

Também se refere, mais que uma vez, aos cabelos brancos:

«de guisa que nom soamente os homeês mancebos, mas as velhas cabeças cobertas de *cãas*, se guarneciã darmas pera pellejar.» (V, 230).

Já falei de Álvaro Pais, aquêlo gotoso que gisou a morte do Conde Andeiro. Pois Fernão Lopes também informa que êle era *calvo* (V, 45).

Depois de tratar do revestimento capilar do crânio, desejaria ocupar-me do seu conteúdo. Infelizmente, só uma vez dêle fala o historiador, quando informa que Gonçalo Gouveia de Faria enlouqueceu numa escaramuça, morrendo três dias depois:

«e porque tal cousa sahiu mentirosa e o desdiziam todos, tomou tão grande nojo que lhe *trestaliou o miolo*,» (VI-V, 145).

Passemos agora à terminologia relativa à *face*.

Para designar a parte ântero-inferior da cabeça, emprega os termos *rosto* ou *rostro*, *face*, ou *cara*. Vejamos alguns exemplos:

«e lhe deu com humma daga pello *rosto* e o derribou em terra,» (II, 68).

«E logo assi como entrou o Iffante, ella o conheço no *rostro* e falla.» (III, 36).

«Entom se chegou a ell Alvaro Paez e beijou no *rostro* dizendo: Hora vejo eu, filho, Senhor, a deferença que ha dos filhos dos Reis aos outros homeës.» (Nos repugnantes preparativos do assassínio do Conde Andeiro — V, 13).

«e ferido Joham Rodriguez de Saa, de quinze feridas e duas no *rostro*.» (V, 246).

«E começãdo elRei seu caminho, muito mais triste que ao cerco vehera de ledó: e chegando a tall logar de que perdia vista da çidade volltou o *rostro* contraella e dizem que disse: Oo Lixboa! Lixboa! tamta merçe me faça Deos que ainda te veja lavrada de ferros darados!» (Lamentações do rei de Castela depois de levantar o cêrco — V, 276).

Também chama *rostro* ao focinho dos cães de caça (III, 23).

«A qual festa e recebimento d'esta guisa feito, demovia muitas d'ellas a regar suas formosas *faces* com doces e apraziveis lagrimas» (VI-IV, 39).

«e quando se chegaram a fallar que Diogo Alvares o viu, mostrou grão lédice com sua vista, e abraçando o beijou na *face*» (Encontro de Nun'Álvares com seu irmão Diogo, que era por Castela — VI-IV, 127).

«Entonce fizeram suas reverencias uns aos outros, tirando seus sombreiros, e beijando-os nas *faces*» (quando se negociava o tratado de paz — VI-VII, 75).

«figura dhomem com barvas nas *faces* e coroa na cabeça» (descrição duma moeda de D. Pedro I — I, 36).

«nem irá contar em Castella aos soalheiros o cruzamento de minha *cara* (ferimento do Arcebispo de Braga em Aljubarrota — VI-VII, 146).

Também emprega o termo *cara* em numismática (V, 87).

O termo *barba* pode significar queixo (V, 246), assim como o resvestimento capilar da face:

«Antre os quaes lhe foi denunciado dAntam Vaãz que era huõ cavalleiro que elle muyto amaua: que se queixou delle huõ homẽ boõ que lhe depenara a *barua*:» (IV, 140).

«Hontem tive lettra e mensagem do Condestabre que me fazia saber el-rei de Castella sivera em Santarem como homem tresvalidado, e maldizia o seu viver, e jurava pelas *barbas*. Ca bofé, bom amigo, melhor é que o faça elle, que não fazemel-o nós, ca homem que as suas *barbas* arrepella, mór sabor fará das alheias.» (Carta do Arcebispo de Braga — VI-VII, 146).

Muitas vezes fala na *bôca* e, das suas paredes e anexos, apenas cita os *beijos*, os *dentes* e a *língua*:

«lhe cimgeo elRei a espada e ho armou cavalleiro, e beijouho na *boca* lançando-lhe a beemçom.» (O futuro Mestre de Aviz, D. João I, é armado cavaleiro — I, 128).

«sayram a receber o Meestre com grandes cantares e sabores: braadãdo todos e diz do «em bõa hora venha o nosso rey»: daquall cousa todos se maravilhauam: dizêdo que verdadeiramete cryam que aquello era mandado de Deos que falaua pellas *bocas* daquelles moços como per *bocas* de prophetas» (IV, 102) (1).

«no logar hu costumavom vender o triigo, amdavom homeës e moços esgaravatando a terra; e sse achavom alguãs graãos de triigo, metiãnos na *boca* sem teemdo outro mantiimento» (fome no cêrco de Lisboa — V, 269).

«quem constrangeu a *boca* da filha de Esteve-seanes, derreado, morador em Evora,... que no berço onde jazia se levantou em cu tres vezes, dizendo com a mão alçada: Portugal, Portugal,

(1) Cf. V. 342.

por el-rei D. João?» (Milagres de Aljubarrota — VI-IV, 194) (1).

Aos lábios sempre chama *beijos*, como nos três passos seguintes:

«E com estas e outras razões foram-lh poemdo o feito pella armada, humtamdolhe os *beijos* com doces pallavras de boa esperança.» (III, 42).

«Nom aviees vos mester senom quem vos cortasse os *beijos* e a *lingua*, por tall beyjar de mão quall fazees.» (V, 232).

(1) Cf. *Os Lusíadas*, IV:

«Ser isto ordenação dos Céus divina
 Por sinais muito claros se mostrou,
 Quando em Évora a voz de uma menina,
 Ante tempo falando, o nomeou.
 E como cousa, emfim, que o Céu destina,
 No berço o corpo e a voz alevantou:
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo, Dom João.»

No romance do Conde Iano (Romanceiro de Garrett), uma criança de mama fala. Garrett refere-se também à criança que bradou no colo da mãe: «Real, Real, pelo Mestre de Aviz Rei de Portugal!»

Garcia de Rêsende cita um caso semelhante (Miscelânea, 305).

V. J. A. Pires de Lima — *A teratologia nas tradições populares* — Coimbra, 1926.

— J. A. Pires de Lima e F. C. Pires de Lima — *Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho* — Barcelos, 1938.

«Ouvi novas, de que toda minha vontade foi contorvada, e os *beijos* de minha bocca de todo estremeceram, porque aquelle dia foi de grande ira, e espantavel sanha contra a tua real magestade,» (Carta do anti-papa ao rei de Castela depois da Batalha de Aljubarrota — VI-V, 49).

A palavra *dente* aparece em sentido figurado nas seguintes frases:

«E preguntando os que eram presentes por que? respondeo estonçe e disse: *Porque quamtos dentes tẽ na boca, todos lhe aballam senom huũ*. E este dizia que era NunAllvarez».

«Assi que sse ao Meestre aballavom todos os *dentes*, como disse a Rainha em Castella bem aballou este e apodreceo, ataa que cahiu de todo como fizerom outros» (V, 337, 341).

«como quer que não mingou quem mordesse sua grande fama com *dentes* de raivosa inveja.» (VI-IV, 7).

Além dos dentes humanos, também uma vez se refere aos *dentes* de porcos monteses (II, 125).

Para dar idea da crueldade daqueles tempos, transcreverei apenas dois passos em que se fala na lingua humana:

«e que a vingaria de todos, espeçiallmente dos homẽes e molheres de Lixboa de que ella dizia, que nunca avia de seer vingada ataa que tevesse

huñ tonell cheo das *linguas dellas.*» (ideias vingativas de Leonor Teles — V, 105).

«não cessou de uzar de toda a crueldade, assim em homens como mulheres e moços pequenos, mandou-lhes decepar as mãos e cortar as *linguas,*» (Crueldade do rei de Castela — VI-IV, 105).

A palavra «língua» também aparece como sinónimo de idioma (VI-IV, 200), designação de lugar (V, 172), informação, conhecimento (V, 176; VI-VI, 139).

Vejo também duas referências às línguas de Vaca e de Cavalo:

«que tal aviia hi, se aviia vomtade de comer huuma *lingua* de vaca, matava a vaca, e tiravalhe a *lingua* e leixava a vaca perder;» (III, 110).

«todos a pé descidos das bestas, atando-lhes as *linguas* com as sedas do rabo por não rincharem e poderem ser descobertos.» (Na tomada de Ponte de Lima — VI-IV, 60).

Vejamos agora o vocabulário relativo aos órgãos da visão, da audição e da olfacção, vocabulário tão pobre como o das regiões já estudadas.

A palavra *ólho* aparece muitas vezes, tanto no singular, como no plural.

Na primeira transcrição que vou fazer, note-se o carácter estoico dos Portugueses e, ao

mesmo tempo, a crueldade selvática da Idade Média :

«que lhe mandaria degollar os filhos ante seus *olhos*... que se a Rainha por esta razom lhe mandasse degollar seus filhos, que ainda el tiinha a forja e o martello com que fezera aquelles, e que assi faria outros.» (II, 103).

A-propósito da doença de Nun'Álvares :

«E outras mujtas pallauras de grã door: e esto cõ as lagrimas nos *olhos* nõ comêdo nênhũa cousa.» (IV, 172).

Acêrca das previsões de Fr. João de Barroca :

«O modo primeiro corporall he, quando os *olhos* corporaaes ssom abertos a veer o çeço e a terra e outras cousas;»...

«Dos outros dous spirituaaes, huñ he quando com os *olhos* da alma per alumeamento do Spiritu Samto, viĩmos em conheçimento dalguũa cousa;» (V, 41).

No célebre sermão em acção de graças por se ter levantado o cêrco de Lisboa, fala outra vez o prègador nos *olhos* do entendimento :

«Paraae mentes e abrii os *olhos* dos vossos corações — disse ell — e esguardaae, como veherom dias em estes rreinos, e espeçiallmente sobresta çidade em que seus emmigos a çercarom, e poserom em gramde amgustia;» (V, 278).

Uma vez fala especialmente no *ôlho direito* (VI-V, 140) e outra no espaço inter-supraciliar:

«logo em ponto nasceu um rijo virotão *entre os olhos* d'elle, que o feriu de mui má maneira, de guisa que a pouco espaço como d'alli foi levado morreu;» (Na desastrada travessia do Rio Minho a vau e cêrco de Tui — VI-VII, 11).

Rodrigalvarez, um dos numerosos irmãos de Nun'Álvares, era conhecido pela alcunha do «*olhinhos*» (III, 117).

A cada passo fala das lágrimas, como por exemplo, na impressionante narrativa do assassinio de D. Maria Teles:

«e nom se podiam teer as *lagrimas*, e salluços, como se fosse madre de cada huum delles:» (III, 37).

«*Ter ôlho*» é observar, prestar atenção:

«Os quaes o Condestabre avisara que *teuessem olho* em elle e que se vissem, que antre elles algũa cousa bollia que logo acudissem; (IV, 190).

«e que de tall guisa *tiinham nella olho*, quantos logares hi avia;» (V, 145).

Uma só vez fala num caso de cegueira, ao descrever certo episódio, em que mostra a bondade do Santo Condestável:

«porque ataa huũ *cego* que morava no arravalde, ouvindo como o Meestre partia deste geito

cõ aquellas gentes; começou de braadar grandes braados, rrogando por Deos que o levassem comssigo, nom ficasse em poder de tam maa gente. NunAllvarez quando esto ouvio, movido com doo e piedade delle, mandou que lho posessem nas amcas da mulla em que ja estava, e desta guisa foi com os outros.» (V, 340).

Antes de deixar o órgão da visão, transcreverei ainda este lindo passo, referente ao procedimento de D. Filipa de Lencastre, durante a grave doença de seu augusto marido:

«A muito nojosa rainha chegava-se a el-rei por o consolar, não tirando os *olhos* delle, e não sabia como reter as lagrimas que embargavam sua doce falla,» (VI-V, 175).

A palavra «*orelhas*» é quasi sempre sinónima de *ouvidos*.

Faz excepção o seguinte período do código feroz de D. Pedro I:

O azamel que furtasse palha «por a primeira vez fosse açoutado e talhadas as *orelhas*, e por a segunda vez fosse enforcado;» (I, 22).

Com o significado de *ouvidos*, algumas vezes emprega o termo *orelhas*:

«Ca çerto he que husando o Conde per tempo, daquella gram maldade que dissemos, dormindo com a molher do seu Senhor, de que tamtas mercees

e acreçentamento avia rreçebido, nom sohou esto assi simplesmente nas *orelhas* dos grandes senhores e fidalgos, que lhe nom geerasse grande e asiinado desejo de vimgar a desomrra delRei dom Fernando» (Assassinio do Conde Andeiro — V, 3).

«Sabia porem isto o Meestre e os de seu Comselho e eramlhe doorosas douvir taaes novas; e vëendo estes malles a que acorrer nom podiam, çarravam suas *orelhas* do rrumor do poboo.» (Cêrco de Lisboa — V, 270).

Vi empregado o termo *narizes*, no seguinte passo, onde se mostra que os *rojos* espanhóis mantinham integralmente os bárbaros costumes dos seus antepassados medievais:

«Em esto veendo Joham Duque, como queimavom Garcia Gonçallvez, com gram menemcoria que dello ouve, mandou tomar huñs seis a sete Portugueses, homeës de trabalho que tiinha presos, e mandouhos todos deçepar das mãos e fanar dos *narizes*, e poer todallas mãos ao collo dhuñ delles, e mandouhos assi ao Meestre;» (V, 335).

É empregada a mesma palavra em VI-IV, 48 (Tomada de Guimarães).

A expressão fisionómica é muitas vezes traduzida pela palavra *semblante*, que também aparece com as formas *sembrante* e *sembrãte*.

Grandeza de ânimo de D. João I:

«a grandeza do seu coração emcobria todo, nom

dando a emtemder nehũa cousa; mas a todos mostrava ledo *semblante* e boom gasalhado,» (V, 327).

Ordem na Batalha de Aljubarrota:

«e os que estivessem detraz que chegar não podessem com lanças, que botassem os outros ante si, louvando-os com bom e ledo *semblante*,» (VI-IV, 161).

Outros vocábulos para designar a expressão fisionómica são *parecer*, *gesto* e *feiçoões*:

«Este Iffante Dom Joham era muito igual homem em corpo e em *geesto*, bem composto em *parecer* e *feiçoões*,» (III, 19).

«O Cõdestabre foy muy casto de vôtade: e ajnda de feito. Porque elle cõ outra molher nũca dormio se nõ cõ a sua: pero casasse muyto mãcebo: e sua molher bẽ manceba: e asaz de bẽ *pareçente* molher...» (IV, 206).

«foi tragida aa corte delReei dona Enes de Castro, sobrinha de dona Tareyja dAlbuquerque pera amdar por domzella da Rainha. E amdamdo assi na casa delRei, seemdo ela *de boom parecer*, namoroussse della ho Iffante dom Pedro;» (V, 354).

«avia louçaão e graçioso *geesto*; e todalas *feiçoões* do rostro quaaes o dereito de fremosura outorga;» (Leonor Teles — II, 166).

Mas não pára aqui a rica sinonímia; pois, para designar a expressão fisionómica, ainda emprega Fernão Lopes os termos *vulto*, *doairo* e *contenença*:

«O Conde quando esto viu sahiu-se fóra, não falando com *vulto* triste o choroso, e foi-se logo pera sua tenda e deitou-se de bruços em cima da cama,» (VI-V, 154).

«elRei respomdia por taaes pallavras e com tal *doairo*, que bem mostrava que avia dello pouca voomtade.» (II, 178).

«e sua *contenemça* e rosto e olhos era assi todo gracioso, que quantos senhores e cavalleiros hi viinham de Castella, todos louvavam sua fremosura e graça.» (Leonor Teles — III, 188).

Aludia por vezes à *estatura*, mencionando pessoas de *gran corpo* (V, 315), *pequenas de corpo* (V, 314), à corpulência (*gordo* IV-171, 172), à disposição (*sanhudo*, IV, 38 — *dhumor menemcolico*, V, 41).

Não esquece os defeitos de locução, informando que D. Pedro I de Portugal era muito *gago* e que D. Pedro de Castela era «homem de boom corpo, bramco e ruivo, e *çeçeava* huum pouco na falla» (II, 69).

É curiosa a maneira como descreve os cumprimentos de D. João I:

«O Meestre estava acavallo com cota e braçaaes e huña espada çimta, e huña tabardilha em çima.

E. quando sse virom, fizeram suas medidas e abraçaramsse;» (V, 249).

A tosse usava-se para dissimular os pensamentos :

«O comde Dom Alvaro Perez de Castro, quando esto ouvio, deu huim *tossido* e disse:» (III, 215).

Mas onde Fernão Lopes mostra com mais intensidade o seu poder descritivo é, por exemplo, nos vigorosos retratos, verdadeiras águas-fortes, do Mestre de Aviz e de seu sogro o Duque de Alencastre, bem como de D. Leonor Teles :

«A altura do seu corpo? — de boa e rrazoada grandeza, e a composiçom dos membros em bem hordenada igualldade com graciosa e homrrada presença. He de gram coração e emgenho, nos feitos que a minha deffensom perteçem e todo o meu bem e deffendimento soamente he posto em elle» (V, 302).

«Este D. João, duque de Alencastro, era homem de bem feitos membros, comprido e direito, e não de tantas carnes como requeria a grandeza do seu corpo, e seria de idade de sessenta annos, de poucas cãs, segundo taes dias, e de boa palavra, não muito trigosa, misurado e de boas condições,» (VI-V, 107).

«Porque sse o dom da fremosura de todos muito preçado, faz a alguñas gaanhar perpetuall nome, deste otve ella tam gram parte, acompanhado de

prazivell graça, que aquelle que o mais desejar podesse, seeria assaz de contemta, do que a natureza a elle proveeo; desi com esto sajeza de costumes e grande avisamento; e de nenhuña cousa que a prudente molher pertemça, era ignorante. Foi molher mui emteira e de coração cavalleiroso,» (V, 31).

A contrastar com a opulência do vocabulário referente à expressão das emoções, é verdadeiramente escassa a terminologia respeitante às regiões raquidianas e cervicais.

Só uma vez encontrei uma referência à *nuca*, se a designa por *caluga*, como ainda hoje se chama à nuca dos porcos (1). Fernão Lopes assim narra uma famosa aventura de caça do Infante D. João (III, 23, 24):

«e em saimdosse o porco, nom queremdo aguardar de justa, o Iffamte o remessou; e emtom foi feita a mais fremozza azcumada de seu braço, que ataa li fora vista nem ouvida amtre monteiros, por que as cuitellas da azcuma emtrarom pellos polpoões da coxa e cortaram os ossos e as juntas, e sahirom as cuitellas com toda a asta, pello comto da azcuma da outra parte da *calluga da espalda*».

À região dorsal dá o nome de *costas*, vocábulo que aparece várias vezes. *Volver costas* é retirar-se, fugir.

(1) J. A. Pires de Lima—*Vocabulário anatómico popular*—Coimbra, 1938 e Cap. I d'êste livro.

À região coccígea dos animais domésticos dá o nome de *rabo* (de Cavallo VI-IV, 60; de Vaca VI-VIII, 36).

O segmento do corpo humano situado entre a cabeça e o tronco é designado por *pescoço*, *colo* e *garganta*, que parecem termos perfeitamente sinónimos:

«Oo! que doorida cousa era desguardar, veer de dia e de noite, tantos homeës e molheres viir em manadas pera a çidade com os filhos nos braços e pella mão, e os pais cõ outros aos *pescoços*, e suas bestas carregadas dalfayas e cousas que trazer podiam!» (V, 121).

«emduziam as madres os inoçentes parvoos que tiinham no *collo*, que alçassem as mãos ao çeeo emsinamdolhe como dissessem, que prouguesse a Deos dajudar os Portugueeses;» (V, 229).

«Entonce lhe lançou mão na *garganta*, rijo, de guisa que o fez pousar ante si, e disse logo ao seu homem: trazes tu punhal ou adaga? Sim, trago, disse elle. Pois degola esta p. não brade.» (VI-VI, 122).

Apenas uma vez, é citado o *pescoço do cavallo* (VI-V, 165).

Nisto se cifra a nomenclatura anatómica do rãquis e do pescoço. Não é mais rica a que se refere ao tórax.

Peito ou *peitos* tanto significa a parede torácica como as *regiões mamárias* (*passim*). Também se

lê a palavra *seio* (seo — III, 140) e fala-se dum «filho pequeno que ainda era de *mama*» (III, 109).

Veja-se a localização, no *espaço prècordial*, da primeira das punhaladas que vitimaram D. Maria Teles (III, 37):

«lhe deu com o bulhom que lhe dera seu irmão della, *per amtre ho ombro e os peitos, açerca do coração;*»

Às costelas chama *costas* (V, 183), e são estes os únicos vocábulos relativos às paredes do tórax.

Do seu conteúdo, apenas conhecia os *pulmões* (*boffes* — V, 183) e o *coração*, palavra que é empregada muitíssimas vezes, não para designar o centro do sistema circulatório mas, em geral, no sentido figurado, para exprimir a *coragem*, o *ânimo*, as *opiniões*, o *espírito* de diversas personagens portuguesas e espanholas daquela época.

Estudemos agora o membro superior.

Ao primeiro segmento chama *espádua*, têrmo que também emprega para designar a região homóloga do Cavallo:

«ca mandou tirar o coração pellos peitos a Pero Coelho e a Alvaro Gonçallves pellas *espadoas*» (Vingança dos assassinos de D. Inez de Castro — I, 98).

«e o cavallo em que hia o Alferez foi topar em o camto fora da See, e quebroulhe huña *espadoa* e cahiu com elle» (V, 96).

«e na agua veo huñ viratõ e deulhe na *espada* do cavallo; e o cavallo semtimdosse ferido, cahiu logo com elle na agua..... quando sse semtio sõ a agua fora da besta, pos as mãos nos joelhos e alçousse em pee; e achousse tam alto que lhe dava a agua per so a barva;» (V, 245, 246).

Além da *espádua*, que designa a região escapular, Fernão Lopes também emprega o termo *espalda*, em geral no sentido de face lateral das hostes (VI-IV, 177; VI-VII, 35, 38).

À região *deltoideia* chama *ombro*:

«que çedo poeria sobre os *hombros* huum mui grande carregõ:» (III, 48).

«e quando sse veherom aabraçar, lamçou Paae Rodriguez a Gill Fernandez o braço no *ombro*, em maneira de seguramça; e com a outra mão lhe tomou a espada, e disse:

Vos serees preso.» (V, 180).

Das regiões da *espádua* falta a *axila*. Fernão Lopes designa-a por *soo braço* (*sob o braço* na grafia de VI).

«e temdo ja quatro viratoões chãtados no rrostro, e pellejamdo assi com elles, alçou o braço por fazer huñ golpe; e veo huñ dardo per aqueeçimento ho quall emtramdo per *soo braço*, lhe apontou demtro da boca;» (V, 244).

«tendo as lanças direitas e apertadas sob o braço o mais prelongadas que podessem,» (VI-IV, 161).

Ao modo popular (1) não fala especialmente no antebraço, considerando *braço* todo o membro torácico, menos a espádua e a mão.

«ca posto que alguũ bẽ quisessem fazer, nom tiinham com que e que pareçiam mui mall himdo com elle com capas nos *braços* e pedras nas mãos;» (V, 294).

«e que estando assi pee terra, que o forãm dizer aa Rainha: e que emtom sahiu ella de maamente cuberta de huũ grande mamto preto, que lhe nom parecia o rrostro, tragemdoa *de braço* Vaasco Perez de Camoões, e poucos com ella.» (V, 109).

«E em dizendo esto alçou com a lança o *braço* ferido, dizendo: A la fé eu sou Rodrigo, que tão bem las faço, como las digo.» (VI-V, 156).

É curiosa a maneira de dizer que uma pessoa leva outra pelo braço:

«e Martim Affonso como o viu *de braçou-o* e disse:» (VI-VI, 116).

(1) J. A. Pires de Lima — *Loc. cit.*

«*Segundo braço*» era aplicado no sentido em que hoje se diz «*braço direito*»:

«Assim foi que Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal, que era, como dissemos, segundo braço da defensão do reino,» (VI-VI, 102).

Apenas uma vez se fala em articulações dos membros. No seguinte passo, trata-se por certo de fracturas ou luxações da *articulação escápulo-humeral ou do cotovelo*:

«e indo el-rei por lhe mandar como fossem ordenados, cahiu o cavallo com elle e quebrou-lhe a *azelha de um braço* e corregeram-lh'o, e tomou grande nojo por lhe tal cajom acontecer em terra de seus inimigos,» (VI-V, 144).

Não conheço a técnica do manejar das armas do tempo de Nun'Álvares; por isso não sei se o termo *sobre-mão*, adiante transcrito, quererá dizer *punho*. É a única vez que aquêlé vocábulo aparece na obra de Fernão Lopes:

«Emtom aderemçou Paae Rodriguez rrijamente comtra elle; e deu logo huña lamçada *de sobre mão*, a huñ que diziam Affomssso Esteveês, que lhe passou a cota, em direito da ilharga, e emtramdo pello corpo cortou duas costas, e chegou aos boffes e cahiu morto em terra.» (V, 183).

Ocupemo-nos agora do segmento distal do membro torácico.

Como succede nas obras de Gil Vicente (1), também nas de Fernão Lopes os termos anatómicos mais frequentemente empregados são: *mão*, *pé* e *coração*.

Vejam os alguns passos em que se fala da *mão*:

«e sobre a morte do Conde Joham Fernandez, declarando-lhe certamente que em esto seeria elle de boa voomtade, querendo o Meestre em elle poer *maão*.» (V, 5).

«Entom se espedio da Rainha, e tomou o Conde pella *maão*» (O Mestre de Aviz conduz o Conde Andeiro — V, 18).

«prougue aaquell Senhor que he Primcipe das hostes e Vemçedor das batalhas que nom ouvesse hi outra lide nem pelleja senom a sua; e hordenou que o angio da morte estemdesse mais a sua *maão* e percudisse asperamente a multidõ daquell poboo.» (Disseminação da peste nos sitiante de Lisboa — V, 272).

«começaram muitos cachopos de sahir fora da çidade sem lho mandamdo neguem, pello caminho per hu viinham o Meestre, com cavallinhos de canas que cada huñ fazia, e nas *maãos* canaveas com pendoões, correndo todos e braadamdo: Portugall! Portugall! por elRei Dom Joham! em boa

(1) J. A. Pires de Lima — *A linguagem anatómica de Gil Vicente*, Coimbra, 1938 e Cap. IV d'êste livro.

hora *venha o nosso Rei!*» (Manifestações populares antes da eleição de D. João I — V, 342).

«Avia compaixom dos pobres e minguados, non os leixamdo padecer injuria; e a sua larga *mão*, sempre era prestes a dar, omde quer que humanall homrra ou spiritual proveito comsseguiu seu dom» (Bondade de Nun'Álvares — V, 374).

«E á porta de Miragaya onde o estavam attendendo, como diziamos, sahiu el-rei em terra por uma larga e espaçosa prancha, onde o beijar da *mão* e manteha-vos Deus Senhor, era tanto, que não podiam haver vez de cumprir suas vontades,» (Recepção de D. João I no Pôrto — VI-IV, 39).

«O duque mostrou que lh'o agradecia muito e fez geito de lhe beijar a *mão*, segundo costume em Portugal, mas el-rei não lh'o quiz consentir.» (Cortesia do Duque de Lencastre — VI-V, 176).

Fernão Lopes já empregava o dito, vulgarissimo hoje, *trazer entre mãos* (VI-VI, 108).

Fala especificadamente em *mão direita* e *mão sestra* ou *mão esquerda*, e também na *mão de Deus* (VI-IV, 118) e na *divinal dextra* (VI-V, 81).

Duas vezes se refere à região palmar:

«e depois que a escada cahiu por aquecimento, lhe deu um virotão pela *palma da mão*.» (Conquista de Guimarães — VI-IV, 48).

«e movendo tezo contra uma parede, deu com as *mãos* nas faces e quedas *as palmas* no rosto poz a cabeça na parede, e chorando dizia:» (O rei de Castela derrotado — VI-IV, 169, 170).

Apenas vejo duas referências aos *dedos*. Citei esta, que deve tratar de casos de gangrena a *fri-gore* ou de escorbuto, pelo uso de alimentos avitaminados:

«passamdo muita fame e frio e outras doores, fez que se perdeo muita gente della; ca lhe cahiam os dentes, e os *dedos dos pees e das mãos*,» (II, 107).

Fernão Lopes designa também por *mãos* as patas anteriores de um urso (III, 22).

À agressão a murro, chama, como Gil Vicente (1), *punhada* (I, 31; V, 26; VI-V, 141).

Era vulgar, naqueles tempos, cortar as mãos aos criminosos ou aos inimigos vencidos na guerra. Eis alguns passos referentes a tão bárbara prática:

«E quãdo a Rainha chegou, fezlhe ell sua rreverença, e tomou a *maão* e beyjoulha; e ella disse estomçe: *Maão beyja homẽ que queria veer corta*.» (V, 134, 135).

«e foram *deçepados* e tomados os beens» (dos que reprovaram o casamento de D. Fernando) — II, 159).

(1) J. A. Pires de Lima — *loc. cit.*

«E quando a Lixboa chegou o recado que elRei de Castella partira dalli pera seu rreino, que foi aos quatorze dias do mes doutubro, em esse dia mandou o Meestre *deçepar dos pees e das mãos* e arrastar, e poer na forca, huñ homem chamado Joham do Porto, que fora escriptvam da camara delRei dom Fernando, por cartas que falssara do dito Rei seemdo vivo;» (V, 291).

«e ante que d'alli partisse mandou *decepar* um homem dos da villa, que tinha preso, e mandou outro *decepado* a Gil Fernandes com um escripto ao pescoço, em que dizia que el-rei jurava que quantos tomasse da villa de Elvas, que assim faria a todos.» (O rei de Castela mandava, como represália, cortar as mãos aos de Elvas — VI-IV, 96).

E nem os cavalos escapavam a costume tão bárbaro. Após a sua fuga precipitada, depois da Batalha de Aljubarrota, os castelhanos cortavam as patas aos cavalos, para que êles não pudessem ser utilizados pelos Portugueses (VI-IV, 205).

Aos defeituosos das mãos chama *aleijados*:

«e deu Affomso Amrriquez, Caçador moor, a seu irmão o Conde per cajom huña cuitellada na mão direita, de que depois foi *allejyado*;» (V, 215).

Passemos agora ao abdómen, segmento do corpo humano em que é pobríssima a terminologia de Fernão Lopes.

Só uma vez vejo citado o abdómen no seu conjunto, com a designação de *ventre*:

«os poboos meudos, mall armados e sem capitam, com os *ventres* ao soll, amte de meo dia os fillavom por força.» (V, 75, 76).

Por quatro vezes fala em *cinta*, para designar a região onde se suspendiam cutelos, espadas e punhais (IV, 189; V, 144; VI-VI, 142; VI-VII, 45).

Com o mesmo significado, usa uma vez o termo *cintura*:

«e atou as treelas dos alaãos huuma na perna, e outra darredor de si pela *çintura*.» (III, 23).

À região costo-iliaca chama *ilharga*, como ainda hoje faz o povo:

«E o Condestabre asy como estaua a cauallo: poz a mão seestra na *jlharga* mostrando que ho fazia simprezmēte: porē a sua teençã era por poer a mão no cuytello como estaua. E porque o cuytello amdaua pendurado na cinta: correo para detras: e nom ho achou. E quando o asy nom achou: foy toste com a maaõ atras e correo o cuytello pera *jlharga*: e sua jeēte ã em elle tijinha olho :» (IV, 190).

«E Gill Eanes primo de Gill Fernamdez, pos a lamça soo braço e foi emcomtrar pella *ilharga* Paae Rodriguez» (V, 183).

Uma única vez encontro o termo *virilha*, para designar a região ínguino-abdominal (sede da segunda das punhaladas de que foi vítima D. Maria Teles):

«e em tirando o bulhom della, lhe deu outra ferida pellas *verilhas*;» (III, 37).

Uma só vez, também, vejo referência ao *estômago*. É a propósito das profecias de Fr. João da Barroca:

«As rrevellações outrossi em sonhos som per çimquo modos, convem a saber: sonho, visom, oraçom, nom sonho, famtasma; e estes dous modos postumeiros alguñas vezes veem por inchimento do *estamago*;» (V, 41).

Acêrca das vísceras abdominais, só se encontra uma citação, relativa aos bois que se comiam durante o cêrco de Lisboa:

«e se almogavares tragiam alguñs bois vallia cada huñ sateemta livras, que eram quatorze dobras cruzadas, vallemdo emtom a dobra çimquo e seis livras; e a cabeça e as *tripas*, huña dobra;» (V, 269).

E nisto se cifra a nomenclatura sôbre o abdómen. Estudemos agora a bacia e o sistema uro-genital.

Os termos de morfologia são, neste capítulo, muito escassos e, em geral, não podem ser hoje repetidos, por se terem tornado obscenos.

Muito mais que os termos anatómicos, são hoje impossíveis de mencionar os que se referem à fisiologia do sistema uro-genital.

Vou, pois, tratar muito rapidamente êste capítulo.

A região glútea era designada por um breve monossílabo, que não pode ser pronunciado (V, 259, 260, 298; VI-IV, 194).

Aos órgãos genitais chama genêricamente: *vergonhosos membros*, *vergonhosas partes*, *vergonhosas partes* e *partes vergonhosas do fundo*:

«E himdo mais adeamte, amte que chegassem aa porta prinçipall, lamçousse outro homem a ella, e cortou-lhe as falldras de todollos vestidos, em tanto que lhe parecerom as pernas todas, e parte dos seus *vergonhosos membros*» (Assassinio da abadessa dum convento — V, 80).

«E em esse dia logo alguñas refeçes pessoas lançarom ao Bispo onde jazia nuu, huñ baraço nas pernas e chamamdo muitos cachopos que o arrastassem, hia huñ rrustico braadando deante: *Justiça que manda fazer nosso Senhor ho Papa Urbano Sexto, neeste treedor, çismatico Castellaão, porque nom tiinha com a Santa Egreja.*

E assi o arrastarom pela çidade, com as *vergonhosas partes* descobertas e o levarom ao Rossio, omde o começarom de comer os caães, que o nom ousava nehuñ soterrar.» (Morte do Bispo de Lisboa — V, 26).

«e seemdo a ella cuidado de cobrir as *vergonhosas partes*, nom teve outro acorrimento, se nom

huuma branca collcha, em que envolveo todo seu corpo,» (Morte de D. Maria Teles — III, 36).

«e se não fôra que ia bem armado de cabeça fôra morto e rebentou-lhe o sangue pelos olhos, e narizes e orelhas, e boca, e pelas *partes vergonhosas do fundo*, e per espaço grande não foi em seu accordo, e cuidaram que era morto.» (Tomada de Guimarães — VI-IV, 48).

O órgão erétil masculino é citado apenas uma vez, com a designação de *natura*. Foi a propósito dum presente que, por brincadeira, os sitiados de Vila Nova de Gaia ofereceram a D. João I, que se riu da facécia, não a tomando a mal:

«mamdoulhe Joham Duque huñ dia em dous baçios, huñ vergonhoso presente, convem a saber: huña *natura dasno* cozida com duas laramjas;»

Já citei o termo *ventre* com o significado de abdómen. Também o encontrei, uma vez, no sentido de *útero*:

«e aquelles que huñ *ventre* geerou e hũa terra deu criamento, desejarem de sse matar de voomtade, e esparger o sangue de seus divedos e parentes!» (V, 118).

Esta frase refere-se chocarreiramente à diferenciação sexual:

«e disse contra huum escudeiro, que chamavom

Gil Vaasquez Barbudo, com que ouvera pallavras peramte o comde :

Amdaae pera aqui, Gil Vaasquez, ca agora eu quero veer como se extrema o macho da femea» (III, 79, 80).

Ao acto da castração chamava, ao modo popular de hoje, *capar* :

«e deziam alguuns fidallgos de Castella jogue-teamdo, que ante saberiam *capar* elRei seu Senhor, que nunca haver filho nem filha, e juntar o Regno de Portugal ao de Castella.» (III, 174).

No seguinte passo trata-se dum caso de emasculação total, ordenada por D. Pedro I a um seu escudeiro, porque dormiu com uma mulher casada. Veja-se como a orquidectomia produziu o aspecto eunucoide do traumatizado :

«e mandoulhe cortar *aquelles membros, que os homeens em moor preço tem*; de guisa que nom ficou os ossos que todo nom fosse corto; e pensaron Dafonso Madeira e guareção e engrossou em pernas e corpo, e viveo alguns annos emjalhado do rosto e sem barvas, e morreo depois de sua natural door».

É curioso ver como foi notado o efeito da privação da hormona sexual: adiposidade, fisionomia infantil, de face glabra e engelhada.

As relações sexuais chama, uma vez, *juntamento carnal*:

«do dia que lhe fosse entregue ataa sete meses, nom ouvesse com ella *juntamento carnal*:» (II, 135).

Mas, a êsse propósito usa também mais cruas expressões (I, 4; II, 135; V, 298).

À luxúria chama *vícios carnaes* e a D. Leonor Teles, pela sua incontinença sexual, dá o epíteto de *lavrador de Vénus* (II, 169).

Refere-se à pureza sexual dos filhos de D. João I :

«Ora leixando o louvar da virgindade dos que casados não foram havendo assaz tempo pera ello, e a doce castidade dos que houveram mulheres,» (VI-VI, 89).

E fala com grande louvor na immaculada castidade do Santo Condestável :

«e seu feito e cuydado nom era se nom trazerse bem elle e os seus e cavalgar e hyr a monte e aa caça, nom entendendo em amor de nenhũa mo-lher nem soamente nom lhe chegaua ao coração.» (IV, 9).

«pois peç pelleja que numca cessa, nom seem grande força e rresistemça subjogou de tall guisa os viços carnaaes, que, cheo de fruito de grande proveito, o nom podia nenhuñ prasmear de mingua algũa que notavell fosse.» (V, 55).

Fernão Lopes disserta largamente acêrca da vida immaculada de Nun'Álvares, que tudo deixou para se entregar à luta pela independência de Portugal.

A-pesar-disso, Garrett, numa tirada romântica de mau gôsto, não hesitou em apresentar-nos o grande Condestável a bater-se grotescamente em duelo, com um pobre serralheiro, por causa de ciúmes duma rapariga! (*O Alfageme de Santarém* — Acto Segundo, Cena XII).

Melhor fôra que não devêssemos à literatura do romantismo a fantasia infeliz, que nos mostra o invencível Nun'Álvares caído no chão, com um golpe, misericordiosamente diminuto, que lhe dá no ombro o seu inventado rival!

Não me parece lícito brincar com figuras históricas, que devemos considerar sagradas...

De mulher de má reputação, diz suavemente Fernão Lopes que é de «encetada fama» (VI-VI, 60) e, a respeito da *concepção* (III, 107, 141 e 205; IV, 16; V, 349; VI-IV, 69; VI-VI, 105) e do parto (*passim*) emprega o nosso grande historiador uma liberdade de linguagem, que hoje se não admite.

Ter um abôrto é, para êle, *mover uma criança* (1):

«quando chegaram e o viram tão fraco e sem esforço, que adur lhe podiam fallar, ficaram tão nojosos e tristes, especiallmente a rainha, que se dizer não pôde, de guisa que logo *moveu uma*

(1) Cf. o termo *móvito* = abôrto.

creança,» (Filipa de Lencastre na doença de D. João I — VI-V, 174).

Na Idade Média, a elocução era duma franca rudeza, que hoje deveras nos choca. Ora veja-se, para exemplo inocente, esta frase colhida na descrição do cerco de Almada:

«e foi tamta a sêde com elles, que alli homde mijavam os homeës, hiam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada.»

Deixemos, porém, êste escabroso terreno e entremos no derradeiro capítulo, colhendo vocábulos estritamente ligados à morfologia do membro inferior.

Dividamos, à maneira clássica, o membro pélvico nos seguintes segmentos: anca, coxa, joelho, perna, colo do pé (que nunca é mencionado) e pé.

Nunca se refere à anca do corpo humano; mas algumas vezes menciona a *anca* do Cavallo ou da Mula (III, 22, 123; IV, 31, 102; V, 340).

O termo *coxa* aparece apenas duas vezes, sendo uma delas a propósito dos músculos femurais dum javali:

«e da torre lhe foy lançado huñ canto de que o Deos guardou que lhe nõ deo ã cheeo se nõ Vaasqueiro em huña *coxa* de que elle nom sijntyo bem:» (IV, 153).

«porque as cuitellas da azcuma entrarom pellos *polpoões da coxa*, e cortarom os ossos e as *juntas*,

e sahirom as cuitellas com toda a asta pello conto da azcuma da outra parte da calluga da espalda» (III, 23, 24).

Este passo, já citado a propósito da «nuca» (caluga), é o único em que encontro referências aos músculos (*polpões da coxa*) e às articulações (*juntas*).

Os *joelhos* entram muitas vezes nas narrativas de Fernão Lopes, onde noto as seguintes formas: *joelhos, goelhos, geolhos e giolhos*:

«E fi[n]cou os *joelhos* em terra, e fez sua oração aa imagem do Cruçifixo, e da sua preçiosa Madre que tragia pintada em sua bandeira; e isso meesmos todollos seus os *goelhos* em terra com as mãos alçadas fezerõ sua oração, e muitos delles choravom;» (V, 159).

«Estomce passeando mui mamsso, chegousse ao cabo da mesa veemdoo elRei dhu siia asseemtado e com os *geolhos* derribou o pee da mesa, e deu com ella em terra.» (Desfôrço de Nun'Álvares, no casamento do rei de Castela — III, 190).

«e andando-o buscando trigoso, foi-o achar fóra da hoste logo acerca entre dois penedos para esto azados, com os *giolhos* postos em terra e as mãos e olhos alçados ao ceu.» (Antes da batalha de Valverde — VI-V, 14).

Encontram-se igualmente bastantes referências à *perna*, quer do homem quer dos animais domésticos.

Finalmente, o vocábulo *pé* é um dos que mais aparece, e não admira, visto que se trata quási sempre de narrativas guerreiras: *homens de pé* são os soldados de infantaria e *pôr pé terra* é apearem-se os de cavalaria.

O Condestável foi uma vez ferido num pé e, do facto, há duas notícias:

«Ally veriades repartir pedradas: e lançadas; e seetadas q̄ dauam sem doo: huñs por se defender e outros por tomar. E foy hy ferido o Cõdeestabre de hũa setada que lhe derom per huñ *pee.*» (IV, 137).

«d'elle enviando-se de uma parte e outra muitas lanças e setas e assaz de pedradas, assim de fundas como enviadas de mão, e alli foi o conde um pouco ferido d'uma setada que houve em um *pé.*» (VI-V, 13).

Vejam-se mais duas curiosas referências ao segmento distal do membro inferior:

«Assim que aquelle a que Deus ama, esse castiga e correge, e se agora feriu e chagou o teu *pé*, elle é aquelle que sarará tuas chagas;» (Carta do anti-papa ao rei de Castela, consolando-o da derrota — VI-V, 49).

«E elle, segundo o voto que promettido tinha, ante que entrasse em Castella, partiu logo *de pé* para Santa Maria d'Oliveira, que era d'alli umas trinta leguas, na villa de Guimarães, por cumprir sua romaria,» (VI-V, 172).

Só uma vez fala especialmente nos *dedos dos pés*, no passo, já citado, a propósito duma epidemia que se desenrolou na marinagem da armada de D. Fernando (II, 107).

Também, apenas uma vez, se lê o termo *pègadas*, no sentido, ainda hoje usado, de exemplo dado pelos antepassados :

«cuja nodoa porem segundo dereito scrito e avangelica doutrina, nom pos magua em seu linhagem quando os descem[den]tes della, nom forõ seguidores de suas perverssas *pègadas*.» (V, 327, 328).

Em procissões de penitência ou de acção de graças, era freqüente irem todos *descalços*.

Veja-se a tocante descrição do cortejo que se realizou depois de levantado o cerco de Lisboa :

«No seguimte dia hordenarom logo huia grande e devota proçissom, na qual todos fossem *descalços* ao moesteiro da Triimdade que he dos muros adentro do logar; e o homrrado dom Joham Escudeiro, Bispo que emtom era dessa çidade, partio *descalço* da egreja cathedrall da See, rrevestido em pomtificall com o Corpo de Deos nas mãos, o mais honesto e honrradamente que sse fazer pode, muito acompanhado doordeës e clerezia, e desi do Meestre com todo outro poboo.» (V, 277).

Neste passo, ver-se-á mais uma vez a piedade de Nun'Álvares :

«E daqui se partyo Nunalurez no dia seguinte

pella manhã ã era dia de endoças: e se foy de pee e *descalço* em romaria a Sancta Maria de Açumar hũa legoa de hy:» (V, 73).

Fernão Lopes emprega também o termo *calçados* (VI-IV, 202).

Quanto aos defeituosos dos membros, apenas vejo referência ao *pobre manco* que aconselhou a fuga a Diogo Lopes, um dos assassinos de D. Inês de Castro (I, 95) e aos cavalos que *emanquecessem*, a propósito da legislação de D. Fernando (II, 226).

*

* *

Terminou a longa exposição, onde deí conta da proveitosa convivência de alguns meses com a obra do insigne cronista.

Na elaboração do meu actual estudo foi meu intento não só continuar a rebuscar nos clássicos a terminologia da ciência que professo, mas ainda chamar a atenção para um dos maiores escritores portugueses, tão lamentavelmente esquecido, que ainda não tem um monumento em Portugal o que foi, há quinhentos anos, sapientíssimo *guardador das escrituras* do Tombo!

IV

A linguagem anatómica
de Gil Vicente

IV

A LINGUAGEM ANATÓMICA DE GIL VICENTE

Poucas disciplinas são mais seguramente baseadas na obra de um homem, diz Charles Singer (1), do que é a Anatomia em Vesálio.

No mesmo ano em que aparecia a obra de Copérnico *Sôbre as revoluções das esferas celestes* (1543), publicava André Vesálio *Sôbre a fábrica do corpo humano*.

São estas as obras fundamentais acêrca da máquina do Mundo e da máquina humana.

É obscura a biografia de Gil Vicente e não se sabe ao certo a data do seu falecimento; mas, sem dúvida, já não era vivo quando se deu a revolução científica do Renascimento.

Na sua obra tão erudita, demonstra D. Augusta Gersão Ventura (2) que Gil Vicente se aproveitava

(1) Ch. Singer, *The evolution of Anatomy*, London 1925.

(2) Augusta F. Gersão Ventura, *Estudos vicentinos*, 1: *Astronomia-Astrologia*, Coimbra 1937.

amiúde de termos e noções de astrologia, para ridicularizar esta pseudo-ciência.

Não pôde o criador do teatro português tomar conhecimento da obra colossal de Vesálio, que veio reformar completamente os nossos conhecimentos anatómicos; e nem sequer travaria relações com os trabalhos dos grandes precursores de Vesálio: Mondino, Berengario de Carpi, Leonardo da Vinci.

Não admira, porque a renascença anatómica levou muito tempo a ser introduzida em Portugal (1). Só no reinado de D. João III é que os estudos anatómicos foram iniciados no nosso país, chamando o Reformador da Universidade um professor de valia, educado em Itália e com prática de ensino em Espanha (Guevara, 1556).

Mas o impulso de D. João III perdeu-se depressa e a cadeira de Anatomia resvalou para mãos imperitas, que a detiveram por largo tempo. Só no século XVIII apareceu, redigido em língua portuguesa, o primeiro manual de Anatomia (Santucci (2) 1739); mas, ainda nessa época tão próxima de nós, houve um ridículo professor que, no folheto *Destêrro crítico das falsas anatomias*, impugnava a obra da Renascença.

Não admira, pois, que Gil Vicente soubesse pouca anatomia.

Nas suas obras não há quaisquer referências à

(1) Maximiano Lemos, *História de Medicina em Portugal*, Lisboa 1899.

(2) Bernardo Santucci, *Anatomia do corpo humano*, Lisboa Ocidental 1739.

dissecção e, como o povo, com quem vivia, o grande escritor só conhecia a anatomia grossa.

A linguagem anatómica de Gil Vicente não se distingue da linguagem anatómica popular; e o falar do povo do século XVI, ao menos no que se refere a termos anatómicos, pouco difere da actual terminologia popular.

Na nova edição do meu *Vocabulário anatómico popular* (1), grande número de termos são abonados com passos vicentinos.

O povo, assim como Gil Vicente, apenas conhece a morfologia exterior do corpo humano e, muito vagamente, algumas vísceras postas a descoberto quando desfaz o porco:

«Se queres conhecer o teu corpo
Abre o teu porco»,

diz o povo.

Na formação do seu vocabulário anatómico, o povo, e assim Gil Vicente, guiavam-se por Galeno, o grande anátomo-fisiologista da Antiguidade.

Foi no século II da nossa era composta a maravilhosa obra do clínico do imperador Marco Aurélio *Acêrca da Utilidade das partes do corpo humano* (2).

Por êsse livro se guiavam os médicos de todo o mundo culto durante mil e quatrocentos anos.

Foi à obra de Galeno que os povos das nações

(1) V. Cap. I dêste livro.

(2) *Œuvres anatomiques, physiologiques et médicales de Galien*, trad. par Daremberg. Paris 1854.

organizadas na Europa durante a Idade-Média, por intermédio de médicos e eruditos, foram buscar as suas noções de anatomia e fisiologia e a respectiva nomenclatura.

Gil Vicente conhecia o latim, o espanhol, o francês e o italiano; era muito dado a leituras «mas bem fraco serviço lhe presta», diz Aubrey Bell (1), quem pretende apresentá-lo como teólogo profundo, grande filósofo e filólogo autorizado.

Não tinha Gil Vicente a erudição enciclopédica de Camões, pois era muito diferente a formação intelectual dos dois grandes escritores quinhentistas.

Mas o Plauto, o Shakspeare português, como lhe chama Aubrey Bell, a-pesar-da linguagem rústica, era bastante ilustrado.

Donde viria o saber médico de Gil Vicente, revelado não só na *Farsa dos Físicos*, mas em muitas outras das suas produções?

A esta pergunta, responde o Prof. Rocha Brito (2) no seu belo estudo vicentino, que o comediógrafo é verdadeiro em tudo quanto a respeito de Medicina avança e que, verdadeiro autodidata, deveria ter aprendido à sua custa, e lido Hipócrates, Galeno e Avicena, em latim, língua muito sua conhecida, até mesmo quando a estrophia.

Demonstrou D. Carolina Michaëlis de Vascon-

(1) Aubrey Bell, *A literatutra portuguesa* (História e Crítica) trad. por Agostinho de Campos e Barros e Cunha. Coimbra 1931.

(2) Rocha Brito, *A Farsa dos Físicos* de Gil Vicente vista por um médico. Coimbra 1937.

celos ⁽¹⁾ que Gil Vicente não pode considerar-se latinista, nem humanista.

«Apeado embora do pedestal de Latinista e Humanista... Gil Vicente continua grande, por ter estado com comunhão íntima com a tradição nacional. Grande por ter vida, filosofia e poesia».

«Grande por saber algo de tudo, e querer entender tudo».

«Um dos mais cativantes e inspirados poetas do mundo» na opinião de Menéndez y Pelayo e de Aubrey Bell.

Estava familiarizado com o latim da Igreja e, segundo a grande escritora, Gil Vicente, «lendo, lendo, em todas as horas vagas os textos sagrados e profanos, latinos e neo-latinos, a que pôde meter mão, adquirindo pouco a pouco algumas noções de teologia, jurisprudência, medicina, história, astrologia, csmografia».

Não tendo lido Homero, Hesíodo, Platão, Aristóteles, Virgílio e Ovídio, Gil Vicente, segundo D. Carolina Michaëlis, possuía talento natural de poliglota, dispoendo de ouvido musical.

Sendo artista, mas não erudito, lia contudo, *com voracidade nunca satisfeita* os relativamente poucos volumes que estavam ao seu alcance.

Poderia Gil Vicente ter lido as obras de Galeno? Se as não leu, adquiriu do povo a terminologia anatómica, que de Galeno tinha vindo.

Não falando em Hipócrates, pode dizer-se que

(1) Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicen-tinas*, IV, Coimbra 1922.

nunca foi exercida sobre a medicina influência tão intensa e tão duradoura como a do velho praxista de Pérgano.

E o que é certo é que não desapareceu inteiramente com a Renascença a obra dos antigos.

Desde o meado do século XVI, factos novos foram observados, diz Daremberg (1), foram vistos mais exactamente factos conhecidos dos antigos. Apareceram métodos para observação mais rigorosa, descobertas capitais batiam em brecha reputadas teorias, triunfando, pouco a pouco, da rotina.

Mas cometeu-se a leviandade de pôr inteiramente de parte a ciência antiga. Levou tempo a reparar o erro dos inovadores, que entenderam nada haver de bom na Antiguidade.

Levou tempo a ressuscitar Hipócrates e Galeno e a adquirir-se o convencimento de que a ciência do Renascimento não é mais que a continuação da obra científica da Antiguidade clássica.

Galeno acreditava em Deus e, em *De usu partium*, procurou demonstrar, passo a passo, que a máquina humana era uma obra prima da Providência, que as partes do corpo estão perfeitamente adaptadas às respectivas funções e que não haveria possibilidade de serem mais perfeitas do que realmente são.

A cada passo, Galeno discute com os materialistas, defendendo a doutrina das causas finais e mostrando, à face dos órgãos e suas funções, que nada podia ter aparecido no mundo por acaso,

(1) *Œuvres de Galien, cit.*

mas que tudo surgiu por obra inteligente da Providência.

Foi neste ambiente espiritualista, que devia ser tão caro a Gil Vicente, que o povo elaborou o seu vocabulário anatómico tão simples, vocabulário que o criador do Teatro aceitou e fixou.

Acompanhemos, pois, Gil Vicente, na sua linguagem anatómica, seguido a ordem, aliás pouco razoável, do tratado *De usu partium*.

O corpo é, para êle, o sustentáculo da alma, como se pode ver nestes passos (1). Referindo-se aos ídolos, diz:

«Tem pés e não andão, mãos e não palpão,
Olhos e não vem, orelhas e não ouvem,
Corpo e não sustem, cabeça e não entendem.»

(*Auto da História de Deus*, I 160).

No *Auto da Barca da Glória* (III, 99), diz o Bispo aos Anjos:

«Mi triste *cuervo* cuitado
Del vano mundo partido,
De todas fuerzas robado
Del alma desamparado,
Com dolores despedido.»

No *Auto de S. Martinho* (III, 112), diz o Pobre:

«Iré á buscar un pan que sostenga
Mi *cuervo* doliente, hasta que venga
La muerte que quiero por mi compañera.»

(1) Faço referências aos volumes e páginas da edição de Mendes dos Remédios, de que me sirvo (*Obras de Gil Vicente* — Coimbra 1907-1914).

No *D. Duardos* (III, 176), lamenta-se Flerida:

«Mas es una alma perdida
Que habla en el *cuervo* mio
Ya finada.»

E o namorado *Amadis* (III, 205-206), num desesperado lance, diz:

«Hermosura soberana
En cuyo nombre me parto
En dos partes y no en una:
La del alma doy á ella
La del *cuervo* á la Fortuna,
Ya á la Luna,
Porque la hizo tam bella.»

Às partes ou órgãos do corpo humano chama vagamente *membros*, como se vê no passo do *Auto da Cananea* (I, 195), em que Gil Vicente, baseado em meia dúzia de versículos do Evangelho (S. Mateus, xv, 22-28) pinta em traços realistas o quadro da grande histeria, segundo Charcot:

«Tem os seus braços torcidos,
Os olhos encarniçados,
Os cabellos desgrenhados
Seus *membros* amortecidos.»

A utilidade de todas as partes está sob a dependência da alma, diz Galeno, que segue a doutrina aristotélica; pois o corpo é o instrumento da alma.

Entre as partes que são cúmulo de perfeição, destaca em primeiro lugar a *mão*, em cujo louvor entoá hinos como êste: «o homem, feito para a paz assim como para a guerra, com as mãos escreve as leis, levanta aos Deuses altares e estátuas, cons-

true um navio, fabrica uma flauta, uma lira, forja cutelos e tenazes, produz os instrumentos de todas as artes; nos seus escritos deixa memórias sobre a teoria dessas artes; de maneira que, graças aos escritos e à obra das mãos, podemos ainda conversar com Platão, Aristóteles, Hipócrates».

Gil Vicente admirava, tanto como Galeno, as maravilhas da mão; de todos os termos anatómicos, é esta a palavra que aparece mais vezes nas suas obras.

Logo no *Auto da Mofina Mendes* (I, 2) começa o Frade por dizer, em latim, que não devemos confiar nos que puseram a cabeça *in manibus ventorum*; no *Auto pastoril português* (I, 34), a propósito da imagem de Nossa Senhora, pergunta Caterina:

«E tem pés, e mãos e olhos?

No *Auto da Feira* (I, 57), Denis Lourenço assim apreçoava as qualidades de sua mulher:

«Mas a minha he tão cortez,
Que se viesse ora á mão
Que m'espancasse um rascão,
Não diria, mal fazês.»

No *Auto da Barca do Inferno* (I, 98), canta o Diabo:

«Vos me veniredes á la mano,
Á la mano me veniredes;»

E mais adiante (105) entra um Frade com

hãa Moça pela *mão*, e o Diabo intima o corregedor (III):

«*Ita, ita, dai ca a mão.*»

No *Auto da Barca do Purgatório* (I, 132) vem um Pastor:

«Com meu cacheiro na *mão*
Sem soes motrete de pão,
Nem fome pera o comer
Se vem á *mão.*»

E à Moça faz o Diabo o seguinte convite (137):

«Senhora, por concurusão,
Não quero de vós somente,
Senão dardes-me essa *mão*,
Se disse fordes contente.»

E, mais adiante, (139) confessa, com todo o cinismo:

«Quer ganhemos, quer percamos,
Tudo nos fica na *mão.*»

Na *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrêla* (I, 250) diz Felipa para Gonçalo:

«Ja teu pai tem dada a *mão*,
E dada a *mão* feito he.»

Com o mesmo sentido, diz Caterina para Fernando (253):

«Mas casemos, dá ca a *mão*:
E dir-lhe-hei que sam casada.»

E Rodrigo faz a mesma solicitação (255):

«Felipa, olha para ca,
Dá-me essa *mão*, ieramá;»

Nessa obra tão casamenteira, outras vezes se fala em *mão*: Felipa, aproximando-se, diz para Rodrigo:

«Tu pedes-me o coração,
E eu não t'ó hei-de dar
Porque he mui fóra de *mão*:»

O Ermitão, com os seus conselhos, resolve todas as questões:

«O casar Deos o provê
E de Deos vem a ventura,
Da ventura a creatura,
Mas com dita he por mercê,
E tambem serve a cordura.
Ponde-vos nas suas *mãos*,
E não cureis d'escolher;»

Decididos pela sorte todos os casamentos, canta Lopo e baila (262):

«E se ponerei la *mano* em vós
Garrido amor.»

No *Auto da Barca do Purgatório*, lamenta-se o Lavrador:

«E se não levam torta a *mão*,
Não lhe acham nenhum direito.»

Levar a *mão* torta é levar dinheiro para peitar os magistrados: Ainda hoje há quem diga: «Arranja-se tudo com um apêrto de *mão*...»

Em português, em espanhol e em latim, aparece o vocábulo mão mais de cento e cinquenta vezes, e até na algarviada da Cassandra (*Farsa dos Ciganos*, III, 241) se ouve o termo estropiado:

«Nueva ruza, nueva estrella,
O brancaz *manuz* de Izeu,
Tú cazarás em Niseu
E ternás hornoz de tella.»

No *Juiz da Beira* (II, 361) o Escudeiro emprega maliciosamente o diminutivo:

«E vendi hũa gualteira,
E fiz da pousada feira,
Soma emfim de razões,
Ajuntei quatro tostões,
e meti-lh'os na *mãosinha*,
Dizendo-lhe: senhora minha,
Lembrem-vos minhas paixões.»

Na morfologia das mãos, Gil Vicente especifica, sòmente, e de maneira vaga, os dedos e as unhas.

Quando se está preparando um trabalho qualquer, é costume dizer-se hoje: «Tenho uma obra entre mãos»: A-propósito duma farsa que, parece, estava a escrever e que infelizmente não terminou, não chegou a publicar ou se perdeu, diz Gil Vicente ao Conde de Vimioso (I, 395):

«Agora trago antre os *dedos*
Hũa farça mui fermosa;
Chamo-a: *A caça dos segredos*,
De que ficareis mui ledos
E minha dita ouciosa.
Que o medrar,
Se estivera em trabalhar,
Ou valêra o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar.»

No *Auto da Barca do Purgatório* (I, 124-125) aparece um *Companheiro do Arrais do Inferno*, valentão, que tem esta fanfarronice:

«Eu só botára hũa nao
Com êste *dedo* sem ti.»

No *Auto da História de Deus* (I, 163), o pacífico S. João insurge-se contra os animais ferozes:

«E tu, mui soberbo lobo poderoso,
Que trazes as *unhas* crueis, e tingidas
No sangue de ovelhas de pouco paridas,
Aprende de Christo, cordeiro amoroso.»

Espantados com o prodígio da Ressureição, contavam os judeus os seus precalços, informando um deles (*Diálogo sôbre a Ressureição*, I, 177):

«E estes *dedos* que dizes, Rabi?
Que nenhũa *unha* não ficou comigo.»

e, mais adiante (179) o *Rabi Levi* confirma:

«Huns ficão pellados
Outros sem dentes, e braços quebrados,
Outros sem *unhas* pera fazer prol;»

Para terminar as citações acêrca da extremidade do membro superior, oiçamos como o Inverno (*Auto dos Quatro Tempos*, III, 69) conta os malefícios do frio:

«Las *uñas* traigo perdidas,
Los piés lleños de frieras,
Mil rabias de mil maneras
Traigo en el cuerpo metidas.»

Pouco fala Gil Vicente dos movimentos das mãos: Acho digo de menção o passo do *Diálogo sobre a Ressureição* (I, 177) em que o Rabi Samuel acusa os judeus de andarem à pancada:

«...ó desventurado,
andaste às *punhadas* com algum rascão,
e quebrou-te os dentes porque és villão,
e cuidas que o outro que he resuscitado.»

No *Auto da Feira* (I, 57) o pobre do Amâncio Vaz assim se queixa de sua mulher:

«Então tanto *punho* sêcco
me chimpa nestes focinhos;»

O fundador do Teatro nunca se refere aos músculos e, à maneira do povo, designa vagamente por *carne* as partes moles do corpo. No *Auto da História de Deus*, confessa Job (I, 158) a sua crença:

«Porque minha *carne* se levantará,
E em *carne* mea verei o Deos meu,
Que me salvará.»

E, mais adiante (159), aludindo à sua lepra:

«Que a minha pelle, as *carnes* gastadas
Logo a meu osso se achegará.»

Na *Romagem de Agravados* (I, 281), Fr. Narciso confessa hipòcritamente:

«E vivo mui austinente,
Marteirando a *carne* e ossos,
Como cá meu corpo sente;»

No *Auto dos Quatro Tempos* (III, 67) o Serafim informa os outros anjos:

«Pues vámosle á ver nacido,
Veremos como está puesto
El infinito
De humana *carne* vestido,
De huesos, niervos compuesto.»

No *Auto da Barca da Glória* (III, 87), o Diabo, reclamando passageiros para a sua embarcação, diz:

«De *carne* son y de huesos;
Vengan, vengan, que son nuestos,
Nuestro derecho real.»

Mais adiante (97), lamenta-se o Bispo:

«Muy crueles voces dan
Los gusanos cuantos son,
Adó mis *carnes* estan,
Sobre cuales comeran
Primeiro mi corazon:»

Por último, faz o Conde esta súplica (107):

«O Cordeiro divinal,
Médico do nuestro daño,
Viva fuente perenal,
Nuesa *carne* natural;
No permitas tanto daño.»

No *Auto de S. Martinho* (III, 113) lamenta-se o Pobre:

«Criante rocío, qué te hice yo,
Que las hiervecitas floreces por Mayo,
Y sobre mis *carnes* no echas un sayo,
Ni dejan dolores que lo gane yo?»

Por último encontro mais uma referência à carne, esta em latim, na *Comédia do Viúvo* (III, 144), quando o Clérigo abençoa os dois casamentos:

«Seran dos *in carne una*,
Benditos del sol y luna,
En un amor conservados.»

Se Gil Vicente é omissivo no que se refere à miologia, ainda é mais escasso em referências às articulações.

Encontro nas suas obras apenas um passo que diz respeito a uma entorse ou luxação. É no já outras vezes citado *Diálogo da Ressurreição* (I, 178):

«Dirás que arrendaste na sisa dos pannos,
Ou nos azeites do haver do pêso;
E que arrelaste hum homem travesso,
Sôbre razões, haverá dous annos;
E que agora te arrellou,
E mais que *l'estortegou* esse braço.»

Só vejo duas referências aos nervos, uma já citada, do *Auto dos Quatro Tempos* (III, 67) e a seguinte do *Auto da Barca da Glória* (III, 91):

«Pel y carne me vestiste
Ossibus, *nervis* et vita,
Misericordia attribuíste
Al hombre que tú heciste.»

Mas é tempo de me ocupar dos outros segmentos do membro superior.

Com referência à espádua, encontro apenas dois

passos vicentinos. Na *Comedia de Rubena* (II, 18) diz a criada Benita:

«Las quejadas
Teneis tan descarrilladas,
Y la barriga rellena,
Las espaldas empañadas;»

E na *Farsa de Inês Pereira* (II, 345), convida a protagonista o *asno* do marido a levá-la às costas:

«Passemos primeiro o rio.
Descalsae-vos.
Assi ha de ser?
E pois como?
E levar-me heis no *ombro*,
Não me corte a madre o frio.»

No braço fala muitas vezes; mas, à maneira do povo, inclue nessa designação todo o membro superior, menos a espádua e a mão. No *Auto da Alma* (I, 77), dá Satanaz estes maus conselhos:

«Vesti ora este brial,
Mettei o *braço* por aqui:
Ora esperae.
.....
Huns chapins haveis mister
De Valença:—ei-los aqui.
Agora estais vós mulher
De parecer.
Ponde os *braços* presumptuosos:
Isso si.»

No *Pranto de Maria Parda* (I, 386) lamenta-se a famosa bêbada:

«Os *braços* trago cansados
De carpir estas queixadas.
As orelhas engelhadas
De me ouvir tantos brados.»

No *Auto da História de Deus* (I, 171) diz Cristo:

«Quero ir pregar estes meus pés e meus braços
Onde os sinta e não possa ve-los:»

Na *Romagem de Agravados* (I, 283) diz Cerro Ventoso a Fr. Narciso:

«Mas vós, Padre, sois do Paço
E san Jeronimo do ermo,
E não dobrais vosso braço
Açoutando o espinhaço,
Nem trazeis o peito enfermo.»

No *Triunfo do Inverno* (II, 212), queixa-se Brisco:

«Quem me tirará o braço
E a perna que atolou.»

No *Auto da Fama* (II, 278) diz o Italiano:

«Ó licore de la vita mia,
Si brachi mei te pillhasse.»

No *Juiz da Beira* (II, 370) vem Ferão Brigoso, com sua espada nua e capa no braço e diz, fanfarrão:

«Oh braço! quão baixo ficas!»

E mais algumas vezes emprega a forma castelhana *brazo*.

Nas obras de Gil Vicente encontrei cinco vezes o termo cotovelo.

No *Auto da Barca do Purgatório* (I, 132) o

Pastor, para não ir na embarcação do Diabo, pretextou:

«Estando em val de Cobello,
Deu-me dor de *cotovello*,
Enperol morri perem.»

No *Clérigo da Beira* (I, 359) Cezília assim descreve a noiva de Gonçalo:

«E achar-lhe-has um signal
No meio da coxa esquerda.
E tem na teta direita
Um lãar com tres cabellos;
Pola cinta muito estreita,
De hũa nadega contreita,
E zambra dos *cotovelos*.»

No *Auto da Lusitânia* (II, 386) o Licenciado faz a caricatura do próprio Gil Vicente e diz que êle se namorou do Diabo, na figura duma donzela que lhe faz diversas malfeitorias:

«Levou-o a huns arvoredos;
Vai a dama assi a furto
E alevanta os *cotovelos*,
E levou-o polos cabelos
E fez-lhe o pescoço curto.»

O povo chama por vezes pulso ao punho, mas nessa confusão não cai Gil Vicente, pois quatro vezes ali encontrei a palavra pulso, três delas na *Farsa dos Físicos*, mas sempre na acepção de pulsação da artéria radial na respectiva goteira.

Vejamos agora a nomenclatura anatómica do membro inferior.

Segmentando-o, à maneira topográfica, teremos: a *anca*, a que também chama *quadril* e *ilhargada*;

a *coxa*; o *joelho*, também designado por *giolho* ou à espanhola, por *rodilla*, a *perna*, a que também chama *cancla*, a *posperna*, os *artelhos* (colo do pé) e finalmente o *pé*, no qual distingue o *calcanhar* e a *ponta*.

O termo *anca* só aparece uma vez nas obras de Gil Vicente (*D. Duardos*, III, 165):

«Ó espulgará la mona
Por las *ancas*.»

E quadril aparece duas vezes: No *Auto da Barca do Purgatório* (I, 129), muito satisfeito, diz o Diabo à regateira Marta Gil:

«Folgo eu bem porque viestes
Oufana e dando ó *quadril*.»

Na *Comédia de Rubena* (II, 21) a Parteira faz o seu interrogatório:

«Doem-vos a vós os *quadrís*?»

Mas, antes da pergunta, fizera já o diagnóstico:

«Bem vejo que estais pejada.
Isto he cousa natural,
E muito aconcedeira.
Se nunca fôra outra tal,
Disseramos que era mal
Por serdes vós a primeira.»

E, em linguagem despejada, desfecha esta praga aos homens:

«Reira de morte apertada
Lhes salte nas *ilhargadas*;
.»

No *Triunfo do Inverno* (II, 210) a Velha, queixando-se do frio, emprega o mesmo termo:

«He tamanha a frialdade
Que levo nas *ilhargadas*,
E as gengivas inchadas,
Que haverieis piedade
Se me visses as queixadas.»

A palavra coxa aparece uma só vez no já citado curioso passo do *Clérigo da Beira* (I, 359). Em compensação, joelho e gíolho aparecem muitas vezes, indistintamente. Na tentação de Cristo (*Auto da História de Deus*, I, 170) diz Satanaz:

«Que não quero mais senão senta-te ahí,
Posto em *gíolhos*, e adora em mi:»

A cada passo se apresentam personagens vicentinas de *joelhos*, em atitude adorativa. Outras vezes diz Gil Vicente de *gíolhos*, por necessidade de rima. No *Auto Pastoril Português*, êsse termo rima com olhos e no *Auto da Barca do Inferno* com piolhos. No *Auto da Fé* (II, 6), aparece, pela única vez, o vocábulo castelhano *rodillas*. É quando os dois pastores fazem mútuos queixumes:

«Ya se me hincha una mano:
E tu, *carillo*, qué sientes?
Las *rodillas* entumidas,
Las *piernas* me estan temblando.»

Gil Vicente, ao modo popular, da mesma forma que engloba o antebraço no braço, também chama perna a todo o membro inferior, menos a anca e o pé, como se vê no passo atrás citado e ainda neste

outro onde o Parvo diz à Serra da Estrêla (*Tragicomédia pastoril*, I, 248):

«Engorda os Vereadores,
E sécca as pernas ás moças
De cima bem t'ós artelhos;»

Canela, como sinónimo de perna, lê-se uma só vez. No *Auto da História de Deus* (I, 171), Belial, meirinho da côrte do inferno, exhibe longamente a sintomatologia da sua doença:

«Senhor Lucifer, eu ando doente,
Treme-me a cara e a barba tambem,
E doe-me a cabeça, que tal febre tem,
Que soma sam hetigo ordenadamente,
E doe-me as canelas:

Na *Farsa dos Físicos* (II, 414), à compita com os médicos, Brásia Dias aconselha ao Clérigo enfêrmo:

«E se isso não quiser
Cuidava de lhe fazer
Apisto de pé de boi,
Para não enfraquecer;
E hum pouco de manjar branco
De *posperna* de veado,
E pesçoço de bode assado.
Assi curei eu João Franco,
E anda são, Deos louvado.»

Mendes dos Remédios informa que *posperna* é a parte superior da perna dum animal. Será a região posterior da coxa, ou a parte carnosa da região sural? Gil Vicente designa muito bem por artelhos os tornozelos ou maléolos, como já vimos no passo da *Tragicomédia pastoril da Serra da Es-*

trêla (I, 248) e poderemos confirmar ainda com mais duas citações. O Clérigo da Beira (I, 347) diz para seu filho Francisco:

«A ribeira, que esse he elle,
Polos sanctos evangelhos:
Já lhe elle pruem os *artelhos*,
E se lhe escarrapiça a pelle.»

E na *Nao de Amores* confessa o Frade doudo (II, 137):

«Não que busco outro francelho,
Para tomar a cachopa,
Que me mordeo no *artelho*.»

Gil Vicente fala em *pés* mais de cincoenta vezes. Bastará citar o passo do *Auto da Barca do Inferno* (I, 108). Quando a desavergonhada Alcoviteira Brizida Vaz anuncia a carga que traz para embarcar, logo o Diabo lhe diz:

«Ora ponde aqui o *pé*;»

Na extremidade distal do membro inferior, especifica Gil Vicente apenas duas partes: o calcanhar e as pontas dos pés, e cada uma delas é mencionada uma só vez. Na *Nao de Amores* (II, 144) diz o Frade doudo para o Amor:

«Tomae tres cordas de viola
E atae-as no *calcanhar*,
Com sua salsa e cebola,
Bem ó longo do linhar,
E vós me nomeares.»

E na *Farsa dos Físicos* (II, 420) inquiriu Tórres:

«Dez dias de manhan cedo
Estava Saturno em Aries...
Doem-vos as *pontas dos pés?*»

Grande observador, não deixou Gil Vicente de anotar alguns vícios de conformação dos membros. *Zambra dos cotovelos* era, como vimos já, a noiva do Gonçalo do *Clérigo da Beira* (I, 359), mas o grande comediógrafo alude, por vezes, a *aleijados, mancos e tortos*. No *Auto da Feira* (I, 45), posto em seu assento, sentença Mercúrio:

«Neste mundo onde morais
Nenhum homem *aleijado*,
Se for *manco* e *corcovado*,
Não corre por isso mais.»

E no mesmo *Auto* (I, 62), a desenvolta Brásia, diz:

«E se hão de correger
Quando for todo danado:
Muito cedo se ha de ver;
Que já elle não pode ser.
Mais *torto* nem *aleijado*.»

E no *Auto das Fadas* (II, 310), diz do Raposo:

«Deste se devem guardar,
Que se finge *manco* e *torto*,
E às vezes se faz morto,
Por caçar.»

Mas é tempo de deixarmos a anatomia dos membros e de passar a outro capítulo. Seguindo a

ordem, aliás tam incoerente, de Galeno, entremos na esplanchnologia. Gil Vicente conhecia poucas vísceras e muito superficialmente. Muitas vezes nas suas obras se fala em ventre, mas tal vocábulo não tem habitualmente o significado de abdomen; é empregado, em regra, no sentido de útero, quando, tantas vezes, se refere à gravidez e parto da Virgem Maria. À maneira do Povo, Gil Vicente designa o abdomen por *barriga*, e, na sua parede, alude ao *embigo* e à *cinta*. Já atrás, a propósito do vocábulo espádua, citei um passo da *Comédia de Rubena* (II, 18), em que se falava em barriga.

Repete o mesmo termo a Feiticeira da referida *Comédia*, (32), quando interroga a Ama:

«Primeiro eu saberei
Que leite hé o vosso, amiga;
E, se tendes já *barriga*;»

E na *Farsa dos Físicos* (II, 408) diz o Moço do Clérigo:

«Quando ella bem vos quiser,
Que me pinguem na *barriga*.»

No *Auto da Festa* (II, 446), referindo-se ao próprio Gil Vicente, que faz os autos a El-Rei, informa a Verdade:

«He logo mui *barregudo*,
E mais passa dos sessenta.»

Ao *umbigo* chama, como o povo, *embigo*:

«Eu vendo perfumaduras,
Que, pondo-as no *embigo*,
Se salvão as criaturas»

— anuncia o Diabo no *Auto da Feira* (I, 51) e o mesmo vocábulo emprega outras vezes. A-propósito-da palavra *coxa*, já transcrevi o passo do *Clérigo da Beira* (I, 359), em que Gil Vicente emprega, pela única vez, a palavra *cinta*. Se a sua linguagem é pobre a respeito das paredes do abdomen, nem por isso é mais rica ao tratar do seu conteúdo, que é, em geral, vagamente designada por *entranhas*, como na lamentação do *Amadis de Gaula* (III, 222):

«Tú, mi espada guarnecida
De tan hermosas hazañas,
En fuego seas hundida.
Como arden mis *entrañas*
Consumiéndome la vida.»

E na *Farsa dos Físicos* (II, 412) a pitoresca Brásia Dias usa *bandarrinhas*, curioso sinónimo de *entranhas*, segundo a lição de Mendes dos Rémedios (1).

«E se for caleca passa,
Que nasce das *bandarrinhas*,
Tomae do çumo das vinhas
E acolá a sopa na braza,
Então a ferver as *mézinhas*.»

Os intestinos são tripas, como na fala do povo. No *Auto da História de Deus* (I, 172) o já citado Belial continua a expor o seu caso:

«Rugem-me as *tripas*, arde-me o embigo,
E a boca empolada, assi como de figos.»

(1) *Bandarrinhas*, nome vulgar das tripas ou intestinos, diz D. Carolina Michaëlis, *loc. cit.*

No *Pranto de Maria Parda*, a vendeira Falula repele a bêbada caloteira:

«Sete mil custou a pipa
Se quereis fartar a tripa,
Pagae, que a vinte se mede.»

E na *Farsa de Inês Pereira* (II, 328) lamenta-se o judeu Latão:

«Eu e este,
Pela lama e pelo pó,
Que era pera haver dó,
Com chuiva, sol e noroeste.
Foi a coisa de maneira,
Tal friura e tal canseira,
Que trago as tripas maçadas.»

Refere-se, uma vez, ao anus (*Trovas a Afonso Lopes Capaio* (I, 394), numa crua passagem. Nunca aparece a palavra fígado nas obras de Gil Vicente, que, por quatro vezes, se referem ao *fel*. A *Feiticeira do Auto das Fadas* (II, 296) levava no saco preto, entre numerosos feitiços:

«Eis aqui mama de porca,
Barbas de bode furtado,
Fel de morto excomungado,
Seixinhos do pé da forca:»

E não fujo à tentação de citar mais uns remédios da farmacopeia da Brásia Dias da *Farsa dos Físicos* (II, 412):

«Si: e se for priorisa,
Tomade de guiabelha
Pisada c'o *fel* d'ovelha.»

Também nunca se fala no estômago, mas, uma vez, alude às *muclas* dos patos (*Auto da Lusitânia* (II, 395). Gil Vicente tinha conhecimento da existência do *baço*, como se pode ler nas palavras de Lediça no *Auto da Lusitânia* (II, 377) :

«Muitas vezes tenho eu isso :
Diz Mestr'Aires que he do *baço*,
E reina mais no verão.»

E das vísceras alojadas na cavidade abdominal cita mais, somente, e apenas uma vez, os *rins*. É na fala do Mestre Fernando da *Farsa dos Físicos* (II, 416) :

«De que vos sentis?
Mostrae esse braço ca.
Isto procede dos *rins*,
Ou pulso cordiz sera.»

À cólica nefrética chama *reira*, como vimos no citado passo da *Comédia da Rubena* (II, 21). Para Gil Vicente, assim como para o povo, thorax é o peito e, a não ser o coração, que, por motivos amorosos, é citado mais de cem vezes, os outros órgãos extra e intra-torácicos são poucas vezes lembrados. Nunca se fala em pulmões, mas sim nos affectados de tuberculose (doentes do peito, hétégos), como se vê nos seguintes versos :

Mas vós, Padre, sois do Paço,
E san Jerónimo do ermo,
E não dobrais vosso braço
Açoutando o espinhaço,
Nem trazeis o *peito* enfermo.»

(*Romagem de Agravados*, I, 283).

«Que'eu quando casei com ella
 Dizião-me, — *héttega* he;
 E eu cuidei pela abofé
 Que mais cedo morresse ella,
 E ella anda inda em pé.
 E porque era *héttega* assim
 Foi o que m'a mim danou:
 Avonda qu'ella engordou,
 E fez-me *héttego* a mim.»

(*Auto da Feira*, I, 56).

Àcerca do esqueleto do tórax, apenas uma vez se fala em costela. Oicamos o apaixonado Valério do *Auto dos Reis Magos* (III, 35):

«Quien dejará de querer
 Su valer,
 Pues son de nuestra *costilla?*»

Alude algumas vezes às glândulas mamárias e aos mamilos. No *Pranto de Maria Parda* (I, 386), solta a infeliz ébria o brado seguinte:

«Ó *bicos* de minha *mama!*»

E, na já citada fala da feiticeira do *Auto das Fadas* (II, 296), se emprega o mesmo termo. O verbo mamar encontra-se algumas vezes, como na fala da Peresica do *Auto da Sibila Cassandra* (III, 54):

«Que el señor,
 Estando à veces *mamando*,
 Tal via de cuando en cuando
 Que no *mamaba* á sabor:»

Na *Frágua do Amor* (II, 157), Vénus emprega outro sinónimo:

«O mi hijo esclarecido!
Adonde estás?
Que en mis *tetas* he sentido
Que es cierto que llorarás,
Y no serás socorrido.»

Dos órgãos intratorácicos só despertou a atenção de Gil Vicente o coração, que, a cada passo, é apresentado, em geral, com sentido figurado, pois o grande comediógrafo certamente não conhecia a sua fisiologia. Bastará a seguinte referência do Diabo no *Auto da Barca do Purgatório* (I, 134):

«Quem te poz no *coração*
Fallares cousa tão boa?»

Contudo, no *Auto de Mofina Mendes*, (I, 9) faz dizer à Virgem, em resposta ao Anjo Gabriel:

«De resplendor guarnecido,
Tomar pera sem vestido
Sangue do meu *coração*
Indigno de ser nascido!»

O grande escritor prestou mais atenção ao pescoço que ao torax. Em resposta ao Diabo, diz o Enforcado do *Auto da Barca do Inferno* (I, 115):

«C'o barão no *pescoço*
Mui mal presta a pregação.»

Nas Côrtes de Júpiter (I, 236) assim fala Venus:

«Sua moça sem mais moço
Irá c'os olhos na gente,
Trosquiada muito rente,
C'os toucados ó *pesçoço*;»

Parece que não é invenção moderna a moda dos cabelos curtos...

Na *Farsa dos Almocreves* (I, 327) diz o Fidalgo 2.º para o 1.º:

«Vou-me; vós não sois sentido,
Sois mui duro do *pesçoço*;»

Na *Nao de Amores* (II, 138) refere-se ao *pesçoço* proconsular dum Frade:

«Por isso he bom ter dous *pesçoços*
Como tem Frei Apariço.»

Como sinónimo de *pesçoço*, também usa *colo*, como se vê nos seguintes passos:

«O meu triste e averso fado
Desde o *colo* da parceira
Me quis mal de tal maneira,
Que não sei porque peccado
Sempre me vi estrangeira.»

(*Comédia de Rubena*, II, 41).

«Miraflor tornou-se cão,
E eu tomei-a no *colo*,
E tinha-a no coração.»

(*Nao de Amores*, II, 138).

Gil Vicente chamava *recacho* ao pescoço muito tesó, de cabeça erguida :

«E olhareis deste geito
Assim com hum *recacho* oufano;»

— dizia Fr. Paço na *Romagem de Agravados* (I, 286).

«Vão por mim á Sancta Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
E a Curageira Sancta,
Que me derão na *garganta*
Saude a peste passada.»

— diz Maria Parda no seu testamento (I, 392).

«E çarra-se-me a *garganta*
De fome.»

— queixa-se o Moço do Escudeiro na *Farsa de Inês Pereira* (II, 333);

«Triste desaventurada
Que tão alta está a canada
Para mi como as estrellas;
Oh coitadas das *guelas!*
Oh *guelas* das coitadas!»

— pranteia-se Maria Parda (I, 384).

«Porque vai-se-me às figueiras,
E come verde e maduro;
E quantas uvas penduro,
Jeita nas *gorgomileiras;*»

— resmungá Branca Anes, a brava, no *Auto da Feira* (I, 58). E cerrarei a lista da sinonímia com a

fala do Mestre Fernando da *Farsa dos Físicos* (II, 416):

«Chamão-me vento assomado
Alguns assi... ouvi-lo?
Porque alço o *gorgomilo*,
E ando assi espetado;»

É curioso notar que a palavra gorgomileiras corresponde a gùelas ou faringe e gorgomilo é o mesmo que recacho ou pescoço. O fenómeno da deglutição é apenas uma vez mencionado.

Oiçamos Belial, invejoso demónio, a propósito da tentação de Eva:

Se lá me mandáras, me houvera por cão,
Se não os fizera per fôrça peccar:
Logo per fôrça os fizera *tragar*
Quantas maçans naquella arvore estão,
Sem as mastigar.»

(*Auto da História de Deus*, I, 148).

Vou agora ocupar-me da cabeça, dividindo, à maneira clássica, o primeiro segmento do corpo humano em crânio, face e aparelhos sensoriais. Cêrca de vinte vezes se refere à cabeça no seu conjunto e uma vez emprega o diminutivo (*Auto da Lisitânia*, (II, 388). Diz Lisibeia à sua filha Lusitânia:

«Oh como he de pouco aviso
Dares sempre á *cabecinha*!
E tam prestes tens o riso,
Que quem te vir d'improviso,
Logo dirá qu'es doudinha.

O crânio é, uma vez só, designado por casco:

«Quien le quebrara aquel casco
Fuertemente!»

— ameaça D. Rosvel na *Comédia do Viuvo*, (III, 129).

Ao conteúdo da caixa craniana designa por miolo ou miolos:

«Tu não tens nenhum *miolo*»

— diz o Diabo Zebron ao Clérigo da *Exhortação da Guerra* (I, 212) e, no *Auto da Alma* (I, 89), falando da Corôa de Espinhos, lê-se:

«Foi hum tormento improviso
Que aos *miolos* lhe chegou:»

Do esqueleto do crânio só conhece Gil Vicente a moleira e o toutiço, assim como a região frontal. O Frade do *Auto da Mofina Mendes* (I, 2), na sua prègação inicial, fala da confusão lamentável entre o alto da cabeça e a região occipital:

«Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu;
Hũa ter pouco siso de seu,
A outra que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem:
E a terceira,
Que endoudece em gran maneira,
He o favor (livre-nos Deos)
Que faz do vento cimeira,
E do *toutiço moleira*,
E das ondas faz ilheos.»

Como é sabido, a moleira é a grande fontanela dos parteiros, e Santucci (1) chamava-lhe membrana fontainha e designava os parietais por ossos da moleira e o occipital por osso do toutiço. À testa chamou frente o Pastor Valério do *Auto dos Reis Magos* (III, 35):

«Si á Dios desto pesára
No criára
Zagallas tan relucientes:
Fueran prietas y sin dientes,
Y las frentes
Mas angostas que la cara;»

Ao revestimento capilar do crânio faz Gil Vicente numerosas e variadas referências. Muitas vezes fala no cabelo e apenas uma vez em cabelleira. Nas *Côrtes de Júpiter* (I, 236) diz Vénus a respeito da linda moça que acompanhou, na sua partida, a Ilustríssima Senhora Infanta D. Beatriz, Duquesa de Sabóia:

«A moça irá dianteira
N'hum zambuco de Cochim,
Por piloto hum beleguim,
E por toldo hãa joerra:
Muito negra a *cabelleira*,
Cantando mui de verdade:
— Estes meus *cabellos*, madre,
Dos a dos me los lleva el aire:»

Quando se trata de hirsutismo, Gil Vicente emprega os vocábulos *grenhas*, *melena*, *gadelhas* e

(1) Santucci. *loc. cit.*

topete. O infeliz Amâncio Vaz do *Auto da Feira* (I, 57) sempre se lamenta do mau génio da mulher:

«Porque a minha he tal perigo,
Que por nada que lhe digo
Logo me salta nas *grenhas*.»

Com a mesma rima, dizem respectivamente o Pastor Valério do *Auto dos Reis Magos* (III, 36) e o hortelão Julião do *Dom Duardos* (III, 161):

Val. «Soncas, vengais norabuena.
Tú abaja la *melenas*.»

Jul. «Mi fe, sea quien quisiere,
Monda, acaba norabuena:
Vé, abaja la *melenas*.»

Na *Exortação da Guerra* (I, 211) o Diabo Danor ameaça dêste modo o Clérigo nigromante:

«Toma-lo por essas *gadelhas*,
E cortemos-lhe as orelhas,
Que este clerigo he ladrão.»

Ao Conde que aspirava ser conduzido na *Barca da Glória* (III, 87), tira a Morte as esperanças:

«Primero os sudará el *topete*.»

Os cabelos brancos não esquecem a Gil Vicente, que, aos sessenta anos, encanecido, se

viu rejeitado pela Moça do *Velho da Horta* (I, 316):

«Se os jovenes amores,
Os mais tem fins desastradas,
Que farão as *cans* lançadas
No conto dos amadores!»

Repare-se no género feminino da palavra fins, o qual hoje ainda é adoptado pelo povo. Na *Floresta de Enganos* (II, 110) a Vélha atira com esta ao Doutor Justiça Maior do Reino, que parece representar o próprio Gil Vicente, já velhote, mas ainda namorador:

«Que essas *cans*
Tornarão-se canas vans.»

Também se refere, em espanhol, às *canas*.

Se não se tratava de mero pretexto para fazer rir, bem merecia o remoque o genial escritor, porque já devia ter juízo naquela idade, e deixar-se de pièguices como esta (106):

«Yo no quiero
De vos plata ni dinero,
Mas privar con vos por cierto
En lugar mucho secreto,
Por deciros quanto os quiero.»

As paixões extemporâneas não acabaram nos tempos vicentinos. Não há muito que circulava pelos empregados dum tribunal êste bilheteinho que velho magistrado escrevera a uma rapariga:

«Esqueceu-se ou é ingrata?»

Muitas vezes fala Gil Vicente nos cuidados com a cabeleira, que é designada também por *toucado e trançado*. A cada passo fala em pentear, no uso do *pentem*:

«Dá-me o *pentem*, Ledecina.
Desenguiça-te cos dedos,
E pentea-te co a mão.»

— diz-se no *Auto da Lusitânia* (II, 382).

Os cabelos são a cada passo *trosquiados*. Nas *Côrtes de Júpiter*, (I, 232), diz a Lua:

«Irão mulheres solteiras,
Todas nuas *trosquiadas*,
Bem rapadas as moleiras,
Carregadas de peneiras,
Em senhas sibas sentadas.»

Muitas vezes fala na *coroa* dos frades e dos cuidados de a mandar *rapar*. Oiçamos o Frei Paço da *Romagem de Agravados* (I, 268):

«Leixei crecer a *coroa*
Sem nunca a mandar *rapar*.»

Na falta de cuidado com o cabelo muitas vezes fala, como, por exemplo, Flerida a *Dom Duardos* (III, 173-174):

Tú figura
En tal hábito y *tonsura*
Causa pesar en te viendo.»

As tranças chama também *crenchas*, como se

lê na fala de Vénus nas *Côrtes de Júpiter* (I, 237):

«E irão suas creadas
N'hum lagar d'azeite todas,
Sem *crenchas, descabelladas*,
Como salvagens pasmadas,
De tão altíssimas vodas.»

Refere-se a homens e animais *pelados* (*passim*) e o vocábulo *arrepelar* não é raro:

«Sera bem que torne lá,
Mas há-me *d'arrepelar*.
Quereis-me vós trosquiar,
E não *m'arrepelará?*»

— diz o Moço na *Farsa dos Físicos* (II, 415).

Para terminar com os anexos cutâneos do crânio, não me esquecerei de mencionar que Gil Vicente applicava o termo *cornos* em sentido figurado e que ao diabo os attribuía, como se vê na imprecação do Parvo do *Auto da Barca do Inferno* (I, 103):

«Hio hio, barca do *cornudo*,
Beíçudo, beíçudo,
Rachador d'alverca, huhá!»

Estudemos agora a *face* na obra vicentina.

Êsse termo aparece, creio eu, apenas uma vez, em latim, na bela *Paráfrase do Salmo L* (I, 369). Em compensação, muitas vezes se lê *cara*, e, irònicamente, *focinho*. *Carão* aparece três vezes: (*Auto da Feira*, I, 49; *Comédia de Rubena*, II, 43; *Quem tem farelos*, II, 251). Não posso resistir

à tentação de trasladar para aqui um trecho da engraçadíssima *Farsa de «Quem tem Farelos»*: Explica Isabel à mãe o segredo da sua garridice:

«Ir a miude ao espelho,
E poer do branco e vermelho,
E outras cousas que eu sei:
Pentear, curar de mi
E poer a ceja em dereito;
E morder por meu proveito
Estes beicinhos assi.»

Vê-se que «na era do Senhor de 1505, quando foi representada esta farsa na mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa ao muito excelente e nobre Rei D. Manuel I dêste nome, nos Paços da Ribeira», já há quatrocentos anos, as raparigas punham na cara *branco e vermelho e outras cousas...*

O trabalho repugnava às elegantes quinhentistas:

«Ensinar-me a passear,
Pera quando for casada:
Não digão que fui criada
Em cima d'algum tear:
Saber sentir hum recado,
Responder emproviso
E saber fingir hum riso
Falso e bem dissimulado.»

— «E o lavrar, Isabel»

— pergunta a velha mãe.

— «Faz a moça mui mal feita,
Corcovada e contrafeita,
De feição de meio anel;
E faz muito mau *carão*,
E mau costume dolhar.»

Algumas vezes, em lugar de cara, diz *rosto*, sendo esta palavra empregada no diminutivo na mesma farsa (II, 250):

«Tomade-a lá. Hui Isabel!
Quem te deu tamanho bico,
Rostinho de celorico?»

No *Auto dos Quatro Tempos* (III, 73) o Estio vem com os *carillos* sêcos, com o *carillo* chamuscado.

Para designar a fisionomia da pessoa, emprega os têrmos seguintes: *Semblante* (ou *sembrante*), *doairo*, *ar*, *figura*, e *filosomia*: «Que tu tens mui mao *sembrante*», diz o Taful ao Diabo no *Auto da Barca do Purgatório* (I, 139); na *Comédia sôbre a divisa da cidade de Coimbra* (II, 72) queixava-se Caliponcio a sua irmã que Deus tinha mudado de *semblante* para nós.

O povo usa muito a linda palavra *doairo*. Ainda há pouco ouvi a uma mulherzinha que trazia um filhito doente nos braços: — «A menina tem sempre um *doairo* triste...»

Em três passos vicentinos encontrei o mesmo termo, por exemplo:

«Oh Joanne! quão amiga
Que sam do teu bom *doairo*!»

— diz a Inês do *Auto Pastoril Português* (I, 32).

A propósito do aspecto fisionómico do Rei piedoso (*Romance à Acclamação de D. João III*

(I, 379) empregou Gil Vicente nada menos de três sinónimos :

«Sua boca graciosa
Com ar mui engelial,
Hum *semblante* soberano,
Hum *olhar* imperial.»

No *Auto da História de Deus* (I, 167) designa Cristo por *figura* a sua própria divina face. E a *demoninhada* Cezilia do *Clérigo da Beira* (I, 361) assim se demonstra precursora de Gall e de Lombroso :

«Porque por astrolomia
Conheço os seus nascimentos,
E pola *filosomia*
Sei todos os pensamentos
Que trazem na fantasia.»

São várias as referências à bôca, e, algumas vezes, emprega o têrmo no diminutivo. Na fenda bucal fala dos beijos ou lábios e duas vezes se refere ao ectrópio labial: como vimos, chama *beijudo* ao Diabo (*Auto da Barca do Inferno* — I, 103) e na *Frágoa do Amor* (II, 164), o Negro pede a Mercúrio :

«Faze-me branco, rogo-te, homem,
Asinha, logo, logo, logo:
Mandae logo accender fogo,
E minha nariz feito bem,
E faze-me *beija* delgada, te rogo.»

No seu *Testamento* (I, 392) especifica Maria Parda o *beijo de baixo* como sede duma postema (furúnculo do lábio inferior).

As maxilas são constantemente designadas por queixadas, mas só uma vez encontrei a palavra *mastigar* (no passo atrás citado do *Auto da História de Deus*, I, 148).

Na *Frágoa do Amor* (II, 157) alude às *bochechas* (*mejillas*) e às maxilas (*queixadas*):

«Nunca limpiaré mi cara
De las lágrimas sobradas,
Con que *mejillas*, *queixadas*,
Por esta desdicha amara,
Á menudo son regadas.»

Nos dentes fala muitas vezes e, para designar o seu conjunto, em vez de dentadura li uma vez *denteira*

«Tu come das papas, não teras *denteira*»

— diz o rabi Samuel ao seu colega Levi no *Diálogo sobre a Ressurreição* (I, 178). E na mesma obra (I, 177) aparece outra personagem igualmente sem dentes:

«E eu *desdentado*; ma ora nasci:
Somente hum dente m'a mim não ficou.
O Sancto Diabo m'a mim lá levou.»

Das três espécies de dentes só aos molares se refere especialmente, chamando-lhes, à espanhola, *muelas*; por exemplo:

«És muchacha que habrá
Treinta años que tiene *muelas*.»

As raízes dentárias que ficam nos alvéolos, quando os dentes quebram depois de cariados, chama Gil Vicente *arnelas*:

«Triste desdentada escura,
Quem me trouxe a taes mazelas!
Oh gengivas e *arnellas*,
Deitae babas de seccura;»

— pranteia-se Maria Parda (I, 384) por que viu as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ela não podia viver sem êle... E, no *Auto da Festa* (II, 448), monologa o Rascão:

«Não he de maravilhar
Moças fermosas e bellas
Desejarem de casar,
Pois que velhas sem *arnelas*
Se querem inda encachouçar.»

Duas vezes fala em *gengivas* (*Pranto de Maria Parda* cit. e *Triunfo do Inverno* — II, 210) e emprega uma vez, segundo me parece, *cava* por alvéolo dentário (*Diálogo sobre a Ressurreição*, I, 177). A cada passo emprega o termo *língua* e, uma vez, dá-lhe o pitoresco sinónimo de *golhelha*:

«Se tu não deras á *golhelha*,
Nunca o nosso agravo fôra,
Nem eu torcêra a orelha.»

— resmungua a Regateira Marta do Prado à sua colega Branca do Rêgo na *Romagem de Agravados* (I, 277).

Só uma vez fala em cuspir e o vilão Ianafonso do *Auto da Festa* (II, 439), mostra certas preocupações higiênicas:

«Quero ora *cospir* primeiro
antes que entre no sagrado,
porque deve ser peccado
cospir ninguem no moesteiro,
onde mais se he ladrilhado.»

À saliva chama *cuspinhos* e, por duas vezes, enumerando os seus feitiços, usa êsse termo a bruxa Genebra Pereira do *Auto das Fadas* (II, 295-296):

«Alguidar, alguidar,
Que feito foste ao luar
Debaixo das sete estrelas,
Com *cuspinhos* de donzêlas
Te mandei eu amassar:
Ó *cuspinhos* preciosos
De beijos tão preciosos
Dae ora prazer
A quem vos bem quer.
E dae boas fadas
Nas encruzilhadas.»

Da mesma forma que fala numerosas vezes do cabelo, também, a cada passo, fala da *barba*. *Barbudo* era o primeiro marido de Inês Pereira, que um pastor mouro matou perto de Arzila e que não deixou saúdaes à viúva; Vasco de Foes diz irònicamente a Cezilia do *Clérigo da Beira* (I, 362), já era mancebo no tempo da batalha do Salado (1340), mas não era tão *barbado* então...

E Belzebu, no *Auto da Cananea* (I, 202) fala nos *Serafins desbarbados*.

Nesse tempo jurava-se pelas barbas honradas e não havia consideração por quem as não tivesse bem espessas, como pode ver-se no diálogo da *Farsa dos Almocreves* (I, 330):

«Elle poz desta maneira
A mão na *barba* e me jurou
De meus dinheiros pagá-los.
— Essa *barba* era inteira
A mesma em que te jurou,
Ou *bigodezinhos* ralos?»

Para terminar o capítulo da cabeça, estudemos agora os aparelhos sensoriais. Depois das palavras *mão* e *coração*, é o termo *olhos*, o que mais vezes aparece no vocabulário anatómico vicentino. E essa palavra é empregada não só em português e castelhano, mas ainda em latim, italiano e até na *língua de trapos* da cantiga do *Auto da Lusitânia*, II, 204):

«Luz amores de la *niña*,
Que tan linduz *ujuz*, ha,
Que tan linduz *ujuz* ha,
Ay Diuz quien luz habrá,
Ay Diuz quien luz servirá.»

Gil Vicente empregava constantemente aquele vocábulo, tanto no singular, como no plural.

Hoje o povo, por um preconceito estúpido, acanha-se de falar em *ôlho*. No hospital, em regra, o povo queixa-se duma *vista* e não de um *ôlho*.

Êsse pudor idiota estende-se ao povo brasileiro, como pode ler-se em Afrâmio Peixoto (1) :

«*Vista* — direita e esquerda; diz-se do olho correspondente. Olho é feio, *sem criação*, diz a gente do povo.»

Emprega às vezes o diminutivo e, do globo ocular e seus anexos, apenas conhecia a pupila, que, uma só vez, designou por *menina do olho*, em espanhol (*Amadis de Gaula*, III, 218) :

«Y como digo, aunque pene,
Disimula sus enojos,
Como á su estado conviene;
Pero dende niña os tiene
En las niñas de sus ojos.»

No citado passo da *Farsa de quem tem farelos* (III, 251) encontro a palavra *ceja*, que me parece dever traduzir-se por *sobrancelha*. Com o devido respeito, não concordo com a interpretação de Mendes dos Remédios, que dá para *ceja* o significado de *seje*. Creio não haver dúvida que *ceja* é um termo espanhol, cuja significação é a que indiquei. Como já vimos (*Romance à aclamação de D. João III*, I, 378), Gil Vicente designa pelo substantivo *olhar* o aspecto fisionómico.

O estrabismo não passou despercebido ao grande escritor, que, por duas vezes, emprega a palavra *vesgo*. Veja-se a fala da pastora Ilária da *Roma-*

(1) Afrâmio Peixoto, *Missangas*, S. Paulo, 1931.

gem de Agravados (I, 292), a apreciar os defeitos físicos de seu marido:

«E o meu he por seus peccados
Vesgo o mais que nunca vi,
 Tem os olhos enfrestados,
 Se lhe fallares ou assi,
 Não saberas se olha a ti,
 Se olha pera os telhados.»

Dezenas de vezes emprega Gil Vicente, em português e em castelhano, os têrmos *orelhas* e *ouvidos*, quási com o mesmo significado.

Usa várias vezes a palavra nariz (no diminutivo no *Clérigo da Beira*, I, 349) e alude à leptorrinia dos Semitas e à platirrinia dos Negros nos dois passos seguintes:

«Martim Alho, amigo meu,
 Martim Alho meu amigo
 Tão *secco* trago o embigo,
 Como *nariz de Judeu*.»

(*Pranto aa Maria Parda*, I, 389).

«Faze-me branco, rogo-te homem,
 Asinha, logo, logo, logo:
 Mandae logo accender fogo,
 E minha *nariz feito bem*,
 E faz-me beíça delgada, te rogo.»

— suplicava o Negro a Mercúrio (*Frágoa do Amor*, II, 164).

E bastará de citações quanto à extremidade cefálica.

Como já tive ocasião de dizer, Gil Vicente é muito parco em referências a minúcias anatómicas.

No corpo humano conhece a *pele* e os *ossos* e às partes moles chama simplesmente carne, como já vimos.

«Melhor lh'esfole eu a pelle»

— diz Branca Ana, a brava, a Marta Dias, a mansa, no *Auto da Feira* (I, 59).

E deram-lhe na vista as rugas próprias da velhice. Diz o Príncipe na *Nau de Amores* (II, 144):

«Ansi el viejo *arrugado*
En la feria del amor,
No de silla ni albardado
No le sale comprador
E siempre vive enganado.»

Uma vez encontro *fersura* com o significado de tecido célula-adiposo (*Auto das Fadas*, II, 296).

Aos nervos alude, como vimos, raras vezes e vagamente.

No capítulo da angeologia, já tratamos do coração, ao qual muito frequentemente se refere, quasi sempre no sentido figurado.

Dos vasos só conhece as *veias*. Do Alifante (*Auto das Fadas*, II, 310), diz:

«Aqueste so animal
Tem *veias* no coração
Onde lagrimas estão.»

E no *Auto da Lusitânia*, (II, 377) fala o Cortesão em

«O sangue das minhas *veias*.»

Na *Exhortação da guerra* (I, 213) encontro o termo *veia*, creio que noutro sentido:

«Polas *veias* virginaes
Imperiaes,
De que Christo foi humanado...»

Parece-me que *veia* foi escrito no sentido de *via*, que é vulgar no povo de hoje. É frequente, no hospital, queixarem-se as doentes da *veia de diante* (vagina) ou da *veia de trás* (recto).

Ossos, no singular, apenas uma vez é empregado, no passo já citado, do *Auto da História de Deus* (I, 159) e *ossos* apenas se lê três vezes em português e quatro em espanhol.

«Meus ouvidos folgarão
Com prazer alegre, a assi
Os *ossos* reviverão,
Que humilhados estão
Tremendo diante ti.»

(Paráfrase do Salmo L, I, 369),

O esqueleto em geral é, apenas uma vez, designado por *ossada*. Referia-se a um cavalo, na farsa de «*Quem tem farelos*» (II, 239):

«Y el caballo?
Está na pelle,
Que lhe fura já a *ossada*.»

Raríssimas vezes fala em ossos isolados. Já vimos que se ocupa das *costelas*. À coluna vertebral,

uma só vez, chama *espinhaço* (*Romagem de Aggravados*, I, 283):

«Mas vós, Padre, sois de Paço,
E sam Jeronimo do ermo,
E não dobrais vosso braço
Açoutando o *espinhaço*,
Nem trazeis o peito enfermo.»

Na *Farsa dos Almocreves* (I, 329) fala em *rabadilha*, que deve ser sinónimo de *coccyx*, conforme indica Serrano (1).

À região dorsal chama *costas* (*passim*) ou *costado* (*Auto da Barca da Glória* (III, 97), e designa por *lombo* a região lombar (*O Velho da Horta*, I, 315).

O *Parvo do Auto da Barca do Inferno* (I, 103) fala em *antrecosto* de carrapato.

Aos indivíduos com desvios da coluna vertebral, sobretudo aos que ostentam uma cifose senil, chama *corcovados* ou *acorcovados* (*passim*).

Já no seu tempo, Gil Vicente era de opinião que a Justiça precisava de ser refundida e por isso levou-a à *Frágoa do Amor* (II, 167):

«A Justiça sou chamada,
Ando muito *corcovada*,
A vara tenho torcida,
E a balança quebrada.»

Às regiões glúteas chamava em geral, *rabo*, mas também, com o mesmo sentido, aparecem os termos

(1) Serrano — *Tratado de Osteologia humana*, I, Lisboa 1895.

nádegas ou *nalgas* e *pousadeiro*; mas êste vocábulo também pode significar a terminação do intestino grosso.

Recordo-me de ouvir lamentar ao saüidoso Prof. Plácido da Costa a supressão dum termo tão curto como expressivo, que designa, apenas numa sílaba, um território vasto do corpo humano, que compreende as regiões glúteas e o períneo posterior. O povo emprega-o correntemente e o mesmo fazia Gil Vicente (V. g. *Auto da Barca do Inferno*, I, 96).

Tem sido muito acusado o insigne escritor por não se eximir em empregar os mais grosseiros termos.

A êsse propósito, confronto-o com o seu contemporâneo também genial Ambrósio Paré, o reformador da cirurgia na Renascença. Como é sabido, naquele tempo, os livros científicos eram escritos em latim. Fugindo à tradição, Paré escreveu em francês as suas obras e, quando tinha de se referir ao sistema uro-genital e ao aparelho digestivo e suas funções, não hesitava em usar a linguagem do povo.

Naquele tempo havia grande rivalidade entre médicos e cirurgiões. Não perdoou a classe médica que um barbeiro, feito cirurgião, se elevasse à sua altura ou até a sobrepujasse.

A Escola, diz Meunier (1), fêz todos os esforços para perder Ambroise Paré na opinião pública e

(1) Meunier, *Histoire de la médecine*. Paris, 1924.

perante o Rei, que o protegia. Acusou-o de escrever em francês, de empregar termos obscenos, de ministrar venenos (antimónio, mercúrio), de laquear os vasos em vez de os cauterizar.

Paré respondeu que escrevia em francês porque não sabia latim e que Hipócrates fizera o mesmo, escrevendo na sua língua materna. Quanto às obscenidades, explicou Paré: saibam os senhores da Côrte «que c'est tout autre chose de traiter de la civilité des moeurs en philosophe moral pour l'instruction de la tendre jeunesse et autre chose de parler de matières naturelles en vrai médecin et chirurgien pour l'instruction des hommes jà tous faits.»

Quanto ao aparelho sexual masculino, parece que Gil Vicente apenas deixou a seguinte referência aos testículos, numa das trovas licenciosas dedicadas ao cristão-novo Affonso Lopes Çapaio, à qual já me referi a propósito do termo ânus (I, 394):

«Vosso c. com surdos brados
Apupava a seus vizinhos,
Que estavam dependurados;»

Em compensação, inúmeras vezes se ocupa do aparelho genital feminino. Nas obras de devoção, a cada passo fala do útero, que é designado por *ventre* ou por *entranhas*, e uma vez por *sacrário virginal* e outra, figuradamente, por *limpo celleiro* (Comédia de Rubena, III, 22). Mais prosaicamente, chama-lhe também *madre*, não se esquecendo de se referir ao prolapso uterino, ao qual chama, à maneira do povo, *madre caída*. Maria

Parda, no seu *Pranto* (I, 387) pede vinho fiado à taberneira Biscaíña:

«Ó Senhora Biscaíña
Fiae-me canada e meia,
Ou me dae hũa candeia,
Que se vae esta alma minha,
Acudi-me dolorida,
Que trago a *madre cahida*,
E çarra-se-me o gorgomilo:»

Mais duas referências encontro ao mesmo vocábulo:

«E levar-me-heis no ombro,
Não me corte a *madre* o frio»

— ordena Inês Pereira ao indulgente marido (II, 345).

E na *Comédia de Rubena* (II, 22), na cena curiosíssima da parteira, diz a criada à protagonista:

«Y como ora es quebranto
Que está metido en la *madre*,»

Em *vulva* fala duas vezes, enunciando o mesmo desesperado versículo bíblico: «Quare de *vulva* me eduxisti?» (Job no *Auto da História de Deus* (I, 160) e o Papa no *Auto da Barca da Glória* (III, 105).

Ao *himen* refere-se a desavergonhada alcoviteira Brizida Vaz, em grosseiro termo popular, no *Auto da Barca do Inferno* (I, 108).

Uma vez encontro alusão graciosa à possível intersexualidade. Na *Farsa de Inês Pereira* (II,

320), conta Lionor Vaz um curioso precalço amoroso:

«Vinha agora pereli
 Ó redor da minha vinha,
 E hum clérigo, mana minha,
 Pardeos lançou mão de mi;
 Não me podia valer,
 Diz que havia de saber
Sera eu femea, se macho.»

É curioso confrontar êste passo vicentino com outro de *Cancioneiro de Garcia de Rezende*, que trata do caso de D. Guiomar de Castro:

«Doje auante nom me agacho
 nem mays ey assy dandar,
 mas cõ muy gentil despacho
 v'ey dyr arreguaçar,
 & oulhar,
Se soys femea ou macho.»

O povo tem perfeita noção da inter-sexualidade, como já tive ocasião de dizer (1). Há anos ouvi no Minho a seguinte cantiga:

«Semeci no meu quintal
 Bacalhau frito no tacho:
 Nasceu-me uma mulher velha
 Com sinais de rapaz macho.»

Às funções sexuais refere-se Gil Vicente dezenas de vezes, desde a *conjunção carnal* (*Auto das Fa-*

(1) J. A. Pires de Lima — Primeiro: Ver (*Trabalhos da Associação da Filosofia Natural*, I, 3.º — Pôrto, 1937.

das, II, 303), a violação (*O Juiz da Beira* II, 354) e a *encarnação*, até à gravidez e ao parto.

Mas, felizmente, não me propus ocupar-me de termos de fisiologia, mas sim do vocabulário morfológico, que já dá bem que fazer.

A obstetria em Gil Vicente seria tema fecundíssimo para outro estudo e oxalá que um especialista a êle se dedicasse.

Há um verbo latino que, por pudor, nos habituamos a empregar unicamente no particípio do pretérito (*parto*). Pois Gil Vicente conjuga-o desasombradamente, como o povo de hoje, em todos os modos, tempos e pessoas.

E fazia-o diante de tãda a gente, desde a sua primeira obra (*Visitação*, III, 8), em que, aos saltos, de cajado na mão, cabaça a tiracol e agasalhado por uma pele de carneiro, como tão bem é representado no sêlo comemorativo, entrou no Paço Real e, no próprio quarto onde a Rainha, na noite anterior, dera à luz o príncipe que havia de ser o glorioso Rei D. João III, desfechou a seguinte pergunta:

«Quiero decir á qué vengo,
No diga que me detengo
Nuestro consejo y aldea.
Envia-me á saber acá,
Si és verdá
Que *parió* Vuestra Nobleza?»

*

* *

Estamos chegados ao fim desta larga exposição. A obra que realizei foi apenas a de ligar, em ténue comentário, a linguagem anatómica, tão singela e tão expressiva, de Mestre Gil Vicente.

Ao terminar a sua maravilhosa obra «De usu partium», diz Galeno que, no final dos poemas antigos, era costume cantar de pé um epodo, diante dos altares, em honra dos Deuses.

Tenho pena de não ser poeta, para soltar um hino à glória imortal de Gil Vicente, o maior poeta cómico que o Mundo viu, no largo período de mil e oitocentos anos, desde Plauto até Molière.

V

Vocabulário teratológico



VOCABULÁRIO TERATOLÓGICO (1)

Na V Reünião da *Sociedade Anatómica Portuguesa* (Coimbra 1937), o Prof. Maximino Correia propôs que se estabelecesse oficialmente a nomenclatura anatómica portuguesa, até hoje tão confusa e tão irregular.

Na Reünião seguinte (Pôrto 1938), como vimos, o Prof. Henrique de Villhena ampliou o projecto, propondo que a *Sociedade Anatómica Portuguesa* organizasse a nomenclatura de tôdas as ciências morfológicas e lembrou a distribuição da tarefa por vários membros da Sociedade.

A mim coube a organização da nomenclatura teratológica portuguesa, e, venho agora desempenhar-me daquela missão.

De tôdas as ciências biológicas, diz Blanc, a Teratologia é talvez a que mais carece duma clas-

(1) Relatório apresentado à VII Reünião da *Sociedade Anatómica Portuguesa*.

sificação racional e precisa. Há pouco mais de cem anos é que a Teratologia se constituiu como ciência. É claro que, em tôdas as épocas se observaram monstros: Aristóteles, na Antiguidade clássica, Santo Isidoro de Sevilha, na Idade Média, Ambroise Paré, na Renascença, e tantos outros, deixaram excelentes observações de seres monstruosos, mas tais observações eram isoladas, não havia qualquer nexos entre elas, não havia, antes do alvorecer do Século XIX, um corpo de doutrina que relacionasse os factos observados até então.

Não havia uma nomenclatura teratológica, e os factos observados não estavam sistematizados por uma classificação.

Essa honra coube a dois biólogos, um alemão e outro francês, Gurlt e Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, os quais, quási ao mesmo tempo, organizaram classificações teratológicas, que se podem considerar fundamentais.

Muitas outras classificações apareceram depois, mas nenhuma delas teve o êxito das de Gurlt e de Saint-Hilaire, que, mais ou menos modificadas, são hoje quási universalmente adoptadas.

A nomenclatura de Gurlt, ampliada por Förster e por Schwalbe, é, ainda hoje, adoptada pelos teratologistas alemães; e, modificada respectivamente por Taruffi e Vecchi, e por Ballantyne, é usada na Itália e na Inglaterra.

Em França, a-pesar-das tentativas de Cruveilhier, de Davaine e de Blanc, cujas classificações estão quási esquecidas, generalizou-se e conservou-se até hoje, com pequenas alterações, a nomen-

clatura e classificação de Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (Dareste, Lesbre, Dubreuil, etc.). Expandiu-se no estrangeiro menos que a nomenclatura germânica, mas é francamente adoptada, por exemplo, na Polónia (Jan Tur).

Dedicando-me há longos anos a estudos teratológicos, logo desde o princípio dei preferência à classificação de Saint-Hilaire, seduzido pela sua simplicidade e clareza, pela brevidade dos termos técnicos, pelo seu número bastante limitado, pela pureza com que êles foram criados, todos derivados da língua grega, e ainda pela semelhança que a classificação teratológica de Saint-Hilaire tem com as outras classificações morfológicas (Zoologia e Botânica).

A-pesar-da minha predilecção pela nomenclatura de G. Saint-Hilaire, para organizar êste ensaio de vocabulário teratológico percorri uma vasta bibliografia, que adiante vai indicada, colhendo termos técnicos desta ciência em numerosas obras. Por ordem alfabética alinharei todos os vocábulo que encontrei, pondo apenas de parte alguns que não são usados, outros cujo uso não é para aconselhar, pela sua extrema complicação, e ainda outros que não me julguei autorizado a traduzir para a nossa língua, pela minha deficiência de conhecimentos filológicos.

Neste vocabulário cada termo é seguido dum número, que indica a fonte bibliográfica onde foi colhido.

Na tradução e adaptação, para a nossa língua, dos vocábulo teratológicos, guiei-me pelos conselhos de Ramiz Galvão (Vocab. das palavras por-

tuguesas derivadas da língua grega — Rio de Janeiro 1909), Gonçalves Viana. (Vocab. ortogr. e remissivo da língua portuguesa — Lisboa 1912) e Cândido de Figueiredo (Novo Dicionário da Língua Portuguesa — Lisboa 1913).

Há todavia um ponto em que não é possível obedecer às indicações dos filólogos. Eles não admitem, por exemplo, em língua portuguesa, termos como *ciclocefaliano*, *otocefaliano*, ensinando que deve antes dizer-se *ciclocéfalo*, *otocéfalo*. Ora, como é sabido, os teratologistas precisam de empregar todos êsses termos, porque os primeiros designam famílias e os segundos referem-se aos géneros.

Para outro ponto desejo chamar a atenção dos meus ilustres consócios.

Na nomenclatura de tôdas as ciências biológicas e médicas reina uma gravíssima desordem, por se considerarem esdrúxulas grande número de palavras que de-facto o não são.

Pelo que respeita à teratologia, esforcei-me por indicar a grafia e a prosódia exacta de cada vocábulo. A acentuação gráfica dos termos do meu vocabulário obedecerá ao *Formulário ortográfico* incluído na obra de Gonçalves Viana, sobretudo nas regras XXVI e XXVII:

— «Todos os vocábulos cuja sílaba predominante seja a antepenúltima terão essa sílaba marcada com o competente acento escrito.

— O acento marcado nos esdrúxulos é diferencial com relação aos vocábulos que, escritos com as mesmas letras, tenham por sílaba predominante a penúltima ou a última».

Atentando bem na acentuação dos tѐrmos dѐste vocabulário, ver-se-á como anda errada a pronúncia de tantos tѐrmos técnicos.

*

*

*

Junto a ęste vocabulário uma bibliografia, lista dos trabalhos em que foram colhidos todos os tѐrmos. Essa bibliografia, que compreende vinte números, começa pela obra de I. Geoffroy Saint-Hilaire, onde foram estabelecidos os fundamentos da Teratologia, e termina pelo tratado monumental de Schwalbe, em que se fixa o estado actual desta ciência.

E, assim, submeto o meu trabalho à Comissão, para ela unificar, harmonizar e relacionar com os outros, de acôrdo com as palavras proferidas na nossa VI Reünião pelo Prof. H. de Vilhena (1).

Tinha pronto ęste vocabulário quando foi publicado o monumental «*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*», da Academia das Ciências de Lisboa.

Felizmente que ainda pude aproveitar a lição de Rebęlo Gonçalves, colocando entre paręntese alguns tѐrmos com a grafia por ęle aconselhada.

(1) Henrique de Vilhena — *Arq. de Anatomia e Antrop.*, XIX, pág. 350.

VOCABULÁRIO TERATOLÓGICO

A

- Aberração (1)
Ablefaria (7)
Abraquia (20)
Abraquionia (20)
Acardia (7)
Acardíaco (4)
Acefalia (1)
Acefaliano (1)
Acéfalo (1)
Acéfalo tetrámelo (7)
Aciro (4)
Acondroplasia (15)
Acormo (4)
Acrania (1)
Acrocefalia (15)
Acrocefalópago (7)
Acrocéfalo-sindacti-
lia (15)
Acrocianose (20)
Acromegalia (7)
Acromia (15)
Adactilia (11)
Adáctilo (4)
Adelfosito (9)
Aderência (3)
Aderência âmnic (7)
Adesão (3)
Afacia (18)
Agâmia (5) (Agamia
— R. G.)
Ágamo (1)
Agénese (1)
Agenesia (1)
Ágeno (1)
Agenossomo (1)
Aglossia (11)
Agnatia (7)
Ágnato (7)
Agnatocéfalo (7)
Alantóido-angió-
pago (12)
Albinismo (1)
Albino (1)
Alécano (7)
Alogandromelia (1)
Aloguermafrodi-
tismo (1)

- Alopecia (16)
 Amastia (7)
 Amazia (7)
 Amelia (4)
 Amielia (1)
 Âmnico (7)
 Âmnio (7)
 Amorfo (1)
 Amputação espon-
 tânea (7)
 Anacatadídimo (7)
 Anadídimo (7)
 Analogia (1)
 Anão (1)
 Anaplastia (20)
 Anástrofe (1)
 Anciloblefaria (1)
 Ancilobléfaro (1)
 Anciloglossia (9)
 Anciloglosso (9)
 Ancilose (3)
 Andralogomelia (1)
 Androginia (1)
 Andrógino (1)
 Anencefalia (1)
 Anencefaliano (1)
 Anencéfalo (1)
 Anenteria (20)
 Angioteria (1)
 Anidiano (1)
 Anídio (1) (Anídeo—
 R. G.)
- Aniridia (15)
 Anoftalmia (7)
 Anoftalmo (7)
 Anomalia (1)
 Anoniquia (15)
 Anopsia (1)
 Anormalidade (5)
 Anormo (5)
 Anorquia (5)
 Anteflexão (3)
 Anteversão (3)
 Anuro (7)
 Aplasia (7)
 Apleuria (1)
 Apo (7)
 Ápode (20)
 Apodia (20)
 Aprocto (7)
 Aprosofia (1)
 Aprosofo (1)
 Aquilia (7)
 Aràcnodactilia (17)
 Arrinia (1)
 Aspalassomo (1)
 Astomia (7)
 Ástomo (7)
 Atavismo (7)
 Atelia (1)
 Atelognatia (1)
 Atlodimia (1)
 Atlódimo (1)
 Atresia (1)

Atretoblefaria (1)
 Atretopsia (1)
 Atricose (15)
 Atriquia (5)
 Atrofia (1)
 Augnata (1)
 Augnato (1) (Áugnato
 — R. G.)
 Auquenómelo (7)
 Avental dos Hoten-
 totes (10)
 Axifoidia (15)

B

Batrocefalia (15)
 Bicaudado (7)
 Bicípite (7)
 Bi-fêmea (1)
 Bifurcação (1)
 Bi-macho (1)
 Bi-vitelino (7)
 Blèfarofimose (7)
 Blèfaroftose (4)
 Bôto (7)
 Braquidactilia (15)
 Braquifalanga (20)
 Braquignata (9)
 Braquignato (9)
 Braquimelia (16)
 Braquimesofalan-
 gia (20)
 Braquimetacarpia (20)

Braquimetatarsia (20)
 Braquiquilia (12)
 Braquirrinco (7)
 Braquirrino (7)
 Braquiscélico (15)
 Braquiscelia (15)
 Braquitelefalanga (20)

C

Cacogénese (1)
 Campilórrique (7)
 Campilórrino (12)
 (Campilorrinco — R.
 G.)
 Camptodactilia (15)
 Canície (15)
 Catadídimo (7)
 Cebocéfalo (1)
 Cefalidia (9)
 Cefalídio (2) (Cefalí-
 deo — R. G.)
 Cèfalocèle (7)
 Cèfalodimia (3)
 Cefalódimo (1)
 Cèfalo-hematoma (7)
 Cèfalomelia (1)
 Cefalómelo (1)
 Cèfalopagia (1)
 Cefalópago (1)
 Cèfalo-parasito (12)
 Celossomia (7)

- Celossomiano (1)
 Celossomo (1)
 Cianopatia (1)
 Cianose (1)
 Ciclocefaliano (1) (Ciclocefálico — R. G.)
 Ciclocéfalo (1)
 Ciclope (1)
 Ciclopia (7)
 Ciclotia (11)
 Cifoscoliose (7)
 Cifose (7)
 Cilose (1)
 Cilossomo (1)
 Cirropatia (1)
 Cisto branquial (7)
 Cisto dentário (7)
 Cisto dermóide (7)
 Cisto piloso (7)
 Clinocefalia (7)
 Clinocéfalo (7)
 Clinodactilia (16)
 Cloaca (1)
 Cloasma (5)
 Coccicéfalo (1)
 Coccigemelia (7)
 Coloboma (1)
 Condrodistrofia (20)
 Corectopia (15)
 Cório (5)
 Craniósquise (7)
 Cripsorque (5)
 Cripsorquia (5)
 Criptocéfalo (1)
 Criptodídimo (1)
 Criptoftalmia (7)
 Cripto-mero-raquísquise (12)
 Cripto-raquísquise (7)
- D**
- Dactilólise (7)
 Defeito (1)
 Deformidade (1)
 Degeneração (20)
 Deradelfia (1)
 Deradelfo (1)
 Derencéfalo (1)
 Dermocimia (1)
 Dermocímio (1) (Dermocima — R. G.)
 Derodimia (1)
 Deródimo (1)
 Deslocamento (1)
 Desmiógnato (9)
 Desvio (1)
 Dexiocardia (7)
 Dextrocardia (7)
 Diândria (1) (Dian-dria — R. G.)
 Diástase (3)
 Diastematencefalia (1)
 Diastematia (1)
 Diastematocrania (1)

- Diastematorrinia (1)
 Diauquenos (7)
 Dibráquio (7)
 Dicefalia (7)
 Dicéfalo (1)
 Dicnêmio (7)
 Dicordato (7)
 Diedo (11)
 Dierético (12)
 Difálico (7)
 Dígamo (1)
 Digínia (1) (Digínia
 — R. G.)
 Dignato (1)
 Dilécano (7)
 Dímero (7)
 Dioftalmo (7)
 Dioto (7)
 Dipigo (7)
 Diplocefalia (1)
 Diplociria (17)
 Diplodactilia (17)
 Diplogénese (1)
 Diplogenesia (16)
 Diplógnato (7)
 Diplotoracia (1)
 Diprosopia (7)
 Diprosopo (7)
 Dirrinia (7)
 Dirrino (7)
 Disartrose (4)
 Discromia (15)
 Disforia (17)
 Disgenesia (17)
 Disostose (12) (Disostoseose — R. G.)
 Dissómio (7)
 Distómio (7) (Distómio — R. G.)
 Distómida (7) (Distómida — R. G.)
 Districose (15)
 Divertículo (1)
 Doença azul (1)
 Dracontossomo (9)
 Duplicação (1)
- E**
- Ecstrofia (1)
 Ectocardia (16)
 Ectopagia (1)
 Ectópago (1)
 Ectopia (1)
 Ectrodactilia (1)
 Ectroftalmia (16)
 Ectromeliano (1)
 Ectrómelo (1)
 Ectrópico (7)
 Ectrossomia (16)
 Ectrosteia (11)
 Edocéfalo (1)
 Efélide (16)
 Egagropilo (7)
 Elefantíase (7)

- Emprostomeló-
 foro (1)
 Enadelfia (1)
 Encefalocele (1)
 Encondroma (20)
 Encurvamento (1)
 Endocimia (1)
 Endocimiano (1) (En-
 dócimo, sub. Endo-
 címio, adj., — R. G.)
 Endocímio (1)
 Endoprosopo amor-
 fo (7)
 Engástrico (20)
 Engastro amorfo (7)
 Engastro teratóide (7)
 Enósquio (7)
 Entrópico (7)
 Epicanto (7)
 Epicomia (1)
 Epícomo (1)
 Epicrânio (7)
 Epigastrodídimo (7)
 Epignatia (1)
 Epígnato (1)
 Epíonfalósquise (7)
 Epipigo (7)
 Epispádia (1) (Epi-
 pádias, s. f. p. — R.
 G.)
 Escafocefalia (15)
 Escelodídimo (7)
 Esclerodermia (9)
- Escólio-lordose (7)
 Escoliose (7)
 Escomelia (1)
 Esfenocéfalo (1)
 Esplancnódimo (11)
 Espondilólise (7)
 Espondilósquise (7)
 Espondilolistese (7)
 Esquistocefalia (11)
 Esquistocéfalo (7)
 (Esquizocéfalo — R.
 G.)
 Esquistodactilia (11)
 Esquistodáctilo (11)
 Esquistoglossia (4)
 Esquistognatia (11)
 Esquistógnato (11)
 Esquistomelia (11)
 Esquistómelo (7)
 Esquistoprosopia (11)
 (Esquizoprosopia —
 R. G.)
 Esquistoprosopo (7)
 Esquistossomo (1)
 Esquizocéfalo (7)
 Esquizodactilia (17)
 Esquizomelia (17)
 Esteatopigia (9)
 Estenose (7)
 Esternodimia (3)
 Esternódimo (1)
 Esternopagia (1)
 Esternópago (1)

Esternósquise (7)
 Estomocéfalo (1)
 Estomódimo (16)
 Estomópago (11)
 Estrabismo (3)
 Estrofossomo (16)
 Etmocéfalo (1)
 Eventração (1)
 Exencefaliano (1)
 Exencéfalo (1)
 Exogastro-amorfo (7)
 Exonfalia (1)
 Exonfalocele (1)
 Exoprosopo-amorfo (7)
 Exostose (1)
 Extroversão (1)

F

Feto grávido (1)
 Feto papiráceo (7)
 Fimose (15)
 Fissura (1)
 Flutuação (14)
 Focómelo (1)
 Fusão (1)

G

Gastro-acéfalo (7)
 Gastrodídimo (7)

Gastrotoracodí-
 dimo (7)
 Gastromelia (1)
 Gastrómelo (1)
 Gastro-parasito (7)
 Gastrósquise (7)
 Geminação dentá-
 ria (15)
 Gênocéfalo (18)
 Geniópago (11)
 Gerodermia (15)
 Gigante (1)
 Gigantismo (1)
 Ginândria (1) (Ginan-
 dria — R. G.)
 Ginandro (12)
 Ginècomastia (7)
 Ginècomasto (7)
 Glabrismo (5)
 Goela-de-lôbo (1)
 Gônio-quilósquise (7)
 Gravidez extra-ute-
 rina (12)

H

Heliófobo (1)
 Hemeralopia (18)
 Hemicardíaco (20)
 Hemicéfalo (1)
 Hemicefalia (1)
 Hemicéfalo (7)
 Hemi-atrofia (12)

- Hemi-hetera-
 delfo (11)
 Hemi-heterópago (11)
 Hemi-hipertrofia (12)
 Hemimelia (1)
 Hemímelo (1)
 Hemipagia (1)
 Hemípago (1)
 Hemissomia (16)
 Hemiteria (1)
 Hemivértebra (7)
 Hemofilia (18)
 Heptámelo (7)
 Hermafroditismo (1)
 Hermafrodito (1)
 Hérvnia congénita (3)
 Heteradelfia (1)
 Heteradelfo (1)
 Heteraia (1)
 Heteraliano (1)
 Heterocéfalo (7)
 Heterocronia (14)
 Heterodídimo (7)
 Heterodimia (1)
 Heteródimo (1)
 Heterogamia (5)
 Heterogénese (1)
 Heterogenesis (17)
 Heteróide (2)
 Heteroidia (9)
 Heteromorfia (1)
 Heteromorfismo (17)
 Heteromorfo (1)
 Heteromorfose (14)
 Heteropagia (1)
 Heterópago (1)
 Heteroprosopo (7)
 Heterotaxia (1)
 Heterotipia (1)
 Heterotipiano (1)
 Heterótipo (1)
 Hexámelo (7)
 Híbridez (1)
 Hibridismo (1)
 Híbrido (1)
 Hidrâmnio (7)
 Hidrencéfalocele (1)
 Hidrocefalia (1)
 Hidrócefalo (1)
 Hidrocele (s. f.) (12)
 Hidromeningocele (7)
 Hidromeningoence-
 falocele (7)
 Hidromielocele (4)
 Hidrorráquio (1)
 Hiperchromia (15)
 Hiperdactilia (7)
 Hiperencéfalo (1)
 Hiperfalangia (15)
 Hipergénese (1)
 Hipergenesia (16)
 Hipermelia (20)
 Hipermetrope (15)
 Hipermetropia (15)
 Hiperplasia (7)

Hiper-regeneração (17)
 Hipertricose (15)
 Hipertrofia (1)
 Hipodactilia (15)
 Hipofalangia (15)
 Hipogastrósquise (15)
 Hipognatia (1)
 Hipógnato (1)
 Hipoplasia (20)
 Hipo-regeneração (20)
 Hipospádia (1)
 Hipotógnato (11)
 Hipotricose (17)
 Hirsutismo (15)
 Holocardiaco (20)
 Holo-acrania (7)
 Holo-raquísquise (7)
 Homem-pêga (1)

I

Ictiose (15)
 Iliadelfia (1)
 Iliadelfo (1)
 Ílio-coccige-melia (7)
 Ílio-melia (7)
 Ílio parasito (7)
 Ílio-polímelo (7)
 Ílio-sacro-melia (7)
 Imperfuração (1)
 Infantilismo (10)

Iniencéfalo (1)
 Iniodimia (1)
 Iniódimo (1)
 Iniópago (7)
 Iniópia (1)
 Iniope (1)
 Isobraquidactilia (20)
 Ìsquio-acéfalo (7)
 Ìsquio-amorfo (7)
 Ìsquio-coccige-melia (7)
 Ìsquiodídimo (7)
 Ìsquiodimia (3)
 Ìsquiomelia (7)
 Ìsquiómelo (7)
 Ìsquiopagia (1)
 Ìsquiópago (1)
 Ìsquioparacéfalo (7)
 Ìsquio-parasito (7)
 Ìsquio-pubi-melia (7)
 Ìsquio-sacromelo (7)
 Ìsquio-sacro-parasito (12)

J

Janicéfalo (1)
 Janícepe (1) (Janícepe, Janicípite — R. G.),
 Janicepia (1)
 Janicípite-ateleio (7)
 Janicípite-teleo (7)
 Janiforme (1)

L

Lábio leporino (1)
 Làgoftalmo (7)
 Lagostomia (7)
 Lagóstomo (7)
 Làteroflexão (3)
 Làteroversão (3)
 Lècanómelo (7)
 Lècanópago (7)
 Lècano-parasito (7)
 Leontíase (7)
 Leucopatia (1)
 Língua escrotal (15)
 Litopédio (19)
 Lobulação (11)
 Lombarização (15)
 Longímáno (7)
 Lordose (7)
 Luxação congénita (3)

M

Macrocardíaco (20)
 Macrocefalia (1)
 Macrocéfalo (1)
 Macroductilia (7)
 Macrodistrofia (20)
 Macroodontismo (15)
 Macroglossia (7)
 Macrognatia (18)
 Macrógnato (18)
 Macromelia (1)

Macrómelo (7) (Macromélico — R. G.)
 Macroprosopia (1)
 Macroquilia (7)
 Macroscélico (15)
 Macroscelia (15)
 Macrossomatia (1)
 Macrossômio (12)
 Macrossomo (7)
 Macrosteia (11)
 Macrostomia (7)
 Mègalodactilia (15)
 Mègalomelia (17)
 Mègalómelo (7)
 Mègalóstomo (7)
 Melanismo (1)
 Mèlanodermia (9)
 Melanose (16)
 Melasmo (5)
 Melodídimo (7)
 Melomelia (1)
 Melómelo (1)
 Melotrídimo (1)
 Mendelismo (14)
 Meningocele (7)
 Mero-acrania (7)
 Mero-macrosomia (7)
 Mero-raquísqoise (7)
 Merossômio (12)
 Mesodídimo (7)
 Meso-episquilósquise (7)

- Meso-hiposquilós-
 quise (7)
 Meso-quilorrinós-
 quise (7)
 Mesorrinósquise (7)
 Mesógnato (7)
 Mesópago (7)
 Metamorfose (1)
 Metaplasia (20)
 Metátese (1)
 Metencéfalo (9)
 Metopagia (1)
 Metópago (1)
 Microblefaria (7)
 Microcefalia (1)
 Microcéfalo (1)
 Microdontismo (15)
 Microftalmia (7)
 Microftalmos (7)
 Micrognatia (7)
 Micrógnato (7)
 Micromastia (7)
 Micromazia (7)
 Micromelia (1)
 Microprosopo (7)
 Microscelia (16)
 Microquilia (7)
 Microssomatia (1)
 Microssomia (7)
 Microssômio (1)
 Microssomo (1) —
 (R. G.)
 Microsteia (11)
- Microstomia (7)
 Micróstomo (7)
 Mielocele (7)
 Mielocistocele (18)
 Mielósquise (20)
 Mielo-meningo-
 cele (7)
 Miope (15) (Míope —
 — R. G.)
 Miopia (15)
 Mola (1)
 Mola hidatídica (7)
 Monauquenos (7)
 Mongolismo (15)
 Monocefalia (1)
 Monocefaliano (1)
 Monocorial (12)
 Monocório (7)
 Monóculo (1)
 Monoftalmia (1)
 Monoftalmos (1)
 Monógamo (1)
 Mononfalia (1)
 Mononfaliano (1)
 Monopodia (1)
 Monópode (1) (ou
 Monopódio.—R. G.)
 Monoprosopo (1)
 Monopse (1)
 Monopsia (1)
 Monórquio (5)
 Monossomia (1)
 Monossomiano (1)

Monossomo (12)
 Monostómida (7)
 (Monóstomo — R. G.)
 Monotia (3)
 Monstro (1)
 Monstro autositá-
 rio (1)
 Monstro autosito (1)
 Monstro duplo (1)
 Monstro ônfaloso (1)
 Monstro parasitá-
 rio (1)
 Monstro parasito (1)
 Monstro por inclu-
 são (1)
 Monstro triplo (1)
 Monstro unitário (1)
 Monstros bigé-
 meos (1)
 Monstros duplos ipsi-
 lóides (16)
 Monstros duplos lamb-
 doides (16)
 Monstros duplos xioi-
 des (16)
 Monstros trigé-
 meos (1)
 Monstruosidade (1)
 Multimâmio (1)
 Mutação (1)
 Mutilação congé-
 nita (7)

N

Nanismo (1)
 Nanomelia (7)
 Manossomia (20)
 Nevo (1)
 Nictalopia (9)
 Nosencefalia (1)
 Notencefalia (1)
 Notocéfalo (1)
 Notomelia (1)
 Notomélico (1)
 Notómelo (1)

O

Obliteração (3)
 Oclusão (3)
 Octópode (7)
 Odontómilos (1)
 Oftalmocéfalo (18)
 Oftalmópago (11)
 Ôligo-âmnio (17)
 Omacefalia (1)
 Omacéfalo (1)
 Ônfalo-angiópagos (7)
 Ônfalocefalia (2)
 Ônfalocéfalo (14)
 Ônfalocèle (1)
 Ônfalo-crano-dídi-
 mo (7)
 Ônfalopagia (11)

- Onicogrifose (15)
 (Onicogripose —
 R. G.)
 Ooteca-teratóide (7)
 Opistomelóforo (1)
 Opistozigose (7)
 Opocéfalo (1)
 Opodimia (1)
 Opódimo (1) (Opodí-
 dimo — pref. R. G.)
 Ósquio-amorfo (7)
 Ósquio-teratóide (7)
 Osteogénese (20)
 Osteomalacia (20)
 Osteómilos (1)
 Osteopecilia (20)
 Osteosatirose (20)
 Osteosclerose (20)
 Otoaplasia (7)
 Otocefaliano (1)
 Otocéfalo (1)
 Oxicefalia (15)
 Oxicéfalo
- P**
- Palatósquise (7)
 Pàlingenesia (1)
 Paracefaliano (1)
 Paracéfalo (1)
 Paragem de desenvol-
 vimento (1)
 Paragnatia (1)
- Parágnato (1)
 Pàrtenogénese (13)
 Pé-bôto (1)
 Pé-chato (9)
 Pé-equino (1)
 Pé-talo (9)
 Pé-valgo (1)
 Pé-varo (1)
 Pelvadelfo (16)
 Pelvidimia (3)
 Penísquise (9)
 Pentámelo (7)
 Peracefalia (1)
 Peracéfalo (1)
 Perineómelo (7)
 Períneo-parasito (7)
 Perissodáctilo (7)
 Perociro (4)
 Perodáctilo (4)
 Perodactilia (17)
 Perómelo (4)
 Peromelia (17)
 Persistência (1)
 Pigo-amorfo (7)
 Pigodídimo (1)
 Pigomelia (1)
 Pigómelo (1)
 Pigopagia (1)
 Pigópago (1)
 Pigo-parasito (12)
 Pilosismo (5)
 Plagiocefalia (15)
 Plagiocéfalo (4)

- Pleodactilia (20)
 Pleonoto (7)
 Pleurencéfalo (9)
 Pleuro-epiquilós-
 quise (7)
 Pleuro-gastrós-
 quise (7)
 Pleurómelo (7)
 Pleuromelóforo (7)
 Pleuro-prosopós-
 quise (7)
 Pleurossomo (1)
 Pleuro-tóraco-gas-
 trósquise (7)
 Podencefalia (1)
 Podencéfalo (1)
 Poliblefaria (7)
 Policerismo (16)
 Policoria (16)
 Polidactilia (1)
 Poliembrionia (16)
 Poliesquia (1)
 Polignatia (1)
 Polignatismo (1)
 Polimastia (7)
 Polimelia (1)
 Polimeliano (1)
 Poliopsia (1)
 Polipedia (1)
 Poliotia (12)
 Polissomia (1)
 Polissomo (12)
 Politelia (7)
- Porencefalia (20)
 Portento (7)
 Pregas âmnicas (7)
 Prodígio (1)
 Proencéfalo (1)
 Prognatismo (7)
 Prógnato (7)
 Polapso (1)
 Prosòpopagia (11)
 Prosòpoparasilto (12)
 Prosopósquise (7)
 Prosòpoteratóide (7)
 Pseudocormo (4)
 Pseudencefaliano (1)
 Pseudencéfalo (1)
 Pseudónfalocé-
 falo (19)
 Pseudo-hermafrodi-
 tismo (1)
 Pubi-melia (7)
- Q**
- Quadriaurito (7)
 Quelonissomo (16)
 Quilo-gnato-palatós-
 quise (7)
 Quilósquise (7)
- R**
- Rânula (7)
 Raquicele (7)

Raquípagos (7)
 Raquíquise (7)
 Regeneração (20)
 Retroflexão (3)
 Retroversão (3)
 Rinocefalia (1)
 Rinocéfalo (1)
 Rinodímia (16)
 Rinódimo (16)
 Rinópago (11)
 Rinósquise (7)

S

Sacralização (15)
 Sacromelia (7)
 Sauromelia (11)
 Sexdigital (7)
 Sexdigitário (1)
 Sicefalia (1)
 Sicefaliano (1)
 Simbléfaro (3)
 Simelia (7)
 Simeliano (1)
 Simélio (1)
 Simpodia (1)
 Sinadelfia (1)
 Sinadelfo (1)
 Sinecefalia (7)
 Sincéfalo (7) (R. G. prefere a Sicéfalo)
 Sindactilia (1)
 Sindáctilo (1)

Sinencefalia (1)
 Sinequia (7)
 Sinerético (12)
 Sínfise (3)
 Sinfisía (1)
 Sinfisodactilia (1)
 Sinfisopsia (1)
 Sinizese (1)
 Sinopsisia (1)
 Sinorquia (5)
 Sinotia (1)
 Sinoto (1)
 Sinqúilia (12)
 Sinostose (7)
 Sínquilo (7)
 Sinssómio (7)
 Sirenómelo (1)
 Sissomia (1)
 Sissomiano (1)
 Soadelfo (16)
 Sòdimia (1)
 Sódimo (1)
 Soldadura (11)
 Somatópago (7)
 Sòmatotrídimio (1)
 Superfetação (1)

T

Teratencéfalo (13)
 Teratocéfalo (13)
 Teratódimo (18)
 Teratogenia (10)

- Teratologia (1)
 Teratoma (7)
 Teratómelo (13)
 Teratossómio (13)
 Tetrabráquio (4)
 Tetráciro (7)
 Tetradactilia (1)
 Tetradáctilo (1)
 Tetráscelo (7)
 Tetrascélico (17)
 Tetroftalmo (4)
 Tetroto (4)
 Tlipsencefalia (1)
 Tlipsencéfalo (1)
 Tóraco-acéfalo (7)
 Tóraco-dídimo (7)
 Tóraco-isquiópago (7)
 Tóraco-ônfalós-
 quise (7)
 Tóraco-paracéfalo (7)
 Tóraco-parasito (12)
 Toracósquise (7)
 Tóraco-teratóide (7)
 Toradelfia (1)
 Toradelfo (1) (R. G.
 prefere Toracadelfo).
 Torção (11)
 Torcicolo (7)
 Transposição visce-
 ral (1)
 Traquelo-amorfo (7)
 Traquelo-parasito (12)
- Traquelósquise (7)
 Traqueloteratóide (7)
 Tri-atlódimo (1)
 Tribráquio (4)
 Tricéfalo (1)
 Tridáctilo (1)
 Tri-dero-atlódimo (1)
 Tri-deródimo (1)
 Trígnato (7)
 Trigonocefalia (15)
 Trigonocéfalo (7)
 Tri-iliadelfo (1)
 Tri-iniódimo (1)
 Trimâmio (7)
 Triocéfalo (1)
 Trioftalmo (4)
 Tri-opódimo (1)
 Trioto (4)
 Tri-parágnato (1)
 Triprosopo tristó-
 mio (7)
 Triquíase (1)
 Triscélico (7) (Trís-
 celo — R. G.)
 Trissômio (7)
 Trístomo (7)
 Trixifópago (1)
 Tubérculo de Dar-
 win (7)
- U**
- Univitelino (7)

Uradelfo (16)

Urómelo (1)

V

Variação (1)

Variedade (1)

Vasos aberrantes (1)

Vício de conforma-
ção (1)

Virago (1)

X

Xifodimia (1)

Xifódimo (1)

Xifopagia (1)

Xifópago (1)

Z

Zigomorfo (1)

Zoomiliano (1)

Zoómilo (1)

X

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

X

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

X

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

Xilobina (1)

BIBLIOGRAFIA

- 1) ISIDORE GEOFFROY SAINT-HILAIRE: *Histoire générale et particulière des anomalies de l'organisation chez l'homme et les animaux*. Paris, 1832.
- 2) CHARVET: *Recherches pour servir à l'histoire générale de la monstruosité*. Paris, 1827.
- 3) CRUVEILHIER: *Traité d'Anatomie pathologique générale*. I. Paris, 1849.
- 4) FÖRSTER: *Die Missbildungen des Menschen systematisch dargestellt*. Jena, 1861.
- 5) DAVAINE: *Monstres. Monstruosités*. («Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicales» — Directeur: A. DECHAMBRE. IX. Paris, 1875).
- 6) DARESTE: *Production artificielle des monstruosités*. Paris, 1877.
- 7) TARUFFI: *Storia della Teratologia*. Bolonha, 1881-1894.
- 8) PRINCETEAU: *Progrès de la tératologie depuis I. G. Saint-Hilaire*. Paris, 1886.
- 9) GUINARD: *Précis de tératologie*. Paris, 1893.
- 10) LOUIS BLANC: *Les anomalies*. Paris, 1893.
- 11) LOUIS BLANC: *Exposé d'une classification tératologique*. («Annales de la Société Linnéenne de Lyon», 1894).
- 12) BALLANTYNE: *Manual of antenatal pathology and hygiene. The embryo*. Edimburgo, 1904.
- 13) M. DUVAL & MULON: *Pathogénie générale de l'embryon*. («Nouveau Traité de Pathologie Générale de BUCHARD & ROGER». I. Paris, 1912).
- 14) RABAUD: *La tératogénèse*. Paris, 1914.

- 15) DUBREUIL-CHAMBARDEL: *Les variations du corps humain*. Paris, 1925.
- 16) LESBRE: *Traité de tératologie*. Paris, 1927.
- 17) VECCHI: *Teratologia generale* (Tratato di Anatomia patologica dal Prof. P. Foà. Turim, 1923).
- 18) DUBREUIL: *Tératologie* («Encyclopédie Médico-chirurgicale». Paris, s. d.).
- 19) JAN TUR: *Potwori i ich rozvoj*. Varsovia, 1927.
- 20) SCHAWALBE: *Die Morphologie der Missbildungen*, Jena, 1906-1937.



ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	5
Prefácio	9
Cap. I—Vocabulário anatómico popular	23
Cap. II—Bernardo Santucci e a nomenclatura anatómica portuguesa	63
Cap. III—A linguagem anatómica de Fernão Lopes	79
Cap. IV—A linguagem anatómica de Gil Vicente	143
Cap. V—Vocabulário teratológico	203



INDICE

del

LIBRO

2	Delibato
3	Preludio
54	Cap. I -- Vocabulario antológico popular
63	Cap. II -- Breve historia del lenguaje y nomenclatura anti- loga
70	Cap. III -- A ligazón con el lenguaje de Ezequiel
73	Cap. IV -- A ligazón con el lenguaje de El Virrey
80	Cap. V -- Vocabulario antológico

ERRATAS

Pág.	Linha	<i>Onde se lê:</i>	<i>Leia-se:</i>
14	12	5,6	6,7
39	1	A	À
46	4	dissimula	disimula
46	7	miñas	niñas
47	16	cutênea	cutânea
50	7	de	da
68	24	decalcado	decalcada
108	9	diz do	dizêdo
175	24	<i>Lisitânia</i>	<i>Lusitânia</i>

ERRATA

Page	Line	Old	New
14	12	26	27
20	1	A	A
46	1	dissimilis	dissimilis
46	3	affix	affix
47	16	catena	catena
50	7	de	de
62	24	decalcata	decalcata
108	9	dux de	dux de
172	24	Latina	Latina

OS MELHORES DICIONÁRIOS ESCOLARES:

Português , pelo Dr. Francisco Torrinha	25\$00
Português-Ingês , pelo P. Júlio Albino Ferreira — edição completa	70\$00
Idem, edição escolar	40\$00
Ingês-Português , pelo mes- mo autor edição completa	60\$00
Idem, edição escolar	35\$00
Português-Latino , pelo Dr. Francisco Torrinha	60\$00
Português - Francês , pelo Dr. José de Sousa Vieira	15\$00

Todos belamente encadernados

Preço 10\$00